



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

Patrick Sean Mascarenhas

**De ossos, viagens e pesquisa científica: os levantamentos de materiais
sensíveis pelos naturalistas alemães no Brasil do século XIX**

Florianópolis
2025

Patrick Sean Mascarenhas

**De ossos, viagens e pesquisa científica: os levantamentos de materiais
sensíveis pelos naturalistas alemães no Brasil do século XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Edviges Marta Ioris

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Mascarenhas, Patrick Sean

De ossos, viagens e pesquisa científica : os levantamentos de materiais sensíveis pelos naturalistas alemães no Brasil do século XIX / Patrick Sean Mascarenhas ; orientador, Edviges Marta Ioris, 2025.
168 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. acervos sensíveis. 3. crânios. 4. naturalistas. 5. viajantes. I. Ioris, Edviges Marta. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Patrick Sean Mascarenhas

**De ossos, viagens e pesquisa científica: os levantamentos de materiais
sensíveis pelos naturalistas alemães no Brasil do século XIX**

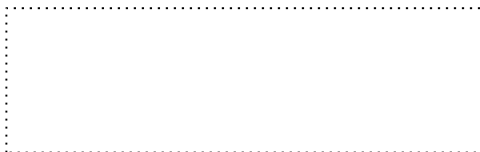
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia.

Florianópolis, 02 de dezembro de 2025.



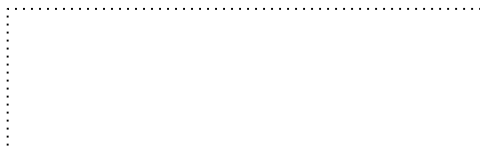
Profa. Dra. Karine Lima da Costa Coordenação do Curso

Banca examinadora

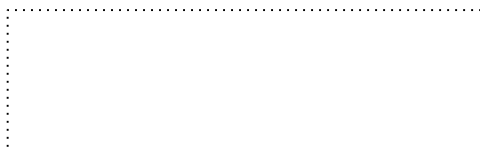


Orientadora: Profa. Dra. Edviges Marta Ioris

Orientadora



Profa. Dra. Maria Eugenia Dominguez
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Karine Lima da Costa
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2025.

Dedico este trabalho a minha mãe Yasmin, que me acompanhou na minha mudança para Florianópolis, me incentivou dia a dia para vencer as barreiras da minha neurodiversidade e foi fundamental para me fazer chegar à conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora desse TCC, Edviges Marta Ioris, por me acompanhar, me orientar e me incentivar desde a disciplina Antropologia Brasileira, na quarta fase, e durante a Iniciação Científica, contribuindo para minha trajetória acadêmica.

Agradeço a todas as professoras e professores do Curso de Museologia da UFSC, que participaram da minha formação com importantes contribuições durante as disciplinas cursadas no decorrer da graduação, em especial, à Thainá Castro Costa e à Renata Cardozo Padilha, pelos valiosos ensinamentos práticos em museologia, à Daniela Queiróz Campos e à Maria Eugenia Dominguez, por aprofundarem meus conhecimentos em Artes, e à Valdemar de Assis Lima, o Vavá, professor que me acolheu na Fazendinha em minha primeira visita.

Agradeço a todos os meus colegas de curso, companheiros de jornada, em especial ao Luís Paulo, minha primeira dupla no primeiro dia de aula, à Andreia, companheira de muitos escritos, ao Núcleo 3 (Andreia, Cecília, Gabriel e Luís Paulo), e à Líbia, com quem realizei o último trabalho em grupo, no GT Educativo.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa, Descolonização dos Museus e da Museologia, em especial à professora Karine Lima da Costa, por despertar meu interesse em pesquisa.

Agradeço ao Instituto Memória e Direitos Humanos (IMDH) da UFSC, onde realizei meu estágio voluntário, em especial a Graziela Martins de Medeiros.

Agradeço a Banca do meu TCC Profa. Dra. Maria Eugenia Dominguez, Profa. Dra. Karine Lima da Costa e Profa. Dra. Edviges Marta Ioris, pelas contribuições valiosas.

Agradeço aos funcionários e servidores do MARquE, local do meu estágio, pela generosidade em me receber como estagiário, em especial a Aline Pessoa da Ascensão Alcoforado, minha supervisora.

Agradeço aos meus amigos de São Paulo que me incentivaram à distância, em especial Clarissa, Isabela, Marilene, Rose, Samuel e Sonia.

Agradeço a minha família, incentivadores contínuos dos meus estudos, em especial à minha mãe Yasmin, ao meu pai Neil e à minha avó Marieta.

E agradeço à UFSC, universidade pública e inclusiva, que me acolheu generosamente.

"The world dies over and over again, but
the skeleton always gets up and walks."

Henry Miller

RESUMO

Desde o século XVI, após a chegada dos portugueses ao Brasil, houve coleta predatória da natureza para fins mercantilistas. No entanto, no século XIX, com a vinda da família real portuguesa em 1808, a esta se adicionou a coleta científica. Naturalistas viajantes coletaram milhares de materiais em suas expedições pelo Brasil, principalmente, biológicos, como plantas e animais e, particularmente, materiais sensíveis, como restos humanos. Os principais beneficiários dessa aquisição indiscriminada de nosso patrimônio natural e cultural foram os museus europeus e, no caso de restos humanos, os impérios prussiano e austro-húngaro no séc. XIX. Essa pesquisa qualitativa, descritiva, documental e bibliográfica objetiva conhecer, a partir dos relatos escritos de viajantes naturalistas alemães do século XIX, como foi realizado e descrito o processo de coleta e entrega de objetos sensíveis brasileiros para formação dos acervos de museus europeus alemães. Investigando as circunstâncias dessas operações de coletas, este estudo focaliza os trabalhos de vinte e quatro naturalistas selecionados. Como resultado, foram encontradas vinte e sete expedições científicas percorridas por esses naturalistas, principalmente nas regiões Sudeste e Norte, por onde onze naturalistas coletaram crânios e quatro traficaram crianças indígenas para a Europa. Os diários desses naturalistas descrevem parcialmente a coleta de crânios, no entanto, pouco detalham como foi a entrega desses materiais sensíveis aos museus.

Palavras-chave: Acervos sensíveis; Crânios; Remanescentes humanos; Naturalistas; Viajantes.

ABSTRACT

Since the 16th century, after the arrival of the Portuguese in Brazil, predatory collection of nature for mercantilist purposes was conducted. However, in the 19th century, with the arrival of the Portuguese royal family in 1808, scientific collection was added. Traveling naturalists collected thousands of materials during their expeditions through Brazil, mainly biological ones such as plants and animals, and particularly sensitive materials, such as human remains. The main beneficiaries of this indiscriminate acquisition of our natural and cultural heritage were European museums and, in the case of human remains, the Prussian and Austro-Hungarian empires in the 19th century. This qualitative, descriptive, documentary, and bibliographic research aims to understand, based on the written diaries of German traveling naturalists from the 19th century, how the processes of collection and delivery of sensitive Brazilian objects for the formation of German European museum collections were carried out and described. By investigating the circumstances of these collection operations, this study focuses on the work of twenty-four selected naturalists. As a result, twenty-seven scientific expeditions carried out by these naturalists were found, mainly in the Southeast and North regions, where eleven naturalists collected skulls and four trafficked indigenous children to Europe. The diaries of these naturalists partially describe the collection of skulls; however, they provide little detail on how these sensitive materials were delivered to museums.

Keywords: sensitive collections; skulls; human remains; naturalists; travelers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1 - Ernst von Bibra em seu castelo, gravura de Lorenz Ritter	73
Figura 3.2 -Fotografia frontal e lateral que acompanhava medições de Ehrenreich .	75
Figura 3.3 – Detalhe do "Novo Mappa da Capitania de Minas Geraes" de Eschwege (1821)	77
Figura 3.4 – ilustração de Carl Peter Thunberg no livro “Plantarum Brasiliensium ” de uma orquídea coletada por Freyreiss e entregue a Universidade de Uppsala	80
Figura 3.5 – Print da página 34 do Catálogo da Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural Senckenberg	80
Figura 3.6- Ilustração dos crânios coletados por Hensel em seu artigo	82
Figura 3.7- Fotografia da mulher indígena (à esquerda) que morreu afogada e posteriormente seu crânio foi examinado por Ihering	84
Figura 3.8 – Print da página 44 do Catálogo Antropológico da Universidade de Freiburg	88
Figura 3.9 – Fazenda Mandioca de Langsdorff, Aquarela de Thomas Ender	88
Figura 3.10- Ilustração de Florence da cabeça-troféu coletada por Langsdorff	89
Figura 3.11 – Desenho de Martius “As margens do Rio Itaípe na Província da Bahia”	92
Figura 3.12 - Pranchas XXXVII e XXXVIII do livro de Spix de 1823	93
Figura 3.13 – Ilustração do crânio do “botocudo” coletado por Wied-Neuwied	95
Figura 3.14 – Litogravura de Custodio	100
Figura 3.15 – Desenho de Miranha (à esquerda) e Juri (a direita)	101
Figura 3.16 - "Quäck, o Botocudo.", desenho anônimo, ca. 1818	104
Figura 4.1 – Capa do diário de Paul Ehrenreich: Expedição ao Xingu 1887-1888 .	121
Figura 4.2 – Crânio com inscrição na testa, coletado por Wied-Neuwied: 1818	122
Figura 4.3 – Sala de pesquisa anatômica Universitätsmedizin Charité	124
Figura 4.4– Cabeça-troféu coletada por Spix e Martius, acervo do Museu Cinco Continentes	127
Figura 4.5– Vista da Coleção de Anatomia, 1900	128
Figura 4.6 – Detalhe do nº 1308 da lista da Coleção Ecker	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 2.1 – Curso de graduação	40
Gráfico 2.2 – Curso pós-graduação	41
Gráfico 2.3 – Regiões exploradas pelas expedições	59
Gráfico 4.1 – Localização dos Museus com acervo de crânios brasileiros	112
Gráfico 4.2 – Século de fundação dos Museus com acervo de crânios brasileiros	113
Gráfico 4.3 – Tipologia dos Museus com acervo de crânios brasileiros	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: nação	36
Quadro 2.2- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: origem	37
Quadro 2.3- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: formação	39
Quadro 2.4- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: profissão	42
Quadro 2.5- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: sociedades científicas	44
Quadro 2.6- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: universidade e museu	46
Quadro 2.7- Recursos financeiros e institucionais	48
Quadro 2.8- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: análise temporal	51
Quadro 2.9- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: explorações	56
Quadro 2.10- Rede de relações entre naturalistas	60
Quadro 2.11- Coletas dos Naturalistas alemães do século XIX no Brasil	62
Quadro 2.12- Coletas por tipo	63
Quadro 2.13- Publicações sobre o Brasil escritas pelos naturalistas	65
Quadro 3.1 – Coleta de crânios no Brasil pelos naturalistas alemães: século XIX	69
Quadro 3.2 – Coleta de pessoas vivas pelos naturalistas alemães: século XIX	98
Quadro 4.1 - Museus que abrigam crânios coletados pelos naturalistas alemães no Brasil no século XIX: criação e localização	111
Quadro 4.2 - Museus que abrigam crânios coletados pelos naturalistas alemães no Brasil no século XIX: Tipologia e acervo	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 Instrução formal dos naturalistas alemães	40
Tabela 2.2 Financiamento da viagem	48
Tabela 2.3 Vinculação do naturalista	49
Tabela 2.4 Viagem dos naturalistas alemães: por década	52
Tabela 2.5 Idade dos naturalistas alemães na chegada ao Brasil	52
Tabela 2.6 Tempo de permanência no Brasil dos naturalistas alemães.....	53
Tabela 2.7 Estados do Brasil visitados pelos Naturalistas	55
Tabela 2.8 Coletas realizadas pelos naturalistas	63
Tabela 2.9 Pesquisas desenvolvidas pelos Naturalistas	66
Tabela 4.1- Acervo dos Museus que possuem crânios brasileiros	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AB	Antropologia Biológica
BAdW	Bayerischen Akademie der Wissenschaften
BD	Biblioteca Digital
BHL	Biodiversity Heritage Library
BMPEG	Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD	Conselho Deliberativo
Cecult	Centro de Pesquisa em História Social da Cultura
CTA	Comissão Técnica Administrativa
EM	Ethnologisches Museum
ETHCOM	ICOM Standing Committee
GA	Georg-August-Universität Göttingen
IAI	Ibero-Amerikanische Institut
ICOM	International Council of Museums
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IHGSP	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
KI	Karoliska Institut
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
MARKK	Museum am Rothenbaum Kulturen und Künste
MFK	Museum Fünf Kontinente
MHN	Museu de História Natural
MP	Museu Paulista
MDZ	Munich Digitization Center
NAGPRA	Native American Graves Protection and Repatriation Act
NHMW	Naturhistorisches Museum Wien
NR	Naturhistoriska Riksmuseet
RNOD	Registro Nacional de Objetos Digitais
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SNS	Senckenberg Naturhistorische Sammlungen
SPK	<i>Stiftung Preußischer Kulturbesitz</i>
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFr	Universität Freiburg
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
Zobodat	Zoological Botanical Database

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	O TEMA E AS QUESTÕES DA PESQUISA	16
1.2	DE ENCONTRO AO TEMA	17
1.3	A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA E SUAS ABORDAGENS	20
1.4	APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS	25
1.5	ESTRUTURA DO TCC	29
2	OS NATURALISTAS ALEMÃES DO SÉCULO XIX.....	30
2.1	CARACTERIZAÇÃO DOS NATURALISTAS ALEMÃES	33
2.1.1	Origem social local de nascimento dos naturalistas	33
2.1.2	Formação e vínculos profissionais dos naturalistas	36
2.1.3	Relações sociais: filiações científicas e vínculos institucionais	42
2.2	VIAGEM AO BRASIL: MAPEAMENTO GEOGRÁFICO, TEMPORAL E SOCIAL DAS EXPLORAÇÕES.....	45
2.2.1	Fontes de recursos para as viagens.....	45
2.2.2	Temporalidade das viagens.....	48
2.2.3	Locais visitados.....	52
2.2.4	As explorações realizadas.....	53
2.2.5	Rede de relações entre naturalistas no Brasil	58
2.2.6	As coletas realizadas pelos naturalistas	60
2.3	A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS NATURALISTAS A PARTIR DE SUAS VIAGENS: DIÁRIOS, LIVROS E ARTIGOS	63
3	O COLECIONISMO DE CRÂNIOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FUNDAMENTAÇÃO DO RACISMO CIENTÍFICO.....	67
3.1	OS COLETORES DE CRÂNIOS.....	70
3.1.1	Bibra, o acumulador	75
3.1.2	Ehrenreich, o etnólogo fotógrafo	76
3.1.3	Eschwege, o engenheiro naturalista.....	79
3.1.4	Freyreiss, o autodidata	81
3.1.5	Hensel, o caçador.....	84
3.1.6	Ihering, de coletor do Museu Nacional a diretor do Museu Paulista	85
3.1.7	Langsdorff, o cônsul	89
3.1.8	Spix, zoólogo, e Martius, botânico: uma dupla de pesquisadores	92
3.1.9	Wied-Neuwied, o príncipe	97

3.2	COLETORES DE PESSOAS VIVAS	100
3.2.1	Lansdorff e a criança acervo	102
3.2.2	Spix e Martius e as crianças antagonistas.....	102
3.2.3	Wied-Neuwied, e o menino guia.....	106
4	A FORMAÇÃO DOS MUSEUS DO SÉCULO XIX E A COLETA DE CRÂNIOS.....	109
4.1	A EMERGÊNCIA DOS MUSEUS CIENTÍFICOS E A CATALOGAÇÃO DO MUNDO	109
4.2	MUSEUS COM CRÂNIOS COLETADOS PELOS NATURALISTAS ALEMÃES NO BRASIL NO SÉCULO XIX.....	114
4.2.1	<i>Ethnologisches Museum (EM) Berlin / Museu de Etnologia de Berlim</i>	122
4.2.2	<i>Ibero-Amerikanische Institut (IAI) / Instituto Ibero-americano</i>	123
4.2.3	<i>Blumenbachsche Schädelammlung der Georg-August-Universität Göttingen (GA) / Coleção de Crânios de Blumenbach da Universidade Georg-August de Göttingen</i>	124
4.2.4	<i>Naturhistoriska Riksmuseet (NR) / Museu Riks de História Natural</i>	126
4.2.5	<i>Institute der Charité – Universitätsmedizin - Berlin / Instituto Charité da Universidade de Medicina de Berlim</i>	127
4.2.6	<i>Museu Paulista (MP) / Museu do Ipiranga</i>	128
4.2.7	<i>Naturalienkabinett der Bayerischen Akademie der Wissenschaften (BAW) / Gabinete Natural da Academia de Ciências da Baviera</i>	128
4.2.8	<i>Senckenberg Naturhistorische Sammlungen (SNS) – Dresden / Coleção de História Natural de Senckenberg</i>	130
4.2.9	<i>Anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg (UFR) / Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg</i>	131
4.2.10	<i>Anthropologische Sammlung Der Anatomischen Museums der Universität Bonn/ Coleção Antropológica do Museu de Anatomia da Universidade de Bonn</i>	133
5	CONCLUSÕES.....	135
	REFERÊNCIAS	140
	APÊNDICE A – LISTA DO CECULT/UNICAMP	155
	APÊNDICE B - LISTA DE OBERHEIMER	158
	APÊNDICE C- LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO CAPES	161

1 INTRODUÇÃO

1.1 O TEMA E AS QUESTÕES DA PESQUISA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda como os viajantes naturalistas alemães do século XIX que percorreram o Brasil descreveram a coleta e entrega de materiais sensíveis brasileiros para formação dos acervos de museus europeus, a partir da leitura e análise de seus diários de viagem científica. Estes viajantes naturalistas eram pesquisadores cientistas que coletavam informações tanto do mundo natural quanto social, visando análises posteriores nas instituições de ensino e pesquisa da Europa.

Estes naturalistas destacaram-se no século XIX realizando expedições científicas por várias regiões do Brasil, produzindo obras que foram cruciais para os estudos sobre o país, e forneceram exemplares do mundo natural que abasteceram os laboratórios dos museus europeus para a elaboração de suas teorias científicas. No caso da Alemanha, como bem destacou Glenn Penny (2002) em seu livro *"Objects of Culture: Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany"*, entre eles encontram-se quatro grandes museus etnográficos: em Hamburgo (cidade-estado), Berlim (reino da Prússia), Leipzig (reino da Saxônia) e Munique (reino da Bavária), quatro cidades com características muito distintas. Hamburgo era uma cidade livre e um porto mercantil, Leipzig um centro comercial sem litoral, Berlim um importante polo industrial, e Munique, capital da Baviera, cosmopolita com suas múltiplas associações cívicas. Esses museus disputavam prestígio entre si, se comparavam também em relação a outras "cidades do mundo" e se esforçavam para acompanhar o ritmo das conquistas científicas e culturais (Peny, 2002) e, assim, estimulavam as coletas.

Essas coletas de expedições pelo Brasil, inclusive materiais biológicos, como plantas e animais vivos e, particularmente materiais sensíveis, como restos humanos, não seguiam nenhum procedimento que hoje consideraríamos como éticos. Naturalistas utilizaram pessoas escravizadas em suas expedições, apesar de criticarem a escravidão, vilipendiavam túmulos para obter crânios, e traficaram inclusive pessoas, membros de povos originários para a Europa, onde serviram tanto para pesquisa quanto para entretenimento, performando em zoológicos humanos (Koutsoukos, 2020; Vieira, 2019), sendo tratados como mercadoria e objeto de estudo.

Os principais beneficiários dessa aquisição indiscriminada de materiais sensíveis e de nosso patrimônio natural e cultural foram os museus europeus. No entanto, os viajantes também vendiam seu espólio ao mercado de colecionadores privados para retroalimentar a continuidade de suas coletas. Quanto mais “exótico” o produto da colônia, maior interesse despertava na metrópole. Outra forma de financiamento dos naturalistas viajantes era a publicação de seus relatos, que apresentavam um estilo singular, associando rigor acadêmico que garantisse certificação científica e um gênero literário próprio para despertar o interesse dos leitores leigos, a fim de alcançar apelo popular (Petschelies, 2019).

Desde a chegada dos portugueses ao Brasil houve coleta predatória da natureza para fins mercantilistas. No entanto, no século XIX, com a vinda da família real portuguesa em 1808, a esta se adicionou a coleta científica, patrocinada tanto pela coroa portuguesa quanto pelas nações aliadas, que enviaram naturalistas que coletaram expressiva quantidade de materiais biológicos e etnográficos inclusive materiais sensíveis como restos humanos. Porém, será que é possível determinar o real montante do patrimônio brasileiro que foi levado à Europa?

Essa pergunta revela a complexa mercantilização dos restos humanos dos povos originários das colônias o que suscita outras perguntas: essa coleta de materiais sensíveis foi registrada nos diários de viagens dos naturalistas? Se sim, como se processou a escrita? É possível traçar o caminho e localização desses materiais sensíveis? É possível localizar a destinação? Estas são as principais questões norteadoras deste Trabalho de Conclusão de Curso.

1.2 DE ENCONTRO AO TEMA

Esses questionamentos surgiram como motivação para o tema de pesquisa desse TCC e me proporcionou a minha aproximação com a Antropologia, no segundo ano do curso de graduação em Museologia, quando cursei a disciplina Antropologia Brasileira (ANT 7021), ministrada pela Professora Edviges Ioris. Nessa disciplina, illustrei com relatos de viajantes acerca de sua opinião sobre a miscigenação brasileira no século XIX para responder a uma prova sobre a problemática da conceituação de raças. Para tanto, utilizei textos extraídos de diários de viajantes traduzidos para o português disponíveis online no site do Senado Federal. A professora sugeriu, então, que esse tema poderia ser meu TCC.

Mas como conciliar o tema diário de viajantes com a Museologia para o TCC? Coletas? Mas que coleta dos viajantes pesquisar?

Realizei então um levantamento inicial do que havia sido publicado sobre os viajantes e me deparei com relatos de naturalistas que levaram pessoas pertencentes a povos originários para Europa, para pesquisa e entretenimento, e coletavam crânios, inclusive de forma indevida, por meio de comércio e saques a túmulos.

Quando produzi a revisão bibliográfica com levantamento na base de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e de artigos do *Scientific Electronic Library Online* do Brasil (SciELO/Brasil) pesquisando “naturalistas” and “viajantes”, não encontrei nenhuma produção que pesquisasse especificamente a coleta de crânios, apenas menções a essa prática. Foi, então que me chamou a atenção a falta de informações a respeito de um tema tão sensível, e por esse motivo decidi adentrar por esta investigação.

A escolha pelos naturalistas alemães decorre de sua vinculação a Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), que foi um antropólogo e zoólogo alemão, considerado o "Pai da Antropologia Física". As suas pesquisas descreviam a variação racial humana, fundamentando sua classificação a partir da análise do crânio, configuração facial, e pela cor da pele, propondo a divisão da espécie humana em cinco raças: a caucasiana ou branca, a mongol ou amarela, a malaia ou marrom, a negra ou preta e a americana ou vermelha. Foi professor de alguns dos viajantes naturalistas que estiveram no Brasil, como Maximilian Wied-Neuwied (1782-1867), que levou um crânio que foi analisado por Blumenbach que o caracterizou como o “*mais próximo que viu do orangotango*” (Carneiro da Cunha, 1992, p. 134).

Também decorre do fato de que na Alemanha a circulação de informações impressas sobre a América desde a conquista no século XVI foi intensa. O país foi pioneiro na impressão de textos em forma de panfletos, crônicas, relatos de viagem, mapas e volumes pictóricos, como apontou Karen Lisboa (2002) em sua tese de doutorado “Viajantes de língua alemã no Brasil”, na qual analisa os diários de viagem de Spix e Martius. A autora destaca que as regiões de Nuremberg, Frankfurt e Basileia se tornaram verdadeiros centros editoriais, sendo que nenhum outro lugar no mundo publicava mais literatura de viagem do que a Alemanha desde o século XVI, que, mesmo não participando ativamente na Conquista, manteve estreito contato com os impérios colonizadores e seus centros editoriais que publicaram muitos títulos sobre o chamado “novo mundo”.

Delineado o problema comecei minha pesquisa com um projeto de Iniciação Científica sob orientação da Professora Edviges, em setembro de 2024, e passei a analisar listas de viajantes alemães, recorrendo a duas bases de dados em que discriminei o século, a nacionalidade e a profissão de todos os autores viajantes e, dentre os alemães do século XIX, selecionei naturalistas, zoólogos e botânicos e profissionais afins:

1- “Viajantes no Brasil, séculos XVIII e XIX” do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) que totaliza 588 verbetes com 545 autores, destes 78 alemães, sendo catorze naturalistas alemães do século XIX (Apêndice A) e,

2- Publicações sobre o Brasil em Língua Alemã (1500-1900) de Oberheimer (2011) com 913 verbetes de 525 autores, sendo 309 alemães, 268 do século XIX, resultando uma lista de 24 viajantes, entre naturalistas (12), zoólogos (5), botânicos (4), um médico, um antropólogo, um biólogo e um arqueólogo (Apêndice B).

Dessas duas listas foram selecionados 24 naturalistas alemães do século XIX para realizar uma pesquisa aprofundada e verificar quais coletaram crânios, descrever seus procedimentos de coleta de materiais sensíveis pelo Brasil.

Assim o objetivo geral desse TCC é investigar, a partir dos relatos escritos dos viajantes naturalistas alemães do século XIX, como foram realizados e descritos os processos de coleta e entrega de objetos sensíveis brasileiros para formação dos acervos de museus europeus alemães. Este estudo leva em consideração a atualidade da discussão acerca de descolonização e restituição de remanescentes humanos de povos originários e, como de pessoas, os crânios passaram a ser objetos científicos, que serviram para justificar o racismo científico.

Para tanto, os objetivos específicos dessa pesquisa que buscam alcançar seu objetivo maior centram-se em verificar se é possível traçar o caminho percorrido pelos crânios humanos de sua origem ao seu destino a partir do relato dos diários; investigar as circunstâncias do processo de coleta dos restos humanos: se foi saqueado de cemitério, comprado pelo viajante ou doado, se uma pessoa foi assassinada para esse fim ou em faleceu em uma disputa, ou ainda relacionado a uma fatalidade como uma doença, ou por algum outro meio; e analisar como o viajante descreve, ou não, o processo de coleta e entrega do material sensível.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva documental e bibliográfica. Documental, pois trata-se de análise de diários de viagens de naturalistas, cuja pesquisa, de acordo com Antônio Gil (2008), recorre a materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, sendo diários documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico. É retrospectiva, pois diários são escritos compilados pelo autor após o acontecimento (Marconi, Lakatos, 2002. p. 63). E bibliográfica, pois além do desenvolvimento da fundamentação teórica e das pesquisas relacionadas ao tema, é necessária para o levantamento de autores de origem alemã de diários de viagem.

Para a leitura e estudo dos diários recorreu-se à análise de conteúdo (Bardin, 2011), pelo método que faz uso principalmente de dados brutos que ocorrem naturalmente, e permite lidar com grandes quantidades de dados. Além disso, adequou-se a dados históricos e oferece um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados (Bauer, 2002.p. 212).

1.3 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA E SUAS ABORDAGENS

Verifica-se atualmente um crescente interesse em pesquisas sobre diários de viagem e os modos como estes naturalistas conduziam seus levantamentos de campo, que, duravam anos de imersão pelo interior do país. Estes estudos têm assinalado como estes relatos de viajantes não são meros constructos literários, como constituem agências relevantes na construção da representação e propaganda do país, nacional e internacionalmente. Além disso, demonstram como estes naturalistas colaboraram na formação de uma identidade nacional, instituída sob preceitos nobiliárquicos, contribuíram no conhecimento de vasta parte do território brasileiro que perdurava sem informações nos mapas oitocentistas e favoreceram a legitimação de padrões de conduta de colonizadores e colonizados (Araújo; Sarraf-Pacheco, 2023, p. 2-3).

João Pacheco de Oliveira (2007) enfatiza que a etnografia dos viajantes não pode ser vista como unidade homogênea, pois cada viajante obedece a pressões econômico sociais bem distintas e serve-se de esquemas mentais muito diferentes, e conclui que a categoria viajante se revela uma base enganosa para propiciar a

homogeneidade das descrições de que precisaria o antropólogo atual para utilizar tais relatos como uma verdadeira etnografia (Pacheco de Oliveira 2007, p. 134).

Para esta pesquisa de TCC, procedi primeiramente com um grande levantamento bibliográfico para trazer a dimensão que este campo de estudo tem alcançado, especialmente sobre os naturalistas alemães e suas coletas sobre materiais sensíveis. A revisão bibliográfica de artigos do Scielo/Brasil com as palavras “viajante” e “naturalista” não encontrou coleta de crânios. Foram encontrados sete artigos, destes quatro citam alemães e foram publicados entre 1995 e 2021 (Antunes, Moreira, Massarani, 2015; Cancela, 2021; Kury, 2021; Leite, 1995).

Cancela (2021) revisita o relato de Maximiliano de Wied-Neuwied focando nas contribuições dos registros da expedição para a história natural, particularmente da flora do atual extremo sul da Bahia. Antunes, Moreira e Massarani (2015) que citam Spix, Martius e Keller-Leuzinger, focaram na iconografia comparando oito imagens. Kury (2001), que cita Martius e Spix, além do francês Saint-Hilaire destaca que esses viajantes além de produzirem ciência, registravam impressões subjetivas e Leite (1995) que cita Spix, Martius e Wied-Neuwied analisa o processo de coleta e colecionismo e classificação dos reinos naturais da América do século XIX.

A pesquisa da CAPES realizada em maio de 2025 com a palavras “naturalista e viajante” resultou em 139 produções datadas de 1990 a 2024, destas 101 referem a viajantes naturalistas, 89 produções do século XIX que estiveram no Brasil, sendo que onze não estão digitalizadas, sendo possível verificar apenas em duas que citam alemães, as demais nove não estão especificadas no título. Destas, 39 analisam alemães (Apêndice C). Foram encontrados dezoito viajantes naturalistas alemães em 89 citações nas produções acadêmicas, sendo Martius (20) o mais citado, seguido de Spix (14), Rugendas (11), Wied-Neuwied (10) e Eschwege (9)¹.

Quanto ao tema das 39 produções sobre naturalistas alemães a principal é a análise da natureza e da paisagem (14), sendo Amazônia (4), Minas Gerais (4) Rio de Janeiro (2), Espírito Santo (1), Goiás(1), Mato Grosso (1) e Pernambuco (1) as unidades da federação citadas, em seguida aparecem indígenas (8), formação da nação (3), meio ambiente (3), Linguística (2), desenvolvimento científico (2), botânica (1), etnocentrismo (1), geologia (1), modo de vida (1), e quilombo (1) e somente uma

¹ Dois naturalistas Saint Hilaire (19), francês, e Agassiz (10), suíço, foram também destacadamente analisados nas produções acadêmicas.

produção se refere a coleta, especificamente de plantas para museu (Araujo LM, 2021).

Realizei, então, um levantamento bibliográfico com a palavra-chave “crânio” e foram encontrados poucos artigos e produções acadêmicas e estes somente mencionam as coletas que formaram acervos de museus tanto do Brasil, quanto internacionais (Costa, 2008; Paraíso, 2002; Riedl, 1996; Santos, 2018), produções acadêmicas (Grola 2024; Machado, 2020; Petschelies, 2019; Uchôa, 2011), e livros (Schönitzer, 2022). Não foi encontrada nenhuma pesquisa que analise os diários de viajantes voltada para a coleta de materiais sensíveis como restos humanos.

Christina Costa (2008), em sua dissertação de mestrado intitulada “O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)” analisa a escrita e iconografia produzida pelo príncipe que percorreu os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, escreveu sobre os povos indígenas brasileiros a partir do contexto de expansão comercial europeia e do mercado de leitura de viagem na Europa do período. Imbuído do espírito romântico, influenciado por Humboldt, sua principal contribuição foi tornar o conhecimento em relação aos índios “botocudos”, pouco quase nunca estudados, acessível ao público leitor. Destaca ainda a presença de “Guack”, índio “Botocudo” que foi seu acompanhante, tradutor e interlocutor indispensável no contato com o território supostamente desconhecido e inexplorado, que, na narrativa, pode-se perceber que o era tudo menos desconhecido ou inexplorado, e sua população certamente não era virgem ou intocada. Há menção de que o príncipe desenterrou mortos para obter crânios para Blumenbach.

Hilda Paraíso (2000) refere que um dos primeiros colecionadores de crânios de povos originários de várias partes do mundo foi o médico holandês Peiter Camper (1722-1789), mas, em relação ao Brasil, o colecionador de crânios e esqueletos que manteve relações contratuais com os viajantes foi o anatomista alemão Blumenbach. Essa coleta de crânios iniciou com Príncipe Wied-Neuwied, que promoveu uma corrida macabra por cabeças de índios brasileiros, sendo que esse crânio, de acordo com Rita Santos (2018), foi o primeiro dos “Botocudos”, tornando-se referência para os estudos de craniometria. Paraíso cita outros naturalistas que coletaram crânios como Eschwege, Sellow, Freyress, Spix e Martius, Saint-Hilaire, Tschudi, Hartt e Ehrenreich. Esta é a mesma lista citada por Titus Riedl (1996), que menciona ainda que na época surgiu em Salvador (Bahia) um pequeno mercado clandestino, por onde os colecionadores estrangeiros tentaram obter ossarias de indígenas via compra. No

entanto, muitos viajantes preferiram mesmo saquear túmulos, entre outras razões, para evitar fraudes, levando, ou, encomendando, sem que as autoridades locais o percebessem, grande quantidade de crânios e esqueletos brasileiros para a Europa.

Esse aspecto comercial foi explorado na dissertação de mestrado de Diego Grola (2014), que discorreu sobre a aquisição de objetos para a formação do acervo do Museu Paulista durante a gestão de Hermann von Ihering (1894-1916). Focando na análise das relações comerciais mantidas entre o museu e negociantes tanto nacionais quanto estrangeiros, ele buscou entender como o museu fomentava a ação de comerciantes brasileiros fortalecendo o mercado que lhe permitia adquirir espécimes para suas atividades científicas e expositivas. Na Alemanha imperial (1871-1918), apenas em Berlim, existiam 52 negociantes de objetos de história natural comercializando principalmente materiais para museus e escolas. E conclui que ao incentivar a conexão entre coletores residentes no Brasil e essas casas comerciais sediadas na Europa, o Museu Paulista de Ihering não só fomentava a profissionalização dos primeiros, como garantia a existência de um mercado dinâmico do qual o próprio museu, entre outras instituições congêneres, se aproveitava para complementar suas coleções.

Já em sua tese de doutorado intitulada “Coleções científicas: instituições, cientistas e colecionadores”, Grola (2024) analisa as ciências naturais e antropológicas praticadas no estado de São Paulo, do final do século XIX ao início do século XX. Para tanto debruçou-se sobre as publicações científicas e correspondências de Hermann von Ihering (1850-1930), Ricardo Krone (1861-1917), Henrique Bauer (1840-1896) e Eugen Hussak (1856-1911), para estabelecer interações sociais e formação de redes de cooperação com que viabilizam a coleta, a circulação e a formação de coleções de objetos científicos. Concluiu que a demanda europeia por objetos científicos brasileiros era uma das forças motrizes que permitia a sustentação e o desenvolvimento do sistema colecionista em São Paulo e no Brasil, possibilitando que praticantes das ciências naturais dessem prosseguimento às suas atividades científicas. Destaca ainda que Von Ihering à frente do Museu Paulista propiciou a integração de caçadores atuantes no Brasil ao sistema comercial de objetos científicos europeu e, após sua demissão do museu, encontrou indícios em sua correspondência da venda de objetos científicos realizados diretamente por ele em 1920.

Em uma outra perspectiva, Erik Petschelies, em sua tese de doutorado em antropologia social, "As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)", pesquisou diversos viajantes alemães² do século XIX e início do século XX, que denominou etnógrafos, entre eles Paul Ehrenreich e Karl von den Steinen, com o objetivo de reconstituir historiograficamente suas trajetórias pessoais e profissionais, avaliar suas produções etnológicas, considerando seus contextos científicos e sociais, rastreando suas influências intelectuais e analisando essa intersecção. Além de analisar seus diários de campo, recorreu a correspondências, fotografias e documentos, tanto no Brasil quanto na Alemanha, Paraguai, Suécia e Suíça. Refere que, diferentemente de von den Steinen, a expedição de Ehrenreich adquiriu um caráter predatório, como material humano furtado ("coletado") durante suas expedições, medições e fotografias antropológicas. Ehrenreich publicou um livro complexo de antropologia física, cujo objetivo foi descrever as condições corporais das populações indígenas, sendo a primeira publicação neste ramo.

Em relação aos crânios Petschelies (2019) refere que existia trânsito de material humano do Brasil pela rede de cientistas alemães

Por ela não circulavam apenas correspondências, livros e objetos, mas também crânios. Mais do que objetos destituídos de caracteres humanizados, os crânios tinham historicidades próprias, e estas eram retomadas pelos cientistas quando de suas análises. Os crânios transmitiam a destinatários futuros ações recebidas por emittentes pretéritos, e além de intermediários de relações sociais, eles eram partes integrantes das redes sociocientíficas, pois eram causadores de reações de outros agentes – como de indígenas ou cientistas, distintas em sua essência, perante sua presença. Uma vez em circulação na rede e com potencial para causar efeitos, os crânios eram tanto agentes inter-relacionais, como também signos na fronteira entre humanidade e objetividade e, assim, potencialmente embaçadores dos limites nas relações entre pessoas e coisas. Se é aceito que nas redes cosmológicas indígenas seres humanos e não humanos relacionam-se profundamente, o mesmo para vale para as redes científicas. (Petschelies, 2019, p. 157-8).

E Ricardo Machado (2020), em sua tese de doutorado intitulada "Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910", analisa a visão de Lacerda, Mello-Netto, von Ihering e Ehrenreich a respeito dos povos indígenas do Brasil e evidencia pelos relatos que se conformou uma história do racismo científico sobre os povos indígenas do Brasil. Embora tivessem uma postura prudente quanto ao uso dos dados craniométricos e de valorizarem os estudos sobre a cultura

² Karl von den Steinen (1855-1929), Paul Ehrenreich (1855-1914), Herrmann Meyer (1871-1932), Max Schmidt (1874-1950), Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), Fritz Krause (1881-1963) e Wilhelm Kissenberth (1878-1944)

indígena, von Ihrering e Ehrenreich consideravam que as raças humanas estavam em diferentes escalas evolutivas quanto à cultura. Ainda que biologicamente estivessem no mesmo patamar evolutivo, culturalmente existiam raças humanas superiores e inferiores, em consonância com os postulados do evolucionismo cultural defendido por autores como Tylor. Para ambos, os índios “Botocudos” eram os representantes da raça humana em maior grau de inferioridade cultural no mundo.

1.4 APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em sua sociologia dos viajantes, João Pacheco de Oliveira (1987) realizou uma pesquisa onde comparou diários de 17 viajantes naturalistas que estiveram no Alto Solimões, dentre eles três alemães (Ave-Lallemant, Martius e Spix). O autor tinha como objetivo discutir a utilização de seus diários como fonte de dados sobre os grupos indígenas da Amazônia. Neste sentido, considerou que:

a obra dos cronistas deve ser pensada enquanto produção intelectual, isto é, como um tipo de produção específica realizada por certos atores sociais, e de acordo com um conjunto de regras e expectativas sociais historicamente definidas (Pacheco de Oliveira, 1987, p. 90).

Destacou que encontrou modelos implícitos de etnografia, que indicavam a existência de padrões etnográficos característicos a determinados autores, correntes a época, e como estes padrões se articulavam com problemáticas científico-culturais, pelos quais eram pensadas questões como a natureza e o destino dos povos indígenas (Pacheco de Oliveira, 1987).

Todavia, Pacheco de Oliveira assinala a preocupação metodológica ao se abordar estes naturalistas, da necessidade de se levantar quais eram as finalidades atribuídas a estas viagens? Quais foram as diferentes modalidades de financiamento possíveis? Quem os financiavam? Quem eram os viajantes e suas qualificações intelectuais? A que instituições de pesquisa estavam vinculados? Quais recompensas e prêmios obtiveram e como isso afetou sua própria decisão de se dedicar às viagens? Assinala ainda a necessidade de observar como se organizou internamente a expedição e quais os papéis sociais se estabeleceram, a duração das viagens e a finalidades explicitada por cada autor no correr do seu relato (Pacheco de Oliveira, 1987).

Esclarece ainda que as viagens são um fenómeno dependente de conjunto de normas sociais específicas, com papéis e posições definidas para o qual convergem expectativas e recursos determinados socialmente, que condicionam as escolhas dos objetivos e dos participantes e o aporte de recursos, que demandam minuciosa análise pelo pesquisador atual (Pacheco de Oliveira, 1987).

Sob a perspectiva de raça, João Pacheco (1987) classifica dois grupos de pensamento: pré-darwiniano e pós-darwiniano. A análise pré-darwiniana realiza uma comparação das pessoas a partir de uma observação concreta, do mesmo modo como os naturalistas distinguem espécies, enquanto a pós-darwiniana apresenta um discurso antropocêntrico, realizando descrições psicológicas que consideram tão relevante quanto as caracterizações físicas.

Pacheco de Oliveira mostrou quão complexa se torna a análise de um diário de viagem e o quanto essa pesquisa necessita de uma abordagem interdisciplinar, uma vez que se apropria de conceitos da Antropologia, História e Museologia, pois, para entender um objeto de pesquisa dependemos, de acordo com Waldisa Russio (1981), de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado.

Desse modo, para este estudo eu busquei na antropologia para trabalhar com as formulações das teorias raciais no século XIX. Para tanto, tomei como base especialmente o livro de Lilia Schwarcz (1993), “O espetáculo das Raças”, no qual ela analisou como o argumento racial foi política e historicamente construído e o livro *Race, culture and evolution* de George Stocking (1968), que realiza uma abordagem histórica da antropologia analisando os conceitos de raça cultura e evolução, que serão debatidos no capítulo três.

E em relação à Museologia, destaque-se que a musealização de um objeto precisa considerar que este possui significados que se conectam com a memória dos lugares que pertenceram. Nesse sentido, Pierre Nora (1993) em seu artigo “Entre memória e história – a problemática dos lugares”, assinala que museus, arquivos, coleções, monumentos, entre outros empreendimentos, são testemunhas de uma outra era, que seria da ilusão de eternidade, que conformam seu aspecto nostálgico de piedade, considerando-os patéticos e glaciais:

são rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos, diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo

numa sociedade que **só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos** (Nora, 1993, p.13, grifo meu).

Sob a perspectiva do objeto, Jean Baudrillard, em seu livro o Sistema dos objetos, no capítulo “O sistema marginal: a coleção”, destaca que todo objeto possui duas funções, uma consiste em ser utilizado e a outra em ser possuído. Assim,

a primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo a outra um empreendimento de totalização abstratamente realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo essas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra (Baudrillard, 2004, p. 92).

Krzysztof Pomian (1984), por sua vez, afirma que os objetos são intermediários entre os espectadores e o invisível e distingue três tipos de objetos

uma coisa tem apenas utilidade sem ter significado algum; um semióforo tem apenas o significado de que é o vetor sem ter a mínima utilidade, mas existem também objetos que parecem ser ao mesmo tempo coisas e semióforos (Pomian, 1984 p. 72).

O autor destaca que objetos como curiosidades exóticas e exemplares de história natural de coleções, quando se tornam semióforos e são retirados de seu contexto original, passam a representar algo invisível, que no caso dos crânios coletados se tornaram objetos científicos para justificar o racismo, deixando de possuir valor de uso e passando a adquirir um valor de significado. Peter van Mensch (1989) denomina esse processo como transferência de contextualização do objeto, que envolve a atribuição de um valor específico que denomina “musealidade”, o qual é social e culturalmente constituído, tornando-se assim um objeto-documento.

Da mesma forma, os autores André Desvallées e François Mairesse (2013) analisam o objeto-documento musealizado que se inscreve-se no coração da atividade científica do museu, por ser objeto portador de informação e sua musealização

ultrapassa a lógica única da coleção para estar inscrita em uma tradição que repousa essencialmente sobre a evolução da racionalidade, ligada à invenção das ciências modernas. Esta é desenvolvida, desde o Renascimento, como atividade que visa a explorar a realidade por meio da percepção sensorial, pela experiência e pelo estudo de seus fragmentos. Essa perspectiva científica condiciona o estudo objetivo e recorrente da coisa conceitualizada como objeto, para além da aura que lhe permeia para lhe dar sentido. Não se trata de contemplar, mas de ver: o museu científico não apresenta somente os objetos belos, mas convida à compreensão dos seus sentidos. (Desvallées, Mairesse, 2013, p. 58).

Em relação à musealização, Renata Padilha (2014) assinala também que a biografia do objeto “*passa a ser descrito sob duas circunstâncias: sua vida útil antes*

de fazer parte do museu e depois, quando ganha novos usos e sentidos dentro do espaço de salvaguarda.” (p. 20).

Neste sentido, em artigo em que analisa a exibição de pessoas mortas no *Museo Nacional de Antropología, de Madrid*, Renata Montechiare (2020) assinala que estes ‘objetos’ requerem reelaborações por parte dos funcionários. Essa operação permanente de trânsito entre humano e não humano, no duplo sentido do ‘homem objeto’, em que acionam uma ou outra classificação, suscitam acusações que perpassam os museus, seus planos e sua legitimidade de permanecer exibindo suas coleções.

Pacheco de Oliveira (2007), por sua vez, em artigo intitulado “O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI”, propõe ainda uma nova abordagem dos objetos etnológicos dos museus, a partir da dimensão da reflexividade, que buscaria desvendar as muitas histórias silenciadas e esquecidas e, explicitando assim, além de argumentos, estratégias e ideologias, sua individualidade e multiplicidade de suas orientações, resgatando ainda emoções e sentimentos, para que surjam novos usos e performances políticas, tornando-os mais polifônicos e democráticos, considerando o enorme poder de representação de que os museus estão investidos.

Trata-se de um problema que perpassa as dimensões históricas dos museus, coleções e acervos, que compreendem construção de memórias, identidades e conhecimentos. Retrata um período obscuro da história dos museus que contribuíram para reforçar o racismo científico, através da musealização de crânios, suas medições e pesquisas e, posterior, o apagamento. Entender como a documentação e catalogação desses acervos sensíveis possui tantas lacunas em relação à procedência e analisar as condições históricas que determinaram suas políticas de aquisição e como as mudanças de paradigmas na produção de conhecimento levaram esses objetos documento que um dia foram pessoas ao seu esquecimento nas reservas técnicas dos museus é relevante como tema de pesquisa desenvolvido no presente TCC.

Espera-se que essa pesquisa possa preencher algumas das lacunas acerca da história dos crânios coletados pelos naturalistas, como levantar sua origem, de que forma foi obtido e como se transformou em objeto documento para justificar o racismo científico e como posteriormente foi invisibilizado nas reservas técnicas dos museus.

1.5 ESTRUTURA DO TCC

Esse TCC é dividido em três capítulos, cada um detalhando um aspecto da coleta de crânios pelos naturalistas alemães no século XIX. O primeiro capítulo caracteriza os naturalistas, o segundo capítulo detalha as coletas por eles realizadas e o terceiro capítulo descreve os museus que conservam esses remanescentes humanos brasileiros.

No primeiro capítulo é realizado um mapeamento descritivo dos 24 naturalistas selecionados, detalhando sua origem, formação, trabalho, filiação institucional e vinculação a museu. Em seguida pormenoriza como chegou ao Brasil, período que esteve no país, estados que visitou e que outros continentes exploraram. Analisa ainda seu círculo de relações sociais, detalhando quem era sua equipe, quem financiou sua expedição, suas relações sociais científicas e sua produção científica, especificando se está disponível online e em português e o tema do artigo ou livro sobre o Brasil e realiza um levantamento das expedições que esses naturalistas participaram. Quanto às coletas categoriza por ciências naturais (botânica, zoologia, geologia e mineralogia), etnológica e finaliza com o levantamento daqueles viajantes que coletaram crânios que são detalhados no segundo capítulo.

O segundo capítulo inicia com a caracterização dos dez naturalistas que coletaram crânios no Brasil, detalhando onde a informação foi obtida, que informações são possíveis levantar quanto à entrega destes remanescentes para as pesquisas, analisando como sua produção está relacionada ao início da Antropologia e teorias raciais, e como colaboraram para a formação dos museus de história natural e etnografia, a partir de suas coletas. Analisa ainda os naturalistas que coletaram pessoas vivas.

O terceiro capítulo descreve os museus que conservam as coletas dos dez naturalistas que coletaram crânios, verificando no site oficial da instituição se é possível encontrar o crânio coletado na pesquisa do acervo, se informa quem e como coletou, e como o museu trata a questão da restituição.

Com esse TCC espero contribuir para fornecer subsídios para o entendimento de alguns aspectos da dinâmica do funcionamento do colecionismo científico de remanescentes humanos, crânios como objetos museológicos e científicos, que envolvem a tríade coleta, colecionismo e produção de conhecimento.

2 OS NATURALISTAS ALEMÃES DO SÉCULO XIX

A coleta predatória da natureza brasileira para fins mercantilistas ocorre desde a chegada dos portugueses em 1500. No entanto, no século XIX é introduzida uma nova forma de coleta, que passa a ser conhecida como “coleta científica” de recursos naturais, com finalidade de produção de conhecimento. Não se trata, porém, de ciência desinteressada, também objetivava explorar as potencialidades econômicas da natureza.

A vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 permitiu a abertura dos portos, da até então colônia fechada, para a entrada de nações estrangeiras. Assim, intensificaram as viagens de cientistas naturalistas, oriundos das chamadas “nações amigas”, que passaram a percorrer vastas regiões do país para produzir conhecimentos para as instituições científicas que afloravam pela Europa. A cessão da proibição de acesso aos estrangeiros das nações amigas – condição que impossibilitou, por exemplo, a viagem de Alexander von Humboldt (1769-1859) ao Brasil, como parte de sua viagem exploratória das Américas entre 1799 e 1804 (Lisboa, 1997) –, permitiu a intensificação das viagens de nobres, aventureiros, jornalistas, escritores, dentre outros, inclusive de naturalistas.

Escapando das guerras napoleônicas, escoltada pela Inglaterra, a família real necessitou formar todo um aparato institucional que garantisse o funcionamento do império com a transferência da capital metropolitana de Lisboa para o Rio de Janeiro. Assim, promoveu a abertura dos portos, instituiu o Banco do Brasil (1808), a Casa da Suplicação do Brasil (1808), a Imprensa Régia (1808), o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1808), a Biblioteca Real (1810) e o Museu Real (1818). Além disso, a coroa portuguesa também patrocinou a coleta científica, permitindo que centenas de naturalistas estrangeiros coletassem expressiva quantidade de materiais biológicos e etnográficos (Brulon, 2018; Lopes, 1997), inclusive materiais sensíveis como restos humanos.

Mas o que são os chamados “naturalistas”? De acordo com o Glossário de História Luso-Brasileira do Arquivo Nacional, “naturalistas” são bacharéis em Filosofia Natural, magistrados, matemáticos e/ou médicos que cursavam a cadeira de História Natural, habilitados para o recolhimento e preparação dos produtos naturais e para observações zoológicas, botânicas e mineralógicas que

dedicavam-se, portanto, à investigação da natureza. Também se encontram religiosos e professores (lentes) de geometria ou filosofia, além de militares e práticos na que eram engajados na coleta, preparação e conservação de plantas, animais, sementes e outros itens entre os chamados “produtos” da História Natural. Como parte de um amplo movimento na história moderna, e reflexo da política lusa de conhecimento dos territórios ultramarinos e investigação dos recursos naturais, a partir de segunda metade do XVIII, são promovidas as **viagens científicas e filosóficas** comandadas por naturalistas. O perfil ideal do naturalista viajante era o de um indivíduo com uma formação ampla que, além de história natural, conhecesse áreas como geografia, química, física, direito, economia, matemática (em especial trigonometria plana) e desenho. Sendo difícil congregiar em uma só pessoa saberes tão diversos, as equipes das viagens científicas, muitas vezes, contavam com indivíduos de formações diferentes. Muitos naturalistas atuavam apenas nos Gabinetes de História Natural europeus, o que também se verificou em Portugal, planejando as viagens e sistematizando o material recebido. (Arquivo Nacional, 2025).

Estes naturalistas que vieram para o Brasil empreenderam grandes expedições pelo interior do país, muitas delas perduraram por anos, visitando suas diferentes regiões, por onde coletavam amostras de todas as espécies de animais, plantas, solo, água e até de pessoas possível. A categoria viagem científica, de acordo com Pacheco de Oliveira (1987), é historicamente datada, surgindo no século XVIII, especialmente na sua segunda metade, em determinados países (França, Alemanha, Áustria, Inglaterra e, mais tarde, Estados Unidos), viabilizada por determinados acontecimentos de ordem intelectual, ficando Espanha e Portugal à margem, pela carência de quadros capacitados.

Para pensar os naturalistas “alemães”, como venho identificando, devemos relativizar a sua localização geográfica no século XIX. Devemos considerar é que no início do século XIX a Alemanha ainda não se constituía como Estado-nação, o que somente ocorreu no final do século XIX em 1871, após a constituição do reino alemão, com a unificação conduzida pelo chanceler da Prússia Otto Eduard Leopold von Bismarck (1815-1898). Essa unificação se desenvolveu em três etapas. Até 1806 havia por volta de 300 entes políticos, uma organização medieval, de distintas características como condados, ducados, cidades-estado, principados e reinos, que formavam o Sacro Império Romano-Germânico. Esse império foi dissolvido com as guerras napoleônicas surgindo uma nova configuração mais enxuta, a Confederação do Reno, vinculada à França até 1815. Com a queda de Napoleão, criou-se no Congresso de Viena (1815) a Confederação Germânica, constituída por uma aliança de trinta e nove estados soberanos, em que duas nações disputavam a hegemonia: Áustria e Prússia. A Prússia criou, em 1834, a *Zollverein* (Sindicato Alfandegário) para

eliminar barreiras comerciais com outros estados, menos a Áustria, com quem entrou em guerra em 1866 e saiu vitoriosa, unificando vinte e dois estados e criando a Confederação da Alemanha do Norte até 1871, quando unificou os estados do Sul graças ao sentimento nacionalista contra os Franceses, a quem derrotaram na Guerra Franco-Prussiana (Hobsbawm, 2023).

Assim, a denominação de “naturalista alemão” é uma generalização, pois estes chamados naturalistas que chegaram ao Brasil antes de 1871 eram de reinos como a Prússia, a Saxônia ou a Bavária, originários de condados como Wied-Neuwied, ou ducados como Hesse.

Com estas considerações, este capítulo apresenta um mapeamento dos naturalistas alemães, caracterizando sua origem e formação, sua viagem, seus vínculos institucionais e produção bibliográfica, destacando suas coletas. A lista de vinte e quatro naturalistas alemães foi configurada a partir da Base de dados “Viajantes no Brasil, séculos XVIII e XIX” (Apêndice A) do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) e do livro de Oberheimer (2011) “Publicações sobre o Brasil em Língua Alemã” (1500-1900) (Apêndice B).

Para a caracterização dos naturalistas foram pesquisados sites alemães como o catálogo da Biblioteca Nacional da Alemanha, informações histórico-biográficas da Biografia Alemã, Wikipedia, Wikisource, estudos culturais euro-brasileiros relacionados com a Alemanha da Academia Brasil-Europa e Manual bibliográfico de estudos brasileiros (Moraes, Berrien, 1998).

Este mapeamento segue as precauções metodológicas apresentadas por Pacheco de Oliveira (1997), em seu texto sobre uma sociologia dos viajantes e naturalistas, as quais ressalta que:

as viagens científicas devem ser vistas não como fatos singulares nunca repetidos, mas sim como um fenômeno regido por um conjunto de normas sociais específicas, um campo onde existem papéis e posições bem estabelecidas e para o qual convergem expectativas e recursos definidos socialmente. Não devem, portanto, ser entendidas como objeto de interesse de eruditos, mas como objeto de investigação por parte do sociólogo voltado para o estudo da produção intelectual. Longe de ser um fato arbitrário ou dependente de motivações individuais e contingentes, a possibilidade de concretização de uma viagem tem necessariamente que passar por mecanismos de definição e seleção de objetivos e pessoas, bem como de fornecimento de recursos que “precisam ser minuciosamente analisados pelo pesquisador atual (Pacheco de Oliveira, 1997, p. 102).

Neste sentido, o autor nos apresenta um conjunto de questões que devem ser levadas em conta ao se abordar os viajantes naturalistas e suas expedições científicas, as quais busco seguir para este TCC, não para responder a todas elas, mas como um eixo norteador:

- 1- “Quais são as finalidades atribuídas às viagens? Quais as razões que levam pessoas e instituições a despenderem tempo e recursos na sua promoção?
- 2- Quem arca com os custos materiais da realização das viagens? Quais as diferentes fontes e as diversas modalidades de financiamento possíveis?
- 3- Quem são os viajantes? Quais são as qualificações intelectuais e as características que possuem, ou se espera que possuam, os indivíduos que realizam tais viagens?
- 4- Quais são as recompensas e prêmios dados aos viajantes em função de sua atividade? E como isso afeta a sua própria decisão de dedicar-se às viagens?
- 5- Como se dá a organização interna das viagens? Quais os papéis sociais e as hierarquias aí existentes? Como é estabelecida a duração das viagens e fixada a área a que ela se destina?” (Pacheco de Oliveira 1997, p.102).

2.1 CARACTERIZAÇÃO DOS NATURALISTAS ALEMÃES

Nesta seção caracteriza-se a origem social, local de nascimento, formação e vida profissional dos naturalistas.

2.1.1 Origem social local de nascimento dos naturalistas

Considerando que a Alemanha como nação só passa a existir no último quartel do século XIX, em 1871, com a unificação conduzida pelo chanceler da Prússia, Otto von Bismarck (1815-1898). Os naturalistas que vieram ao Brasil após a unificação foram oito (Dahl, Detmer, Ehrenreich, Hensen, Ihering, Möller, Steinen e Wittelsbach). O Quadro 2.1 apresenta a origem dos 24 naturalistas considerando o reino a que pertenciam por ocasião de seu nascimento.

Quadro 2.1- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: nação

Naturalista	Nação	Nascimento e morte
AVE-LALLEMANT, Robert	Condado de Eslésvico-Holsácia	1812-1884
BIBRA, Ernst von	Reino da Baviera	1806-1878
BURMEISTER, Hermann Conrad	Reino da Prússia	1807-1892
DAHL, Karl Friedrich Theodor	Condado de Eslésvico-Holsácia	1856-1929
DETMER, Wilhelm	Cidade-estado de Hamburgo	1850-1930
ENGEL, Franz	Grão-ducado de Mecklemburgo	1834-1920
EHRENREICH, Paul Max Alexander	Reino da Prússia	1855-1914
ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig	Grão-Ducado de Hesse	1777-1855
FREYREISS, Georg Wilhelm	Cidade-estado de Frankfurt	1789-1825
HENSEL, Reinhold	Reino da Prússia	1826-1881
HENSEN, Victor	Ducado de Schleswig	1835-1924
IHERING, Hermann von	Reino da Prússia	1850-1930
KITTLITZ, Friedrich Heinrich, Freiherr von	Reino da Prússia	1799-1874
LANGSDORFF, Georg Heinrich von	Grão-Ducado de Hesse	1774-1852
MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von	Reino da Baviera	1794-1868
MÖLLER, Alfred	Reino da Prússia	1860-1921
OLFERS, Ignaz Franz Maria	Reino da Prússia	1793-1871
PECKOLT, Theodor	Reino da Prússia	1822-1912
PLATZMANN, Julius	Reino da Saxônia	1832-1902
POEPPIG, Eduard	Reino da Saxônia	1798-1868
SPIX, Johann Baptist von	Reino da Baviera	1781-1826
STEINEN, Karl von den	Reino da Prússia	1855-1929
WIED-NEUWIED, Maximilian	Reino e Ducado de Neuwied	1782-1867
WITTELSBACH, Therese Charlotte Marianne Auguste.	Reino da Baviera	1850-1925

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Os naturalistas nasceram em oito diferentes unidades institucionais da então Confederação do Reno (1806-1815), Confederação Germânica (1815-1866), Confederação da Alemanha do Norte (1866-1871) e Alemanha, de acordo com a época do nascimento. A maioria, nove, era do Reino da Prússia (Burmeister, Ehrenreich, Hensel, Ihering, Kittlitz, Möller, Olfers, Peckolt, Steinen), quatro eram oriundos do Reino da Bavária (Bibra, Martius, Spix, Wittelsbach), dois eram nascidos no Condado de Eslésvico-Holsácia (Ave-Lallemant, Dahl), dois do Grão-Ducado de Hesse (Eschwege, Langsdorff), dois do reino da Saxônia (Platzmann, Poeppig), um da Cidade-estado de Frankfurt (Freyreiss), um da Cidade-estado de Hamburgo (Detmer), um do Ducado de Schleswig (Hensen), um do Grão-ducado de Mecklemburgo (Engel) e um do Reino e Ducado de Neuwied (Wied-Neuwied).

Quadro 2.2 apresenta a cidade de nascimento e falecimento e origem familiar dos naturalistas.

Quadro 2.2- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: origem

Naturalista	Local de Nascimento	Local da morte	Origem Familiar
AVE-LALLEMANT	Lubeck	Lubeck, Alemanha	Filho de professores de música
BIBRA	Schwebheim	Nurnberg, Alemanha	Nobre
BURMEISTER	Sratsund	Buenos Aires, Argentina	Filho de funcionário público
DAHL	Dahme	Griefswald, Alemanha	Filho de agricultores
DETMER	Hamburgo	Hamburgo, Alemanha	Sem informação, classe média
ENGEL	Röbel	Neubrandenburg, Alemanha	Filho de advogado e prefeito
EHRENREICH	Berlim	Berlim, Alemanha	Filho de hotelheiro e parlamentar
ESCHWEGE	Eschwege	Kassel, Alemanha	Nobre
FREYREISS	Frankfurt	Bahia, Brasil	Filho de sapateiro
HENSEL	Adelnau	Opole, Alemanha	Filho de pastor protestante
HENSEN	Schleswig	Kiel, Alemanha	Filho de diretor de escola
IHERING	Kiel	Giessen, Alemanha	Filho de jurista
KITTLITZ	Breslávia	Mainz, Alemanha	Nobre
LANGSDORFF	Wöllstein	Freiburg, Alemanha	Nobre
MARTIUS	Erlagen	Munique, Alemanha	Filho de farmacêutico
MÖLLER	Berlim	Berlim, Alemanha	Primo de Fritz Miller
OLFERS	Münster	Berlim, Alemanha	Família de banqueiros
PECKOLT	Krauschwitz	Rio de Janeiro, Brasil	Filho de militar
PLATZMANN	Lipsia	Plagwitz, Alemanha	Filho de jurista e político
POEPPIG	Plauen	Lipsia, Alemanha	Filho de comerciantes
SPIX	Höchstadt an der Aisch	Munique, Alemanha	Família de poucos recursos
STEINEN	Mülheim	Kronberg, Alemanha	Filho de médico
WIED-NEUWIED	Neuwied	Neuwied, Alemanha	Nobre
WITTELSBACH	Munique	Lindau, Alemanha	Nobre

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Dois desses viajantes eram príncipes (Maximilian Wied- Neuwied e Teresa de Wittelsbach) e quatro pertenciam à nobreza (Bibra, Freyreiss, Kittlitz, Langsdorff). Quanto à origem familiar dos demais naturalistas, cinco eram oriundos de famílias abastadas (Engel, Ehrenreich, Ihering, Olfers, Platzmann), nove de famílias de classe média (Ave-Lallemant, Burmeister, Hensel, Hensen, Martius, Möller, Peckolt, Poeppig, Steinen), três oriundos de famílias com poucos recursos (Dahl, Freyreiss, Spix) e somente de Detmer não consta a origem familiar, porém era professor universitário, viajou ao Brasil financiado por Sociedade Científica, sendo provavelmente de classe média.

Somente dois dos viajantes não retornaram à Alemanha, permanecendo no Brasil. Georg Freyreiss faleceu aos 36 anos na Bahia, na Colônia Leopoldina, que ele ajudou a fundar. Já Theodor Peckolt, que depois de explorar o país e coletar principalmente plantas e sementes para museus da Alemanha, fixou-se no Rio de

Janeiro, comprou uma farmácia na região de Cantagalo, onde ainda realizou viagens de coleta para abastecer plantas para o herbário de Martius e sementes para os Jardins Botânicos de Berlim e Munique. Trabalhou ainda no Laboratório do Museu Nacional concomitantemente ao expediente em sua farmácia que transferiu para o centro do Rio de Janeiro.

E Hermann Burmeister, após várias idas e vindas entre Europa e América, decidiu fixar-se na Argentina, onde faleceu. Lá foi diretor do Museu Argentino de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia.

2.1.2 Formação e vínculos profissionais dos naturalistas

Pacheco de Oliveira (1997) ressalta em sua sociologia dos viajantes que ao se abordar suas produções intelectuais, especialmente referentes às descrições etnográficas sobre os povos indígenas, não se tem como objetivo desvalorizar como imperfeita a etnografia produzida pelos cronistas. O autor argumenta que qualquer produção intelectual é elaborada a partir de determinados contextos sociais e históricos, e assinala como fundamental ter presente que esses sujeitos cronistas passaram por um processo específico de preparação que os capacitaram a apreender e explicar certos fenômenos. Como nos lembra,

a produção intelectual não se faz em um vazio social dirigido apenas por certas normas técnicas e ideais de 'como' e 'o que' fazer, mas sim dentro de um sistema de relações sociais que articula entre si os diferentes tipos de produtores intelectuais, agrupando-os e opondo-os segundo certos papéis e posições que aí assumem, segundo o seu grau de acesso e controle de certos aspectos materiais da produção, segundo a legitimidade própria que possuem e os critérios de hierarquização que dispõem seus produtos face aos de outros (Pacheco de Oliveira, 1997, p. 92).

Seguindo as orientações de Pacheco de Oliveira, apresento a seguir os quadros que informam a formação e vínculos profissionais dos viajantes naturalistas que abordamos neste TCC.

O Quadro 2.3 caracteriza a formação dos naturalistas alemães, onde podemos constatar que três naturalistas não possuem graduação, dois são autodidatas (Freyreiss, Kittlitz) e uma, por ser mulher, estudou com tutores (Teresa de Wittelsbach).

Quadro 2.3- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: formação

Naturalista	Graduação	Pós-graduação
AVE-LALLEMANT	Medicina, Berlim, Heidelberg, Paris	Doutorado em Medicina Kiel
BIBRA	C. Naturais, Química, Nuremberg	Doutorado, Medicina, Nuremberg
BURMEISTER	Ciências Naturais, Berlim	Doutorado em Medicina, Berlim
DAHL	Ciências Naturais, Berlim	Doutorado em Zoologia, Kiel
DETMER	Agronomia, Hohenheim	Doutorado em Botânica, Leipzig
ENGEL	Ciências Naturais, Berlim	Doutorado em Botânica
EHRENREICH	Medicina, Ciências Naturais, Berlim	Doutorado em Etnologia, Leipzig
ESCHWEGE	Direito, Ciências Naturais, Göttingen	Engenharia de Minas, Marburg
FREYREISS	autodidata	Não estudou
HENSEL	Zoologia, Breslau	Zoologia, Breslau
HENSEN	Medicina, Würzburg, Berlim, Kiel	Doutorado em Medicina, Kiel
IHERING	Medicina, Ciências Naturais, Leipzig	Doutorado em Zoologia, Göttingen
KITTLITZ	autodidata	Não estudou
LANGSDORFF	Medicina, Göttingen	Doutorado, Medicina, Göttingen
MARTIUS	Medicina, Erlagen	Doutorado em Botânica, Erlagen
MÖLLER	Silvicultura, Eberswalde	Doutorado, Eng. Florestal, Munster
OLFERS	Medicina, Ciências Naturais, Linguística, Göttingen	Não estudou
PECKOLT	Farmácia, Rostok	Não estudou
PLATZMANN	Academia de Belas Artes de Dresden	Não estudou
POEPPIG	Medicina, Saxônia	Doutorado em Medicina, Leipzig
SPIX	Medicina, Würzburg, Zoologia com Cuvier em Paris	Doutorado Medicina, Würzburg
STEINEN	Medicina, Zurique, Etnologia, Marburg	Doutorado em Psiquiatria, Bonn
WIED-NEUWIED	Biologia, Blumenbach em Göttingen	Não estudou
WITTELSBACH	tutores, mulher não podia cursar universidade	doutorado honorário, Universidade Ludwig Maximilian, Munique

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Catorze graduaram-se em um curso (Ave-Lallemant, Burmeister, Dahl, Detmer, Engel, Hensel, Hensen, Langsdorff, Martius, Möller, Peckolt, Plantzmann, Poeppig, Wied-Neuwied), seis cursaram duas graduações (Bibra, Ehrenreich, Eschwege, Ihering, Spix, Steinen) e Olfers foi o único naturalista que concluiu três graduações.

A maioria, dez, se graduou em Medicina (Ave-Lallemant; Ehrenreich; Hensen; Ihering; Langsdorff; Martius; Olfers; Poeppig; Spix; Steinen) e oito em se formaram Ciências Naturais (Bibra; Burmeister; Dahl; Ehrenreich; Engel; Eschwege; Ihering, Olfers), dois graduaram em Zoologia (Hensel e Spix), além de cada uma dessas graduações: Arte (Platzmann), Agronomia (Detmer), Biologia (Wied-Neuwied), Direito (Eschwege), Etnologia (Steinen), Farmácia (Peckolt), Linguística (Olfers), Química (bibra), Silvicultura (Möller).

A tabela 2.1 detalha a instrução formal dos viajantes, em que se observa que a maioria possuía graduação (88%) e pós-graduação (72%).

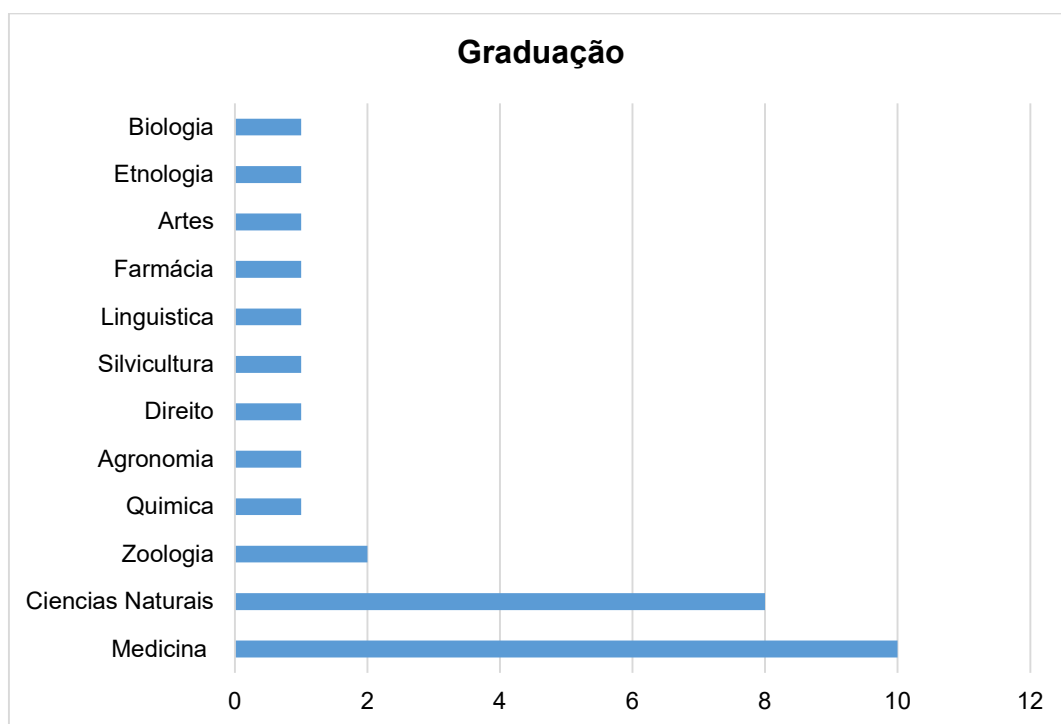
Tabela 2.1 Instrução formal dos naturalistas alemães

Instrução formal	sim	não	Total
Doutorado	17	7	24
Graduação	21	3	24

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

O Gráfico 2.1 detalha o curso de graduação dos naturalistas onde a maioria (22) realizou instrução formal.

Gráfico 2.1 – Curso de graduação



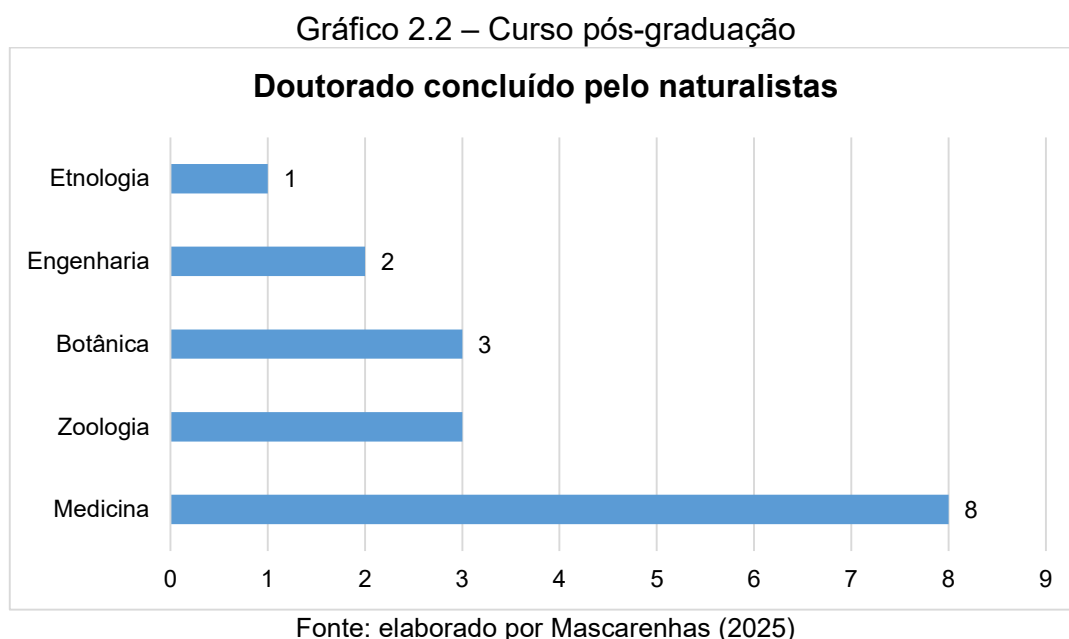
Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Dez cursaram Medicina (45,5%), seguido de oito que estudaram Ciências Naturais (36,4%) e dois cursaram Zoologia (9%), sendo que outros oito cursos foram concluídos por um dos naturalistas (Arte, Agronomia, Biologia, Etnologia, Direito, Farmácia, Silvicultura, Zoologia).

Dois dos naturalistas não possuíam instrução formal, sendo autodidatas, (Freyreiss, Kittlitz) e a Princesa Teresa da Baviera (Wittelsbach), que, por ser mulher, não pôde frequentar a universidade. Ela, então, realizou sua formação através de

tutores e obteve um doutorado honorário pela Universidade Ludwig Maximilian de Munique.

Em relação à pós-graduação (Gráfico 2.2), Freyreiss, Kittliz, não possuíam o grau e para mais quadro naturalistas não consta a informação, notadamente do farmacêutico (Peckolt), do artista (Platzmann), do príncipe (Wied-Neuwied) e do diplomata (Olfers).



A maioria dos naturalistas, oito deles (47%), era doutor em Medicina (Ave-Lallemant; Bibra; Burmeister; Hensen; Langsdorff; Poeppig; Spix; Steinen), três (17,6%) em Zoologia (Dahl; Hensel; Ihering), três (17,6%) em Botânica (Detmer; Engel; Martius), dois (11,8%) em engenharia (Eschwege; Möller), um (1,7%) em Etnologia (Ehrenreich).

O vínculo de trabalho dos naturalistas (Quadro 2.4) pode ser distribuído em três categorias: servidores do estado (7), autônomos (4) e pesquisadores (22). Há de se considerar que ao longo da vida os naturalistas trabalharam em diferentes configurações, inclusive concomitantemente. Dentre os servidores, há dois naturalistas vinculados ao corpo diplomático, o diplomata da Alemanha Olfers e o cônsul da Rússia Langsdorff, quatro militares (Eschwege; Kittliz; Möller, Wied-Neuwied), um vinculado ao conselho de saúde do império do Brasil (Ave-Lallemant) e um Mineralogista da coroa portuguesa (Eschwege).

Quadro 2.4 - Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: profissão

Naturalista	Vínculo profissional	Profissão
AVE-LALLEMANT	Conselho de Saúde do Império (Brasil), consultório	Médico
BIBRA	Escritor, pesquisador independente	Naturalista
BURMEISTER	Universidade de Halle-Wittenberg, Museu Argentino de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia	Naturalista
DAHL	Curador, aracnídeos, Museu de História Natural de Berlim	Zoólogo
DETMER	Universidade de Jena	Botânico
ENGEL	Bibliotecário Museu Universidade Agrícola Berlim	Naturalista
EHRENREICH	Universidade de Berlim	Antropólogo
ESCHWEGE	Mineralogista, Real Academia Militar (Brasil)	Engenheiro
FREYREISS	Coletor Museu de História Natural Berlim, São Petesburgo, Professor de zoologia da Universidade do Rio de Janeiro	Naturalista
HENSEL	Academia Florestal de Proskau, Coletor da Academia de Ciências de Berlim	Zoólogo
HENSEN	Universidade de Kiel	Biólogo
IHERING	Universidade de Leipzig e Erlagen, Diretor do Museu Paulista, Coletor Museu Nacional	Zoólogo
KITTLITZ	Militar	Naturalista
LANGSDORFF	Consul da Rússia no Brasil	Naturalista
MARTIUS	Universidade de Munique, Jardim Botânico de Munique	Botânico
MÖLLER	Miliar, Academia Florestal de Eberswalde	Botânico
OLFERS	Diplomata da Alemanha na corte imperial brasileira, diretor do Museu Imperial de Berlim.	Naturalista
PECKOLT	Farmacêutico, Coletor para Jardins Botânicos de Berlim e Munique, Jardim Botânico de Hamburgo	Farmacêutico
PLATZMANN	ilustrador botânico, bibliófilo, linguista	Botânico
POEPPIG	Universidade de Leipzig	Zoólogo
SPIX	Diretor, Coleção Zoológica Estadual de Munique	Naturalista
STEINEN	Universidade Marburg e Berlim, Museu de Etnologia Berlim	Antropólogo
WIED-NEUWIED	Militar, explorador	Naturalista
WITTELSBACH	Exploradora, pesquisadora independente	Botânica

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Quanto aos autônomos, há dois escritores (Bibra; Platzmann), um médico que trabalhou em consultório (Ave-Lallemant) e um farmacêutico (Peckolt).

Dentre os pesquisadores, treze naturalistas estavam vinculados a diferentes universidades ou academias (Burmeister; Detmer; Ehrenreich; Eschwege; Freyreiss, Hensel, Hensen; Ihering; Martius; Möller; Poeppig; Spix; Steinen), e treze estavam vinculados a museus, aí incluídos jardins botânicos e zoológicos, mas com diferentes hierarquias: cinco foram diretores (Burmeister; Ihering; Martius; Olfers, Spix), um curador de aracnídeos (Dahl), um ornitologista (Freyreiss) e dez coletores (Burmeister; Ehrenreich; Freyreiss, Hensel; Ihering; Kittlitz; Martius; Peckolt; Spix; Steinen; Wied-Neuwied; Wittelsbach), e ainda havia os pesquisadores independentes (Bibra; Platzmann; Wittelsbach).

Essa diferenciação entre naturalistas curadores e administradores de museu e coletores de espécimes da natureza é analisada no artigo *Natureza e Naturalistas* (1996) de Miriam Leite, que traça um perfil do percurso da profissionalização do naturalista, que inicia como peregrino no século XVIII, passa a viajante no século XIX, até chegar ao naturalista-ajudante, menos conhecido, que contribuiu para a Ciência, junto às primeiras associações científicas e museus, que possuía menos recursos financeiros para sua atividade:

sujeitos a restrições e cortes de verbas e à ideologia dos diretores dos museus, sempre às voltas com a utilidade imediata de seus trabalhos, que precisava ser demonstrada em atividades didáticas e em sua participação na resolução dos problemas do país em que estavam. Começava a se delinear o perfil do funcionário ... sobre o do cientista. (Leite, 1996, p. 42).

Pacheco de Oliveira (1987) esclarece que esses naturalistas auxiliares mantinham uma relação de subordinação, vinculado a um cientista de renome que divulgava sua atividade no meio científico e afiançava a sua qualidade como colecionador. Produzia conhecimento nas ciências naturais, mas não tinha autonomia para uma escolha de tema ou coleta de acordo com sua preferência pessoal.

E as relações se tornam ainda mais assimétricas quando se trata dos auxiliares não naturalistas, como os guias, caçadores, carregadores, inclusive escravizados, entre outros trabalhadores que contribuíram para o desenvolvimento da exploração científica. A este respeito Karen Lisboa pontua a posição dominante dos naturalistas que:

distantes de qualquer empatia ou identificação com este 'outro'. Por sua vez, os auxiliares muito provavelmente abandonam a missão científica em vista de escapar do tratamento coercitivo, marcado por dinâmicas assentadas em uma radical desigualdade. Também nesses casos, a ausência de registros, memórias ou documentos impõe certos limites para recuperar este lado da história. Em todo caso, desnuda-se que no discurso do viajante (masculino) conquistador, coletor de objetos e de saberes que são transferidos para o seu sistema europeu/alemão/bávaro de saberes (científicos, práticos, comerciais), transpiram nas entrelinhas a fragilidade do viajante. A sua impotência diante das vicissitudes do cotidiano da própria expedição é tributária de seu desconhecimento geográfico e social bem como das complexas relações sociais, que se travam ao longo percurso, marcadas pelo colonialismo, pela diversidade cultural e pela escravidão (Lisboa, 2023. p. 236).

O próximo item detalha essas relações e vínculos entre os naturalistas.

2.1.3 Relações sociais: filiações científicas e vínculos institucionais

Os vínculos institucionais a sociedades científicas e academias de ciências, universidades e museus permitem uma rede de relações e indicações que facilitam a obtenção de cartas de recomendação para governos, obtenção de infraestrutura para as pesquisas e de financiamento para as viagens.

O Quadros 2.5 e 2.6 detalham os vínculos estabelecidos pelos naturalistas alemães do século XIX, levantando os museus, sociedades científicas e universidades a que estavam vinculados.

Quadro 2.5- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: sociedades científicas

Naturalista	Sociedades científicas a que estava vinculado
AVE-LALLEMANT	Academia Imperial de Medicina (Brasil), Sociedades Médicas da Suécia, Prússia e Saxônia
BIBRA	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Sociedade de História Natural de Nuremberg
BURMEISTER	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Sociedade Filosófica Americana, Royal Society, Academia Nacional de Ciências (Argentina)
DAHL	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina
DETMER	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina
ENGEL	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina
EHRENREICH	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina
ESCHWEGE	Academia das Ciências (Bavária, Lisboa, São Petersburgo)
FREYREISS	Academia de Ciências da Suécia
HENSEL	Academia de Ciências de Berlim
HENSEN	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Academia de Ciências (Bavária, Prússia)
IHERING	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Sociedade Italiana de Antropologia, Sociedade Geográfica da Filadélfia
KITTLITZ	Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo
LANGSDORFF	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Acad. Imperial Ciências São Petersburgo
MARTIUS	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Academias de Ciências (Baviera, Prússia, Turim, França, Suécia, São Petersburgo), Academia Americana de Artes e Ciências, Academia de Ciências e Humanidades Göttingen, Royal Society
MÖLLER	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina
OLFERS	Academia de Ciências de Berlim
PECKOLT	Academia Alemã de Ciências Naturais Leopoldina Sociedade Imperial de Medicina (Brasil), Associação Farmacêutica Austríaca, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
PLATZMANN	Sociedade Filosófica Americana
POEPPIG	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Sociedade de História Natural de Leipzig, Royal Society, Sociedade científica (Filadélfia, Nova York, Berlim)
SPIX	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Academia de Ciências de Munique, Academia Real de Ciências da Baviera,
STEINEN	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Sociedade Berlinense para Antropologia, Etnologia e Pré-História, Sociedade Brasileira de Geografia,
WIED-NEUWIED	Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina, Academias de Ciências (Baviera, Göttingen, Prússia, São Petersburgo) Sociedade de Ciências Naturais de Emden, Sociedade Cuvieriana, Sociedade Filosófica Americana
WITTELSBACH	Academia de Ciências da Baviera, Sociedade Geográfica de Munique, Sociedade Entomológica de Berlim

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Dezessete naturalistas estavam vinculados à Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina (Ave-Lallemant; Bibra, Burmeister, Dahl, Detmer, Ehrenreich, Engel, Hensen, Ihering, Langsdorff; Martius, Möller, Peckolt, Poeppig, Spix; Steinen; Wied-Neuwied), três a Academia Real de Ciências da Baviera (Martius, Spix, Wied-Neuwied, Wittelsbach), três Academia de Ciências de Berlim (Hensel, Olfers, Poeppig), três ao Royal Society da Inglaterra (Burmeister, Martius, Poeppig) e três à Sociedade Filosófica Americana (Burmeister, Platzmann, Wied-Neuwied).

Dos naturalistas que possuíam muitas afiliações, Martius era o mais conectado, pois estava vinculado a dez sociedades científicas. Wied-Neuwied era sócio de oito entidades, Poeppig era membro de seis grupos e Peckold e Ave-Lallemant estavam vinculados a cinco sociedades.

Dos demais naturalistas, cinco estavam vinculados a três sociedades (Bibra; Ihering; Steinen; Spix; Wittelsbach), Langsdorff era membro de duas sociedades e doze naturalistas estavam vinculados a somente uma sociedade científica (Dahl, Detmer, Ehrenreich, Engel Eschwege, Freyreiss, Hensel, Hensen, Kittlitz, Möller, Olfers, Platzmann).

Os naturalistas, em sua maioria, estavam vinculados a museus (20), assim como a sociedades científicas (21).

Foram mencionados 18 diferentes museus, sendo onze na Alemanha, três no Brasil, dois na Suécia, um na Argentina e um na Rússia. Desses museus, dois eram universitários, dois zoológicos, dois jardins botânicos, um era gabinete e um coleção de academia. Catorze museus eram de História Natural, dois Etnológicos e um de história e Arte. Quatro naturalistas não possuíam vínculos com museus (Detmer; Hensen, Möller, Platzmann).

Cinco naturalistas estavam vinculados ao Museu de História Natural de Berlim (Dahl, Freyreiss, Hensel, Olfers), três ao Kunstkamera de São Petersburgo (Freyreiss, Kittlitz, Langsdorff), três ao Museu Nacional, Brasil (Freyreiss, Ihering, Peckolt), dois ao Jardim Botânico de Munique (Martius, Peckolt) e dois ao Museu Etnológico de Berlim (Ehrenreich, Steinen).

Hermann von Ihering esteve vinculado a dois museus no Brasil. Logo que ele chegou, em 1880, foi coletor do Museu Nacional por três anos, quando também pesquisava a região Sul. Mais tarde foi por vinte e um anos foi diretor do Museu Paulista (1895-1916).

Quadro 2.6- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: universidade e museu

Naturalista	Museus a que estava vinculado	Universidade
AVE-LALLEMANT	Museu de História da Arte e da Cultura de Lübeck	Sem vínculo
BIBRA	Museu de História Natural de Nuremberg, fundador	Sem vínculo
BURMEISTER	Museu Argentino de Ciências Naturais Bernardino Rivadavia	Universidade de Halle-Wittenberg
DAHL	Museu de História Natural de Berlim	Universidade de Berlim
DETMER	Não encontrado	Universidade de Jena
ENGEL	Museu da Universidade Agrícola de Berlim	Universidade Agrícola Berlim
EHRENREICH	Museu Etnológico de Berlim	Universidade de Berlim
ESCHWEGE	Real Gabinete de Mineralogia RJ, Coleção Blumenbach	Real Academia Militar (Brasil)
FREYREISS	Museu de História Natural de Berlim, Estocolmo e, Uppsala, Kunstkamera (São Petersburgo), Museu Nacional	Universidade do Rio de Janeiro
HENSEL	Museu de História Natural de Berlim	Academia Florestal de Proskau
HENSEN	Não encontrado	Universidade de Kiel
IHERING	Museu Paulista, Museu Nacional	Universidade de Leipzig e Erlangen
KITTLITZ	Kunstkamera (São Petersburgo)	Sem vínculo
LANGSDORFF	Kunstkamera (São Petersburgo)	Sem vínculo
MARTIUS	Jardim Botânico de Munique	Universidade de Munique
MÖLLER	Não encontrado	Academia Florestal de Eberswalde
OLFERS	Museu de História Natural de Berlim, diretor	Sem vínculo
PECKOLT	Laboratório Químico do Museu Nacional, Jardim Botânico de Hamburgo	Sem vínculo
PLATZMANN	Não encontrado	Sem vínculo
POEPPIG	Museu Zoológico da Universidade de Leipzig	Universidade de Liepzig
SPIX	Coleção Zoológica do Estado de Munique	Sem vínculo
STEINEN	Museu Etnológico de Berlim	Universidade Marburg e Berlim
WIED-NEUWIED	Coleção Blumenbach do Museu Universitário de Göttingen	Sem vínculo
WITTELSBACH	Museu Estadual de Etnologia de Munique	Sem vínculo

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

A vinculação do naturalista viajante a um museu, a uma universidade e a uma sociedade científica serve, de acordo com Bourdieu, como uma forma de distinção, onde as:

diferenças primárias - aquelas que estabelecem a distinção entre as grandes classes de condições de existência - encontram sua origem no volume global do capital (capital econômico, capital cultural e, também, capital social) como conjunto de recursos e poderes efetivamente utilizáveis (Bourdieu, p. 107).

Assim, essas filiações funcionam como um modo de garantir recursos, não somente econômicos que facilitam suas pesquisas, mas culturais e relacionais, que estão intimamente vinculados e são adquiridos pelo pertencimento a um grupo. Assim, lecionar em uma universidade de renome, ser membro efetivo de uma Sociedade Científica de prestígio, poder contribuir para a descoberta de novas espécies de zoológicas e botânicas que estarão identificadas com seu nome em um museu, é converter capital cultural em capital econômico e até em capital social.

2.2 VIAGEM AO BRASIL: MAPEAMENTO GEOGRÁFICO, TEMPORAL E SOCIAL DAS EXPLORAÇÕES

Nessa seção analisa-se a temporalidade das viagens, os vínculos entre os naturalistas, o financiamento, os trajetos e estados percorridos e que outros países os naturalistas visitaram.

2.2.1 Fontes de recursos para as viagens

Pacheco de Oliveira (1987) distingue três grandes esquemas para financiamento de viagens, sendo uma deles a concessão de fundos por parte de algumas instituições ou organismos, que podem ser públicos ou privados, diretamente ao viajante, dividindo os méritos da expedição, cabendo à instituição a decisão sobre a destinação dos objetos coletados e exemplifica que a grande parte das coleções reunidas por Spix e Martius foram destinadas ao Museu de História Natural da Academia de Ciências de Munique, bem como ao Museu de História Natural de Viena, cujo diretor, Dr. Von Scheibers, organizou a comissão científica austríaca que veio ao Brasil, a qual se juntaram Spix e Martius, a pedido do Rei da Baviera.

Em relação ao financiamento, o Quadro 2.7 apresenta cinco modalidades de fontes de financiamento das viagens:

- 1- Recursos próprios,
- 2- Universidade,
- 3- Governo
- 4- Sociedade científica e
- 5- Museu.

A maioria dos naturalistas, oito, obteve financiamento do governo, dois da Alemanha (Dahl, Hensen), dois da Rússia (Kittlitz, Langsdorff), dois da Baviera (Spix, Martius), um de Portugal (Eschwege).

Quadro 2.7 – Recursos financeiros e institucionais

Naturalista	Financiamento	Vinculação
AVE-LALLEMANT	Recursos próprios	Independente
BIBRA	Recursos próprios	Independente
BURMEISTER	Instituição -Universidade de Halle	Universidade
DAHL	Governo - Alemanha, Doadores	Museu
DETMER	Instituição – Sociedade Renana de C. Naturais	Universidade
ENGEL	Recursos próprios	Museu
EHRENREICH	Instituição - Museu Etnológico de Berlim	Museu / Universidade
ESCHWEGE	Governo - Portugal	Governo
FREYREISS	Governo - Rússia/Auxílio financeiro do Brasil	Museu
HENSEL	Instituição – Academia de Ciências Berlim	Museu
HENSEN	Governo- Alemanha	Universidade
IHERING	Instituição - Museu Paulista e Museu Nacional	Museu
KITTLITZ	Governo - Rússia	Museu
LANGSDORFF	Governo – Rússia (2)	Museu / Governo
MARTIUS	Governo - Baviera	Museu
MÖLLER	Instituição – Academia de Ciências de Berlim	Universidade
OLFERS	Governo – Prússia (2)	Museu / Governo
PECKOLT	Independente, Venda de coleta	Museu
PLATZMANN	Recursos próprios	Independente
POEPPIG	Instituição - Academia Saxônica de Ciências	Museu
SPIX	Governo - Baviera	Museu
STEINEN	Instituição - Museu Etnológico de Berlim	Museu, Universidade
WIED-NEUWIED	Recursos próprios	Universidade
WITTELSBACH	Recursos próprios	Independente

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

A Tabela 2.2 detalha as formas de financiamento, onde é possível constatar que sete naturalistas realizaram suas viagens com seus próprios recursos (Ave-Lallemant, Bibra, Engel, Peckolt, Platzmann, Wied-Neuwied, Wittelsbach).

Tabela 2.2 Financiamento da viagem

Vinculação	Naturalistas
Recursos próprios	7
Museu	4
Universidade	1
Sociedade científica	4
Governo	8

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Quatro museus financiaram diversas viagens. Duas viagens de Ehrenreich, uma delas com Steinen, foram realizadas com recursos do Museu Etnológico de

Berlim. As coletas de Ihering na década de 1880 foram bancadas pelo Museu Nacional e o Museu Paulista financiou dezenas de viagens desde o final da década de 1890 até o início do século XX, quando Ihering foi diretor do Museu.

Quatro naturalistas foram financiados por sociedades científicas: Detmer pela Sociedade Renana de Ciências Naturais, Hensel e Möller pela Academia de Ciências de Berlim, e Poeppig pela Academia Saxônica de Ciências.

Karen Lisboa (2023) refere que o financiamento em si não garante o sucesso de uma expedição, e destaca que no caso de Spix e Martius não dependeu apenas do financiamento da Academia de Ciências de Munique, com o apoio das coroas da Baviera e da Áustria, além do empenho de ambos, mas foi relevante o auxílio de inúmeros “informantes” e mediadores locais, sendo a narrativa “Reise in Brasilien”, mais do que o relato da expedição baseado nos apontamentos de viagem e pesquisa bibliográfica, também menção da participação desses numerosos mediadores.

Em contraponto, houve a expedição de Langsdorff para a Amazonia, com uma equipe enorme para a época (39 pessoas), que contou com amplo financiamento do governo da Rússia e concluiu com somente doze pessoas.

A tabela 2.3 detalha a vinculação institucional dos naturalistas, em que quatro naturalistas eram exploradores independentes (Ave-Lallemant, Bibra, Platzmann, Wittelsbach).

Tabela 2.3 Vinculação do naturalista

Vinculação	Naturalistas
Independente	4
Institucional - Museu	14
Institucional	-
Universidade	7
Governo	3

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

A maioria dos viajantes (21) possuía vínculo institucional, sendo catorze com Museus (Dahl, Engel, Ehrenreich, Freyreiss, Hensen, Ihering, Kittlitz, Langsdorff, Martius, Olfers, Peckolt, Poeppig, Spix, Steinen) e sete com universidades (Burmeister, Detmer, Ehrenreich, Hensen, Möller, Steinen, Wied-Neuwied), três possuíam vínculo com o governo (Eschwege, Langsdorff, Olfers).

Ave-Lallemant, em sua primeira estada no Brasil, trabalhou para o governo da coroa, e em sua segunda viagem realizou explorações independentes no Norte e Sul

do país. Bibra produzia seus escritos sobre viagens em paralelo às suas pesquisas sobre bioquímica e mais tarde foi um dos fundadores do Museu de História Natural de Nuremberg. Detmer (Jena) e Möller (Eberswalde) apesar de vinculados a universidades se licenciaram para empreenderem a viagem de pesquisa.

Engel realizou suas pesquisas e trabalhou com agricultura na Venezuela. Mais tarde se vinculou ao museu da Universidade Agrícola Berlim como Bibliotecário. Langsdorff em sua primeira estada prolongada no Brasil, por conta de avaria no navio que realizava uma expedição de circum-navegação, aproveitou a oportunidade para explorar Santa Catarina, coletando espécimes e, quando cônsul, realizou pesquisa exploratória vinculado ao Museu de História Natural de São Petersburgo.

Peckolt emigrou para o Brasil, onde permaneceu e abriu uma farmácia e realizava coletas para vários museus, inclusive para Martius (Jardim Botânico de Munique). Chegou inclusive a trabalhar no laboratório do Museu Nacional. Já Plantzmann passou vários anos em Paranaguá pesquisando de forma independente a natureza e depois se especializou em linguística.

Wied-Neuwied tinha interesse realizar explorações e foi influenciado por Blumenbach e Humboldt a escolher o Brasil. Teresa da Baviera (Wittelsbach), por sua vez, era uma pesquisadora independente e, anos após sua viagem, suas coletas foram incorporadas a diversos museus da Alemanha.

Há ainda vinculações institucionais simultâneas como no caso de Ehrerreich e Steinen que coletaram para o Museu Etnológico de Berlim enquanto pesquisavam para a Universidade de Berlim.

2.2.2 Temporalidade das viagens

O quadro 2.8 apresenta a linha do tempo da viagem dos naturalistas, em que se observa Langsdorff esteve no país em três ocasiões (1803-1804; 1813-1820 e 1822-1830).

Quadro 2.8- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: análise temporal

Naturalista	Quando no Brasil	Idade em anos	Duração da viagem em anos
AVE-LALLEMANT	1836-1855 e 1857-1859	24 e 46	19 e 2
BIBRA	1849-1851	43	2
BURMEISTER	1850-1852	43	2
DAHL	1889	33	1
DETMER	1895	45	1
ENGEL	1857-1963	23	6
EHRENREICH	1884-1885 e 1887-1889	29	1 e 2
ESCHWEGE	1810-1821	33	11
FREYREISS	1813-1825	24	12
HENSEL	1863-1866	37	3
HENSEN	1889	54	1
IHERING	1880-1916	30	36
KITTLITZ	1827	27	1
LANGSDORFF	1803-1804; 1813-1820 e 1822-1830	29, 39, 42	1, 8 e 8
MARTIUS	1817-1820	23	3
MÖLLER	1890-1893	30	3
OLFERS	1818-1821 e 1827-1830	25 e 32	3 e 3
PECKOLT	1847-1912	25	65
PLATZMANN	1858-1864	26	6
POEPPIG	1831-1832	33	2
SPIX	1817-1820	36	3
STEINEN	1884-1885 e 1888-1889	25 e 29	2 e 2
WIED-NEUWIED	1815-1817	33	2
WITTELSBACH	1888	38	1

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Quatro naturalistas (Ave-Lallemant, Ehrenreich, Olfers, Steinen) estiveram no Brasil em duas ocasiões, dois se fixaram no país aqui falecendo (Freyreiss, Peckolt) e um passou aqui a maior parte de sua carreira (Ihering).

Pode-se dividir os naturalistas em três períodos de estadia no século XIX, cada um visitado por oito naturalistas: terço inicial de 1801 a 1830 (Eschwege Freyreiss; Kittlitz; Langsdorff; Martius; Olfers; Spix; Wied-Neuwied), meio do século de 1831 a 1869 (Ave-Lallemant; Bibra; Burmeister; Engel; Ihering; Peckolt; Platzmann; Poeppig) e terço final de 1870 a 1900 (Dahl; Detmer; Ehrenreich; Hensen; Hensen; Möller; Steinen; Wittelsbach).

Essa divisão em três períodos do século XIX, no decorrer da análise, vai mostrar peculiaridades próprias do desenvolvimento das viagens de cada período.

Se distribuídos por décadas como exhibe a Tabela 2.4, verifica-se que houve uma concentração de naturalistas, seis, nas décadas de 1810 (Freyreiss, Langsdorff, Martius; Olfers; Spix; Wied-Neuwied) e de 1880 (Dahl; Ehrenreich; Hensen; Ihering, Steinen; Wittelsbach).

Tabela 2.4 Viagem dos naturalistas alemães: por década

Década da Viagem	Naturalistas
1801-1810	1
1811-1820	6
1821-1830	2
1831-1840	2
1841-1850	3
1851-1860	2
1861-1870	1
1871-1880	0
1881-1890	6
1891-1900	2

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Na década de 1800 veio somente Eschwege, na década de 1820, três naturalistas vieram (Kittlitz; Langsdorff; Olfers), na década de 1830 viajaram dois (Ave-Lallemant; Poeppig), de 1840 três viajantes (Bibra; Burmeister; Peckolt) e de 1850 quatro naturalistas (Ave-Lallemant; Engel; Platzmann), somente Hensel veio na década de 1860, nenhum viajante veio na década de 1870 e na última década, 1890, vieram dois naturalistas (Detmer, Hensen).

Tabela 2.5 Idade dos naturalistas alemães na chegada ao Brasil

Idade na chegada	Naturalistas
21-30 anos	13
31-40 anos	10
41-50 anos	5
Mais de 51 anos	1

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

A idade dos naturalistas alemães na chegada ao Brasil variou de 23 a 54 anos (Tabela 2.5), sendo a maioria, treze, jovem com menos de 30 anos (Ave-Lallemant; Engel; Ehrenreich; Freyreiss; Ihering; Kittlitz; Langsdorff; Martius; Möller; Olfers; Peckolt; Platzmann; Steinen) e somente um naturalista acima de 51 anos (Hensen). Langsdorff veio com 29, 39 e 42 anos, Olfers com 25 e 32 anos e Ehrenreich com 29 e 32 anos. Ave-Lallemant veio aos 24 anos, não como viajante e sim como médico e

se estabeleceu no Rio de Janeiro permanecendo 19 anos, e retornou aos 46 anos, explorando o país por dois anos.

Dez naturalistas estavam com idade entre 31 e 40 anos quando chegaram ao Brasil (Dahl, Ehrenreich, Eschwege, Hensel, Langsdorff, Olfers, Poeppig, Spix, Wied-Neuwied, Wittelsbach) e cinco entre 41 e 50 anos (Ave-Lallemant, Bibra; Burmester, Detmer, Langsdorff).

Em relação ao tempo de permanência no Brasil (Tabela 2.6), variou de menos de um ano, no caso de viagens de circum-navegação, até 65 anos (Peckolt).

Tabela 2.6 Tempo de permanência no Brasil dos naturalistas alemães

Permanência	Naturalistas
mais de 11 anos	5
2 a 6	15
até 1 ano	7

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

A maioria dos naturalistas alemães, quinze, exploraram o Brasil entre dois e seis anos (Ave-Lallemant, Bibra, Burmeister, Engel, Hensel, Martius, Möller, Olfers, Platzmann, Poeppig, Spix, Steinen, Wied-Neuwied), sete permaneceram até um ano (Dahl, Detmer, Ehrenreich, Hensen, Kittlitz; Langsdorff, Wittelsbach) e cinco ficaram mais de onze anos: Freyreiss (12), Peckolt (65), Ihering (36), Langsdorff (13), e Eschwege (11), nem todo esse período dedicado à exploração.

Langsdorff organizou duas expedições uma para Minas gerais (1824-1825) e uma para a Amazônia (1826-1829).

Freyreiss participou de uma expedição com Langsdorff, depois acompanhou Wied-Neuwied, foi professor de Zoologia pela Universidade do Rio de Janeiro e fundou a Colônia Leopoldina na Bahia onde faleceu.

Eschwege concentrou suas viagens de exploração mineralógica em Minas Gerais, mas foi professor da Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Ihering organizou diversas expedições de coleta para o Museu Paulista como diretor (1895-1916), mas logo que chegou ao Brasil realizou coleta, principalmente da fauna, no Rio Grande do Sul (1880-1883), de forma independente.

E Peckolt tinha como principal fonte de renda sua farmácia, mas coletou para diversos museus e jardins botânicos da Europa, principalmente para o Jardim Botânico de Munique, dirigido por Martius.

Em publicação de 1896 no Boletim do Museu Paraense, intitulada “A Fauna do Pará”, Friedrich Dahl é duramente criticado em relação às suas pesquisas nos arredores de Belém por Emílio Goeldi, Diretor do Museu Paraense, que considerou seus resultados superficiais pelo pouco tempo que realizou o estudo (Dahl, 1896). Dahl participou com Hensen de uma exploração de circum-navegação, *Expedition Plancton*, realizada com o objetivo de coletar plâncton de 100 estações do oceano Atlântico, uma pesquisa da Universidade de Kiel, sendo as paradas rápidas e as coletas em terra superficiais.

A primeira viagem de Langsdorff ao Brasil em 1803 também foi de circum-navegação do governo da Rússia. No entanto, a estada foi prolongada em Santa Catarina, pois o navio precisou de reparos, o que possibilitou o naturalista a explorar a região.

A segunda viagem de Ave-Lallemant, que ele se alistou como médico com recomendação de Humboldt, também deveria ter sido de circum-navegação, mas o viajante abandonou o grupo quando chegou ao Rio de Janeiro e então realizou dois anos de exploração pelo Brasil de forma independente.

2.2.3 Locais visitados

A maioria dos naturalistas (14) viajou por diversos países da América do Sul, mas dez estiveram somente no Brasil. A Ásia foi visitada por oito naturalistas (Detmer, Ehrenreich, Hensen, Kittlitz, Langsdorff, Steinen, Wied-Neuwied, Wittelsbach), seis viajaram para a África (Ave-Lallemant, Hensen, Kittlitz, Langsdorff, Steinen, Wittelsbach), sete para a América do Norte (Dahl, Ehrenreich, Hensen, Kittlitz, Langsdorff, Steinen, Wied-Neuwied), quatro para a Oceania (Dahl, Kittlitz, Langsdorff, Steinen) e dois para a América Central (Poeppig, Steinen). Steinen foi o único naturalista que visitou todos os continentes, inclusive Antártica.

Em relação aos estados visitados, Tabela 2.7, a maioria dos naturalistas, evidentemente, esteve no Rio de Janeiro (18), pois era a capital do país, aonde a maior parte dos navios atracava e onde conseguiam resolver questões burocráticas da jornada. Os naturalistas que não estiveram no Rio de Janeiro, foram Bibra, Engel e Poeppig que viajaram pelo estado do Amazonas a partir do Peru, e Dahl e Hensen que realizavam uma viagem de circum-navegação que só atracou em Belém.

Tabela 2.7 Estados do Brasil visitados pelos Naturalistas

Estado	Naturalistas
Rio de Janeiro (RJ)	19
Minas Gerais (MG)	12
São Paulo (SP)	11
Pará (PA)	10
Amazonas (AM)	9
Espírito Santo (ES)	7
Santa Catarina (SC)	6
Bahia (BA)	6
Paraná (PR)	6
Mato Grosso (MT)	4
Maranhão (MA)	3
Pernambuco (PE)	3
Rio Grande do Sul (RS)	3
Piauí (PI)	2
Alagoas (AL)	1
Ceará (CE)	1
Goiás (GO)	1
Rio Grande do Norte (RN)	1
Sergipe (SE)	1

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Ave-Lallemant percorreu catorze estados, Spix e Martius nove, Ehrenreich e Steinen sete, Hensel e Langsdorff seis, Detmer Ihering e Wittelsbach cinco estados, Freyreiss, Möller, Wied-Neuwied quatro, Burmeister, Eschwege e Olfers três, Poeppig viajou por dois estados e somente um estado foi visitado por cinco naturalistas (Bibra, Dahl, Engel, Hensen, Kittlitz).

2.2.4 As explorações realizadas

O Quadro 2.9 caracteriza as explorações realizadas, detalhando os trajetos, as equipes de trabalho, o período realizado e o objetivo da expedição.

Considerando que há naturalistas que participaram de mais de uma exploração, a lista foi organizada por expedição.

Para o levantamento do trajeto das explorações foram consultadas diversas fontes, como os índices dos diários de viagem dos naturalistas, a Brasileira Iconográfica e o Atlas dos Viajantes no Brasil.

Quadro 2.9- Naturalistas alemães do século XIX no Brasil: explorações

Exploração	Período	Equipe	Trajetos	Síntese do trabalho realizado
Região Sul	1857-1858	AVE-LALLEMANT exploração individual	De navio do Rio de Janeiro a Santos, Cubatão, São Paulo, Santos navio até Cananeia, de barco até Iguape, navio de Cananeia a Paranaguá, Morretes, Curitiba, Joinville, Itajaí, Blumenau, São Pedro de Alcantara, Alfredo Wagner, Lajes, São Joaquim, Tubarão, Laguna, Florianópolis, navio passando por Pelotas até Porto Alegre, São Jerônimo, Taquari, Passo Rodrigues, Fachinal, Santo Angelo, Passo do Jacui, São Martinho, São Miguel, São Lourenço, São Luís, São Borja, Itaqui, Uruguaiana, Alegrete, Invernada, São Gabriel, Cambal, Caçapava, Barro Vermelho, Cachoeira do Sul, Rio Pardo, São Jerônimo, Porto Alegre (Atlas dos Viajantes no Brasil, 2025; Ave-Lallemant, 1980)	Análise da sociedade brasileira, estudo das patologias, conhecer regiões de imigração alemã
Bahia	1859	AVE-LALLEMANT, exploração individual	Rio de Janeiro (Vapor Paraná) Bahia (Camamu, Ilhéus, Canasvieiras, Belmonte, Jequitinhonha, Santa Cruz, Porto Seguro, Caravelas, Viçosa, Mucuri, Santa Clara, Filadelfia), visita a “botocudos” volta ao Rio de Navio Tiete (Ave-Lallemant, 1961)	Análise da sociedade brasileira, estudo das patologias, conhecer regiões de imigração alemã, visitar povos indígenas
Pernambuco, Sergipe e Alagoas, Pará, Amazonas	1859	AVE-LALLEMANT, exploração individual	Rio de Janeiro (Cruzeiro do Sul), Bahia, Maceió, Pernambuco (Olinda), Alagoas (a cavalo para Penedo, Tabuleiro, São Francisco, Pão de Açúcar, Cachoeira de Paulo Afonso), Sergipe (Aracaju, Maruim), Navio com parada em Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará, troca Navio Cameté pelo Rio Tocantins volta Pará, Rio Negro até Manaus, pelo Solimões, Tabatinga, Tefé, São Paulo de Olivença, Tefé, Manaus, Pará, Pernambuco e Lisboa (Ave-Lallemant, 1961)	Análise da sociedade brasileira, estudo das patologias, visitar povos indígenas
Peru, Chile, Brasil	1849-1851	BIBRA, exploração individual	Rio de Janeiro, exploração nos arredores, navio para Santiago (Bibra, 1854)	Explorou zoologia, mais do Peru e Chile, Brasil de passagem
Lagoa Santa e Minas Gerais	1850-1852	BURMEISTER e filho, Christian Burmeister	Rio de Janeiro, Nova Friburgo, Rio Paraíba Rio da Pomba, aldeias Coroados e Puris, Rio Doce, Mariana, Itacolomi, Rio das Telhas, Lagoa Santa, Congonhas do Campo, Sabará, Barbacena, Cachoeira, Queluz, Rio de Janeiro, Petrópolis (Burmeister, 1853)	Pesquisou Lagoa Santa (Lund), licenciado de Halle, coletou espécimes zoológicos e paleontológicos
Circum-navegação <i>Expedition Plancton</i>	1889	DAHL, HENSEN, Brandt, Schütt, Krümmel, Fischer	Belém do Pará, parada e exploração nos arredores de Belém (Dahl, 1896)	Coletou plânctons de 100 estações do Atlântico; pesquisa de Zoologia nos arredores de Belém (PA)
Pesquisa Botânica pelo Nordeste e Sudeste	1895	DETMER, Exploração individual	Navio Tijuca de Lisboa, Fernando de Noronha, Salvador, Paraguaçu, Caatinga, Florestas, Santo Amaro, de Navio para Rio de Janeiro, Ouro Preto, Vespasiano, Lagoa Santa, São Paulo, Rio de Janeiro, Macaé, Campos, Murundu, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Lisboa (Detmer, 1897)	Pesquisa Botânica, licenciado da universidade de Jena
Chile, Peru, Colômbia, Venezuela	1857-1963	ENGEL, Exploração individual	Amazonia, de passagem (Engel, 1879)	Pesquisa Botânica, trabalhou com agricultura em Zulia (Venezuela)

Rio Doce	1884	EHRENREICH, Peter Vogel	Rio de Janeiro, Espírito Santo, Linhares, Mutum, Rio Guandu, Linhares, Vitoria, Cachoeiro do Itapemirim, Aldeia Puri, Rio Doce, Linhares, Vitoria, Mutum, Rio Pancas (Petschelies, 2025)	etnologia e linguística, fotografou, medidas antropométricas, e coletou crânios
Araguaia e Purus	1888-1889	EHRENREICH, separado de STEINEN, Carlos e Pedro Dhein	Navegação pelos rio Araguaia passando por aldeias Karajá e rio Purus, passando pelas aldeias Paumari, Yamamadí e Ipurinã (Petschelies, 2025)	Revisita, etnologia e linguística, fotografou, medidas antropométricas, e coletou crânios
Minas Gerais	1818	ESCHWEGE, FREYREISS, LANGSDORFF OLFERS, Sellow, Saint-Hilaire	Rio de Janeiro, São Paulo, passando pelo Rio Paraibuna para Minas, Barbacena, Serra de Ouro Branco, Ouro Preto, Serra do Itambé Serra de Santo Antônio, Serra do Galheiro, Serra do Vento, Serra da Moeda, Serra de Itabira, Serra da Cachoeira Gerais Pico do Itacolomi, Guidowald, Serra da Piedade, Serra do Caraça, São João Del Rei (Junghans, 2017).	Pesquisa econômica em Mineralogia, estudos de Geologia, Zoologia, botânica e etnologia
Rio Grande do Sul	1889	HENSEL, Exploração individual	Lagoa dos Patos, Rio Guaíba, dos Sinos, Jacuí, Cai, Rödersberg, colônias alemãs, aldeias indígenas "coroados" (Hensel, 1870)	Pesquisa zoológica e coleta para Museu de História Natural de Berlim
Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo	1880-1894	IHERING, Exploração individual	artefatos pré-históricos entre os pescadores do litoral paulista e catarinense, sambaquis de São Paulo, Santa Catarina e Paraná (Paranaguá) (Ferreira, 2005; Ihering, 1907)	Coleta de zoologia para Museu Nacional
Circum-navegação	1827	KITTLITZ, Karl Heinrich Mertens, Alexander Philipov Postels	Parada no Rio de Janeiro, realizou explorações no Corcovado e Floresta da Tijuca (Kittlitz, 1858)	Coleta zoológica (ornitologista) para Museu de História Natural de São Petersburgo em viagem de (1826-1829)
Circum-navegação	1803	LANGSDORFF, Ivan Kruzenstern	Desterro (Florianópolis), Santa Catarina, explorações nos arredores (Langsdorff, 1818)	Circum-navegação (1803-1804)
Minas Gerais	1824	LANGSDORFF, Moritz Rugendas, Ludwig Riedel,	Rio de Janeiro, Serra da Estrela, Barbacena, São Joao del Rey, Rio das Pombas, Mariana, Ouro Preto, Serra de Caraça, Vila de Caeté, (Vila de Sabará, no rio das Velha, (Manzier, 1967)	Coleta zoológica, botânica, etnologia
Expedição Langsdorff	1825-1829	LANGSDORFF, Ludwig Riedel, Christian Hasse, Edouard Ménétries, Nester Rubtsov, FLORENCE, Hercule	Rio de Janeiro, Navio, Ilha Bela, Santos, Cubatão, São Paulo, Rio Juqueri, Jundiá, Campinas, Salto, Itu, Povoado de Pirapora (Tiete), Piracicaba, Udutunduva, Jacare-Guaçu, Rio Morto, Avandava, Guacurituva, Rio Verde, Rio Pardo, Rio Anhandui, Cajuru, Boqueirão das Furnas, Avandava-Guaçu, Rio Taquari, Povoação de Albuquerque (Corumbá), Embocadura do rio São Lourenço, Rio Cuiabá, Cuiabá, Tombador, Barra do rio dos Peixes, Salto Augusto, Cachoeiro de São Florencio, Mundurucus, Itaituba, Santarém, Gurupa, Baía do Limoeiro, Belem. Outro navio para o Rio de Janeiro. (Atlas Viajantes Brasil, 2025)	Coleta zoológica, botânica, etnologia, visitar povos indígenas, cartografia, mineralogia
Sudeste, Nordeste e Norte	1817-1820	MARTIUS e SPIX e FREYREISS Sellow	Rio de Janeiro, passando por São Paulo, Minas Gerais, Bahia, interior do Pernambuco, Piauí e até São Luís (Maranhão), de onde seguiram por mar até Belém, e então navegaram pelos rios Amazonas, Solimões, Negro e Japurá (Atlas dos Viajantes no Brasil, 2025)	Coleta para Museu de História Natural de Munique, pesquisou flora, indígenas, inclusive etnolinguística

Santa Catarina	1890-1893	MÖLLER, Fritz Muller	Permaneceu dois anos em Santa Catarina (Blumenau) (Möller, 1895)	Pesquisa de fungos em clima tropical,
Minas Gerais e São Paulo	1818-1819	OLFERS, Sellow	Interior de São Paulo e Minas Gerais, sul de minas até São João dei Rei, São Paulo, permanecendo meses em Ipanema (Pinto, 1979)	Pesquisa de fauna e flora
Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santo	1848	PECKOLT Exploração individual	Percorreu Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santo sem detalhar trajeto (Filgueiras, 2016), explorações de coleta nos arredores do Rio de Janeiro (Peckolt, 2016)	Pesquisa botânica e coleta (Jardim Botânico de Munique, Martius)
Paranaguá (PR)	1858-1864	PLATZMANN, Exploração individual	Explorações de coleta nos arredores de Paranaguá (Plantzmann, 1872)	Pesquisar fauna e flora e linguística indígena
Chile, Peru e Rio Amazonas	1831-1832	POEPPIG, Exploração individual	Saindo do rio Huallaga percorreu o Rio Amazonas, passando por Tabatinga, São Paulo, e pelo Rio Solimões até Pará (Poeppig, 1837)	Pesquisa e coleta zoológica, botânica e etnológica para museus da Alemanha
Xingu	1884	STEINEN, Wilhelm Steinen	Navegação pelos rios Batovi e Xingu, saindo de Assunção (Paraguai). Passando por Fecho dos Morros, Forte Coimbra, Corumbá, Ilha do Bananal, Santo Antonio, Cuiabá, Rosário, Buracão, Aldeia Bakairi – Rio Novo, Fazenda Córrego Fundo, Aldeia Bakairi – Rio Paranatinga, Aldeia Bakairi – Rio Batovi, Aldeia Custenau, Trumai – Rio Xingu, Aldeia Suyá – Rio Xingu, três Aldeias Jurunas, Rio Xingu, Ilha Itapaiuna, Aldeias Péuas – Rio Xingu, até Porto Moz (Atlas dos Viajantes no Brasil, 2025)	Coleta para Museu Etnológico de Berlim, pesquisa etnológica
Alto Xingu	1888-1889	STEINEN, Wilhelm Steinen, EHRENREICH	Cuiaba, Acampamento de Independência, aldeias Bakairi, Rio Novo, Paranatinga, Karaiben, Kulisehu, Kuluëne, aldeias, bakari, Nahuquá, Yaurikumá, Waurá, Kamayurá. Arumá. Kamayurá Trumai, Yaulapiti, Yanumakapú-Nahuquá. (Petscheli, 2021)	Coleta para Museu Etnológico de Berlim, pesquisa etnológica
Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia	1815-1817	WIED-NEUWIED, FREYREISS, Sellow	Rio de Janeiro, São Cristóvão, São Gonçalo, Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro dos Índios, Cabo Frio, Rio das Ostras, Macaé, Rio Bragança, Vila de São Salvador, São Fidelis, Quartel de Barreiras, Itapemirim, Guarapari, Vila Velha, Vitória, Barra do Jucu, Araçatiba, Nova Almeida, Barra do Riacho, Rio Doce, Linhares, São Mateus, Vila Viçosa, Caravelas, Alcobaça, Mucuri, Prado, Rio do Frade, Trancoso, Porto Seguro, Santa Cruz, Belmonte, Quartel dos Arcos, Quartel dos Saltos, Rio Pardo, Canavieiras, Ilhéus, sertão baiano e Salvador (Wied-Neuwied, 1989)	Coleta de fauna, flora, estudar indígenas, e coletar crânios para Universidade de Gottingen (Blumenbach)
Espírito Santo	1888	WITTELSBACH, Exploração individual	Saindo de Navio de Itapemirim, Guarapari até Vitoria, por terra Carapina, Porto do Cachoeiro (Santa Leopoldina), Santa Teresa, Petrópolis, Rio Santa Maria do Rio Doce, Fazendo do Sr. Barboza, Aldeia do Mutum, navegando pelo Rio Doce, Emboque do Rio Santa Joana, Fazenda de Santo Antônio, Linhares, Regência, Santa Cruz até Anchieta. (Atlas Viajantes Brasil, 2025)	Pesquisar e coletar fauna, flora, artefatos e etnologia

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Dos 24 naturalistas foram encontradas 27 expedições, sendo três de circum-navegação, cada uma delas aportando em uma região diferente do Brasil; no Norte, em Belém em 1889 (Dahl, Hensen), no Sudeste, no Rio de Janeiro em 1827 (Kittlitz) e no Sul no Desterro (Florianópolis) em 1803 (Lansgsdorff), todas com uma equipe com mais de cinco integrantes.

As expedições foram bastante focadas em uma região, a maioria, dezesseis visitou somente uma, nove passaram por duas regiões e somente duas foram a três regiões do Brasil. A região mais explorada foi o Sudeste (15), seguida pelo Norte (9), Sul (5), Nordeste (5) e Centro-oeste (4).

Gráfico 2.3 – Regiões exploradas pelas expedições



Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Em relação às décadas, também houve concentração, a maioria ocorrendo em 1880 (8), seguido de 1850 (5), 1810 (4) e 1840 (3), sendo nas demais décadas ocorridas somente uma viagem e na década de 1870 nenhuma exploração.

Doze incursões ocorreram sem equipe, sendo realizada por um único naturalista pesquisador (Ave-Lallemant, Bibra, Detmer, Engel, Hensel, Ihering, Peckolt, Platzmann, Poeppig, Wittelsbach), que eventualmente contratava ajudantes, como carregadores, guias, para sua expedição, como foi o caso das três viagens de Ave-Lallemant (Sul, Nordeste e Norte). No entanto, houve sete naturalistas que só estiveram no país de passagem (Bibra, Engel, Kitlitz, Langsdorff (1803), Dahl e Hensen, Poeppig).

Quatro excursões ocorreram em dupla, três viagens de pesquisa em trio, como a de Wied Neuwied com Freyreiss e Selow, uma quadra (Spix, Martus, Freyreiss, Sellow), e três viagens ocorreram com equipes numerosas, as duas coordenadas por Langsdorff e uma de Eschwege.

Burmeister foi acompanhado pelo filho adolescente Christian, que realizou a maior parte das coletas, uma vez que o pai se feriu na viagem.

Spix e Martius contrataram Freyreiss, que foi a naturalista que em mais equipes pesquisou, acompanhando Eschwege, Langsdorff, Wied-Neuwied. Ele acompanhou ainda Friedrich Sellow (1789-1831), que não é listado pelo Cecult nem por Obermeier

(2011), pois não publicou, mas que acompanhou Langsdorff, Wied-Neuwied e Olfers, além do próprio Freyreiss.

2.2.5 Rede de relações entre naturalistas no Brasil

O Quadro 2.10 lista as redes de relações dos cientistas, ocorrendo viagens compartilhadas e contato cientistas aqui estabelecidos como Fritz Müller e Emílio Goeldi.

Quadro 2.10 – Rede de relações entre naturalistas

Naturalista	Rede de naturalistas
AVE-LALLEMANT	Humboldt (carta de recomendação), Blumenbach (professor)
BIBRA	Johann Joseph von Scherer (colega)
BURMEISTER	Humboldt (mentor e patrono), Peter Wilhelm Lund (motivação para a viagem ao Brasil)
DAHL	Fritz Muller (colega), Karl Möbius (professor), Emilio Goeldi (crítico)
DETMER	Wilhelm Knop (orientador)
ENGEL	Carl Emil Hugo Thiel (colega)
EHRENREICH	Steinen (equipe), Theodor Koch-Grünberg (equipe), Emilio Goeldi (colega) Bastian (professor), Virchow (professor)
ESCHWEGE	Humboldt (colaborou com informações sobre o Brasil), Spix(colega), Martius(colega), Wied-Neuwied (colega), Langsdorff (colega), Freyreiss (contratado), Sellow (contratado), Blumenbach (professor), Olfers (colega)
FREYREISS	Spix (chefe), Martius (chefe), Wied-Neuwied (chefe), Langsdorff (patrocinador, chefe) Eschwege (chefe), Sellow (colega), Olfers (chefe), Humboldt (inspirou)
HENSEL	Charles Darwin (correspondeu), Fritz Muller (colega)
HENSEN	Dahl (equipe), Karl Möbius (professor), Ernst Haeckel (crítico)
IHERING	Curt Nimuendajú (contratado), Sigismund Ernst (colega), Richard Krone (colaborador), Emilio Goeldi (colega), Bastian (professor), Virchow (professor)
KITTLITZ	Wilhelm Peter Eduard Simon Rüppell (professor)
LANGSDORFF	Wied-Neuwied (colega), Humboldt (inspirou), Spix (colega), Martius (colega), Freyreiss (contratado), Sellow (contratado), Rugendas (contratado), Olfers (colega), Blumenbach (professor), Natterer (colega), Saint-Hillaire(colega)
MARTIUS	Freyreiss (contratado) Peckolt (coletor), Spix (equipe), Wied-Neuwied (colega), Langsdorff, (colega) Eschwege (colega), Natterer (colega), Saint-Hillaire (colega), Humboldt (inspirou)
MÖLLER	Fritz Muller (primo que facilitou suas pesquisas)
OLFERS	Humboldt (mentor), Sellow (contratado), Wied-Neuwied (colega), Eschwege (colega), Freyreiss (contratado), Langsdorff (colega)
PECKOLT	Martius (coletor do naturalista), Langsdorff (conheceu)
PLATZMANN	Martius (inspirou)
POEPPIG	Christian Friedrich Schwägrichen (mentor e financiador), Gustav Kunze (financiador)
SPIX	Humboldt (mentor), Martius (equipe), Wied-Neuwied (colega), Langsdorff (colega), Freyreiss (contratado), Saint-Hillaire (colega)
STEINEN	Ehrenreich (equipe), Curt Nimuendajú(colega), Emilio Goeldi (colega) Bastian (professor), Virchow (professor)
WIED-NEUWIED	Langsdorff (colega), Humboldt (mentor), Spix (equipe), Martius (colega), Freyreiss (contratado), Sellow (contratado), Blumenbach (professor)
WITTELSBACH	Emilio Goeldi (colega), Johannes Ranke (entregou crânio)

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Houve naturalistas cuja rede de relações era fechada, próxima, estabelecida com um colega (Engel), orientador (Detmer), professor (Ave-Lallemant, Kittlitz), Möller (familiar), Platzmann (inspirado por Martius) ou financiador (Poeppig), característica mais marcante dos naturalistas que vieram no meio do século XIX.

Entre os naturalistas primeiro terço do século XIX havia uma rede de relações mais complexa, envolvendo a influência de Humboldt e de Blumenbach:

- Humboldt influenciou com suas viagens e livros Burmeister, Eschwege, Freyreiss, Langsdorff, Martius, Spix, Olfers, Wied-Neuwied, foi mentor de Burmeister, Olfers, Spix e Wied-Neuwied, e foi patrono de Burmeister.
- Blumenbach foi professor de Eschwege, Langsdorff, Olfers, Spix e Wied-Neuwied. Seu pedido de crânio influenciou Freyreiss e Sellow.
- Spix e Martius eram uma equipe e colegas de Eschwege, Langsdorff e Wied-Neuwied e contratam Freyreiss e Sellow para sua equipe de viagem.
- Langsdorff contratou Sellow e Freyreiss ainda na Rússia e foi colega de Spix e Martius, Eschwege, Wied-Neuwied e Olfers.
- Wied-Neuwied contratou Sellow e Freyreiss para sua equipe de viagem e era colega de Spix e Martius e Eschwege.
- Olfers além de colega diplomata de Langsdorff contratou Sellow para sua equipe de viagem.
- Eschwege guiou Freyreiss e Sellow, foi colega de Spix e Martius e Langsdorff.

O naturalista com a rede de ligações mais complexa foi Freyreiss, que chegou ao Brasil patrocinado por Langsdorff. Todavia, houve algum desentendimento e o naturalista passou a trabalhar como coletor para outros naturalistas, como Wied-Neuwied, Olfers e Spix e Martius, numa relação assimétrica, e foi colega de Sellow, que não consta na lista do Cecult nem do Obermeier, e foi auxiliado por Eschwege, no início de suas viagens.

Já os naturalistas que estiveram no Brasil no quarto final século XIX, estabeleceram vínculos com colegas aqui residentes como Emilio Goeldi (Dahl, Ehrenreich, Ihering, Steinen, Wittelsbach), Curt Nimuendajú (Ihering) e Fritz Müller (Burmeister, Dahl, Hensel, Ihering, Möller) e três deles foram alunos de Virchow e Bastian (Ehrenreich, Ihering, Steinen).

2.2.6 As coletas realizadas pelos naturalistas

O Quadro 2.11 apresenta a distribuição dos naturalistas por tipo de coleta, onde somente Freyreiss, Spix e Martius e Wied-Neuwied realizaram os quatro tipos.

Quadro 2.11- Coletas dos Naturalistas alemães do século XIX no Brasil

Naturalista	Coleta botânica	Coleta Zoológica	Coleta etnológica	Materiais sensíveis
AVE-LALLEMANT	Não realizou coleta significativa	Não realizou coleta significativa	Não realizou coleta significativa	Não coletou
BIBRA	Não realizou coleta significativa	evidência de coleta (Gregorovius)	evidência de coleta (Gregorovius)	Há evidência de coleta de crânios (Gregorovius)
BURMEISTER	Não realizou coleta significativa	Insetos, aves, fósseis	Não realizou coleta significativa	Possivelmente, visitou Lund que coletou crânios
DAHL	Não	Centenas, principalmente aracnídeos	Não	Não
DETMER	Sim, quantidade não especificada	Não	Não	Não
ENGEL	Sim, quantidade não especificada	Não	Não	Não
EHRENREICH	Não	Não	1.235 com Steinen	“botocudos” e diversos de povos da Amazônia
ESCHWEGE	Não. Coletas geológicas	Não. Coletas geológicas	Não. Coletas geológicas	crânios de “Botocudo”
FREYREISS	Sim, quantidade não especificada	900 mamíferos e aves, insetos, quantidade não especificada	Sim, quantidade não especificada	5 crânios, comprou 2 indígenas
HENSEL	Não	Crânios de mamíferos, quantidade não especificada	Não	2 crânios coroados
HENSEN	Não, pesquisou plancton	Não, pesquisou plancton	Não, pesquisou plancton	Não, pesquisou plancton
IHERING	Não	Sim, quantidade não especificada	Sim, quantidade não especificada	Pagava coletores para obter crânios para MP
KITTLITZ	Não	Pássaros	Não	Não
LANGSDORFF	Sim, quantidade não especificada	100 peles de macacos, preguiças, marsupiais	99 objetos etnográficos	1 crânio de um menino, 1 cabeça-troféu
MARTIUS	6500	Responsabilidade de Spix	Sim, quantidade não especificada	3 crânios, 5 pessoas vivas
MÖLLER	Não. Coletas fungos	Não. Coletas fungos	Não. Coletas fungos	Não. Coletas fungos
OLFERS	Não	Sim, não especificada	Não	Não
PECKOLT	Milhares, quantidade não especificada	Não	Não	Não
PLATZMANN	Sim, milhares	Sim, não especificada	Não	Não
POEPPIG	17000 secas, maioria do Chile e Peru	Centenas, empalhados, maioria do Chile e Peru	Sim, quantidade não especificada	Não do Brasil, passou brevemente
SPIX	Responsabilidade de Martius	85 mamíferos, 350 aves, 130 anfíbios, 116 peixes, 2700 insetos	Sim, quantidade não especificada	3 crânios, 2 cabeças-troféu
STEINEN	Não	Não	1.235 com Ehrenreich	Não
WIED-NEUWIED	7000	4600	centenas	2 crânios, 1 pessoa viva
WITTELSBACH	milhares	milhares	2438	Sim, peruano para Johannes Ranke

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Foi possível levantar que dez destes naturalistas coletaram crânios no Brasil (Bibra, Ehrenreich, Eschwege, Freyreiss, Hensel, Ihering, Langsdorff, Martius, Spix, Wied-Neuwied), sendo que é provável que Burmeister tenha coletado.

Em relação às coletas não há muitas informações detalhadas, mas a maioria dos naturalistas, catorze, realizou coletas zoológicas, ainda que tenha havido uma boa distribuição entre tipo de coleta sendo botânicas (10), etnológicas (11) e crânios (10), coletados de forma uniforme entre os naturalistas (Tabela 2.8 e Quadro 2.12).

Tabela 2.8 Coletas realizadas pelos naturalistas

Coleta	Naturalistas
Zoológica	14
Botânica	10
Etnológica	11
Crânios	10

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Quadro 2.12- Coletas por tipo

Coleta			
Botânica	Zoológica	Etnológica	Crânios
Detmer	Bibra	Bibra	Bibra
Engel	Burmeister	Ehrenreich	Ehrenreich
Freyreiss	Dahl	Freyreiss	Eschwege
Langsdorff	Freyreiss	Ihering	Freyreiss
Martius	Hensel	Langsdorff	Hensel
Peckolt	Ihering	Martius	Ihering
Platzmann	Kittlitz	Poeppig	Langsdorff
Poeppig	Langsdorff	Spix	Martius
Wied-Neuwied	Olfers	Steinen	Spix
Wittelsbach	Platzmann	Wied-Neuwied	Wied-Neuwied
	Poeppig	Wittelsbach	
	Spix		
	Wied-Neuwied		
	Wittelsbach		

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Uma coleta que merece ser mencionada é de fragmentos do meteorito Bendegó que Spix e Martius coletaram em 1818. Para tanto queimaram o objeto por três dias, considerado hoje em dia um ato de vandalismo:

não foi descoberto no lugar onde está atualmente, porém a uns 150 passos a oeste, e alguns pés mais alto [...] Deu-se logo parte ao Governo, da existência desse bloco metálico, que a princípio se julgava ser prata (Spix, Martius, 2017, v. 2, p. 298)

No segundo dia, empilhamos uma alta pilha de lenha sobre a massa metálica, e, durante vinte e quatro horas, mantivemos fogo vivo; graças a isso e à recompensa que prometemos ao operário mais feliz, obtivemos, finalmente, no terceiro dia, diversos fragmentos de algumas libras de peso, o maior dos quais está conservado no Museu de Munique (Spix, Martius, 2017, v. 2, p. 301)

Não há muitos dados quantitativos, mas chama a atenção a coleta botânica de Poeppig com 17.000 espécimes, os 900 mamíferos e aves coletados por Freyreiss e os 2.438 objetos etnológicos coletados por Wittelsbach.

Para fins de comparação Johann Natterer (1787-1843), naturalista austríaco que chegou ao Brasil com a Princesa Leopoldina em 1817, ocasião em que também vieram Spix e Martius, e permaneceu 18 anos (1817-1835) no país, coletou e formou uma das maiores coleções de objetos brasileiros. Segundo o Museu de História Natural de Viena, foram enviados à Áustria mais de 150 mil objetos, sendo mais de 30 mil plantas, principalmente coletadas por Johann Pohl, botânico da equipe de Natterer (NHMW, 2022).

Claudia Augustat (2012) especifica 1.146 mamíferos, 12.293 aves, 1.678 pássaros, 1.621 peixes, 32.825 insetos, 409 crustáceos, 951 conchas, 73 moluscos, e 1.729 vermes intestinais conservados em álcool ou formol, além de 242 sementes, 430 minerais, 138 tipos de madeira, 216 moedas e 192 crânios, sobretudo de animais (Augustat, 2012. p. 16).

Em relação às coleções etnográficas de Natterer, Augustat (2012) lista 2.217 objetos, pertencentes à coleção do Weltmuseum, e considera que a coleta etnográfica representou uma descontextualização, pois retirou os objetos de seus nexos de sentido e atribuiu-lhes novos significados, que podem ser evidenciados observando-se as aquarelas que documentam a exposição da coleção na casa imperial (Augustat, 2012. p. 16). A presença de crânios humanos na coleção de Natterer é referida por Augustat (2012) que relata que diretor do gabinete de Ciências Naturais da corte, Carl von Schreibers, definiu os objetivos da viagem de Natterer e em relação à população indígena: “devem ser buscadas informações acerca de sua vida, de seus usos e costumes, descrever seu aspecto exterior ou representá-lo por meio de imagens, e, na medida do possível, conseguir um exemplar de seu crânio” (Augustat, 2012, p. 16) e acrescenta que o único crânio humano que Natterer coletou :

foi enviado com os objetos etnográficos a Viena (No de inv. 966) e só bem mais tarde foi integrado às coleções antropológicas do Museu de história Natural (Naturhistorisches Museum). Sua origem é descrita por Natterer conforme segue: ‘Crânio de um índio Schamucoco’ [Chamacoco] (AUGUSTAT, 2012, p. 26)

Christian Feest (2014) salienta que não encontrou nenhum crânio humano no acervo de Natterer, porém na falta de qualquer outra evidência é possível que tenha

sido enviada a Blumenbach para Göttingen, em função de seu interesse pelos espécimens (Feest, 2014. p. 63).

O próximo capítulo analisa a coleta dos materiais sensíveis, particularmente os crânios, coletados pelos dez naturalistas da lista.

2.3 A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS NATURALISTAS A PARTIR DE SUAS VIAGENS: DIÁRIOS, LIVROS E ARTIGOS

O quadro 2.13 apresenta a produção bibliográfica dos naturalistas alemães, que inclui seus diários de viagem artigos e livros, em que se discrimina os que estão traduzidos para o português, se estão publicados aqui e se estão disponíveis online.

Quadro 2.13 – Publicações sobre o Brasil escritas pelos naturalistas

Naturalista	Descrição dos livros que se referem ao Brasil	Português	Internet
AVE-LALLEMANT	Sociedade brasileira, indígenas, patologias tropicais, eurocêntrico e racista	Sim	Mindlin
BIBRA	Relato descritivo da viagem, sem informações sobre as coletas	Não	Mindlin
BURMEISTER	Relato descritivo da viagem, sem informações sobre as coletas	Sim	Museu do índio
DAHL	Breve descrição da fauna de Belém	Sim	BMPEG
DETMER	Relato descritivo de excursões para coleta de materiais botânicos, sem especificar quantidade	Não	Archive.org
ENGEL	Pesquisa sobre as plantas tropicais da América	Não	Archive.org
EHRENREICH	Antropologia biológica, linguística, fotografias	Sim	Senado
ESCHWEGE	Mineralogia, geologia brasileira	Sim	UFRJ
FREYREISS	Relato descritivo da viagem, com poucas informações sobre as coletas	Sim	BD Curt Nimuendajú
HENSEL	Relato de coleta de crânio de um indígena coroado	Não	Archive.org
HENSEN	Oceanografia	Não	Não
IHERING	Zoologia, indígenas, antropologia, arqueologia	Sim	Revista do MP
KITTLITZ	Relato descritivo de sua viagem de circum-navegação	Não	MDZ
LANGSDORFF	Relato descritivo da viagem, com lista de coletas	Sim	Senado
MARTIUS	Relato descritivo da viagem, botânica, linguística, com relato de coleta de um crânio	Sim	Senado
MÖLLER	artigo sobre Fritz Müller, sobre cogumelos de Blumenau, sem especificar coleta	Não	BHL/Zobodat
OLFERS	Descrição zoológica do Rio Grande do Sul, Geologia	Não	Não
PECKOLT	Plantas medicinais da Flora Brasileira	Sim	UFMG
PLATZMANN	Linguística indígena	Sim	Mindlin
POEPPIG	Relato descritivo da viagem, sem informações sobre as coletas, Ornitólogo	Não	Archive.org
SPIX	etnografia, indígenas, linguística, com relato de coleta de um crânio	Sim	Senado
STEINEN	etnografia, indígenas, linguística	Sim	UFRJ
WIED-NEUWIED	etnografia, indígenas, linguística, com relato sobre coleta de um crânio	Sim	Senado
WITTELSBACH	etnografia, indígenas, linguística	Sim	Senado

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Não foi possível determinar o quantitativo exato de livros, artigos e palestras e notícias de jornal publicados pelos naturalistas, sendo os valores aproximados e inexatos. Dos livros e artigos publicados pelos 24 naturalistas há quinze diários disponíveis em português, 22 estão digitalizados em alemão, sendo que doze naturalistas pesquisaram indígenas (Ave-Lallemant, Ehrenreich, Freyreiss, Hensel, Ihering, Langsdorff, Martius, Platzmann, Spix, Steinen, Wied-Neuwied, Wittelsbach).

A Tabela 2.9 detalha a área de pesquisa que cada um dos 24 naturalistas desenvolveu quando esteve no Brasil.

Tabela 2.9 Pesquisas desenvolvidas pelos Naturalistas			
Pesquisa realizada pelos Naturalistas			
Ciências Naturais	Naturalistas	Etnologia	Naturalistas
Total	21	Total	10
Geologia	1	Sociedade indígena	8
Mineralogia	2	Etnolinguística	3
Micologia	1	Antropologia biológica	1
Oceanografia	2	Sociedade brasileira	1
Botânica	11		
Zoologia	14		
Ornitologia	2		
Mastologia	1		
Aracnologia	1		

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Dos 21 naturalistas que pesquisaram Ciências Naturais, dez estudaram botânica (Detmer, Engel, Langsdorff, Martius, Olfers, Peckolt, Platzmann, Wied-Neuwied, Wittelsbach) e catorze estudaram Zoologia (Bibra, Burmeister, Freyreiss, Hensen, Ihering, Kittlitz, Langsdorff, Martius, Möller, Olfers, Peckolt, Platzmann, Poeppig, Spix, Steinen, Wied-Neuwied, Wittelsbach), sendo que Freyreiss e Kittlitz eram especializados em Ornitologia, Hensel em Mastologia e Ihering em Aracnologia. Dois naturalistas pesquisaram Geologia (Eschwege, Olfers), dois Oceanografia (Dahl, Hensen) e Möller se especializou em Micologia.

Em relação à Etnologia encontramos dez naturalistas que fizeram pesquisas sobre o tema. Oito deles pesquisando os indígenas em campo (Ehrenreich, Freyreiss, Langsdorff, Martius, Spix, Steinen, Wied-Neuwied, Wittelsbach), três se aprofundaram em etnolinguística (Langsdorff, Martius, Platzmann), sendo que Ave-Lallemant estudou a sociedade brasileira e tratou brevemente dos indígenas.

Márcia Naxara (2004) reflete que os naturalistas viam e interpretavam a natureza e a civilização de forma dúbia e ambivalente, frequentemente carregada por significativos sentimentos opostos:

pelos quais pode-se reunir, simultaneamente, nos mesmos objetos ou situações, a expressão de significados e sentimentos opostos - a cidade pode ser simultaneamente o lugar da luz e da civilização e, também, o das trevas e do perigo, dependendo do sentido que se lhe atribui, ou ao sentimento a ele associado, e/ou do que está sendo momentaneamente entrevisto; o mesmo pode ser dito em relação ao campo como lugar do atraso, da barbárie, do que não foi ou mal foi tocado pela civilização e também, e exatamente por isso, lugar do sossego, do bucólico, da quietude que tanta falta faz ao citadino. Tais representações, que têm um sentido universal, no entanto constituem projeções de um sobre outro lugar, todos parte dessa mesma cultura que, como assinalado acima, tendeu a dividir o mundo, alegoricamente, entre bem e mal, com ambivalências e nuances de aproximação entre um e outro. (Naxara, 2004, p. 34).

Karen Lisboa (2023) refere aos naturalistas como mediadores que atuam em teias e redes, através dos quais se apropriam de informações, objetos e diferentes saberes de maneira seletiva, utilizando-os tanto para a realização das suas viagens quanto para a sua produção intelectual-científica. Trata-se de uma apreensão seletiva dos saberes, da coleta de objetos e da obtenção de informações, que devem ser analisadas considerando o espaço, tempo e hierarquia social, em que ocorrem esses diferentes tipos muito heterogêneos de encontros.

Barbara Stafford (1984) destaca que todo o empreendimento dessas viagens estava baseado na premissa de que cada coisa deve ser procurada "*in loco*" e não nos livros, nem mesmo em um compêndio de um jardim pitoresco. Esse explorador moderno não queria ser confundido com o andarilho medieval, nem se encaixava na imagem do mercenário em busca de fortuna. Era antes de tudo um homem em busca de conhecimento e se distinguia de outros viajantes porque também trabalhava "*a serviço de uma visão organizada do que poderia ser encontrado*", buscando "*relacioná-lo com o que é conhecido*" (Stafford, 1984, p.381). Esse naturalista viajante, ou explorador científico, se via tanto descobrindo novas espécies, quanto contribuindo para incorporar novos conhecimentos aos já instituídos (Stafford, 1984).

Assim, traçando um perfil dos naturalistas sobre suas origens, formação e vinculações institucionais, as informações fornecem um amplo quadro sobre o campo de estudos que os naturalistas viajantes alemães forjaram durante o século XIX no Brasil. Podemos dizer que, no início do século XIX, a coleta estava voltada para um modelo de colecionismo geográfico-naturalista, inspirado pelas explorações de

Humboldt, que produziam coleções amplas de diversas tipologias, como zoológicas, botânicas, geológicas, minerais e fósseis. No entanto, também havia a influência do colecionismo racial, influenciada pelas teorias raciais “científicas”, que hierarquizavam as pessoas em raças, colocando a “raça branca” no topo como a mais civilizada, cujo modelo de colecionismo se concentrava na coleta de crânios, além da realização de medições físicas e descrições das populações “primitivas”. Já o modelo de colecionismo etnográfico, ainda vinculado ao modelo racial, investigava as culturas “primitivas” que queriam “salvar”, produzindo relatos sobre seus modos de vida, estudando seus idiomas e coletando materiais etnográficos, voltados para dar suporte às justificativas de superioridade racial, todavia, repletos de descrições racistas e preconceituosas.

3 O COLECIONISMO DE CRÂNIOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FUNDAMENTAÇÃO DO RACISMO CIENTÍFICO

Esse capítulo caracteriza os dez naturalistas que coletaram crânios no Brasil - e os quatro os naturalistas que levaram junto às suas coleções pessoas vivas. Busca detalhar onde a informação foi obtida, se foi possível localizar a entrega destes remanescentes para as instituições de pesquisas europeias, analisando como sua produção está relacionada ao início da Antropologia e teorias raciais, e como colaboraram para a formação dos museus de história natural e etnografia.

Os modos e o compromisso ético na coleta de materiais sensíveis tiveram diferentes preocupações ao longo da história da ciência. Compreensões de hoje sobre a ética na sua coleta não eram as mesmas do século XIX. A Associação de Museus da Alemanha (*Deutscher Museums Bund*), em publicação sobre “Diretrizes e Cuidados com Restos Mortais Humanos em Museus e Coleções”³ (2021), enfatiza que a pesquisa acerca da procedência deve ser, idealmente, empreendida proativamente como parte regular do trabalho profissional do museu ou coleção, sendo uma prioridade em qualquer tratamento científico ou conservacionista de restos mortais humanos. Assinala ainda que não se trata de um método de esclarecimento conclusivo, mas de um processo que, frequentemente, especialmente quando há lacunas na documentação ou em qualquer informação disseminada, se traduz apenas em resultados preliminares e conclui que seu objetivo é obter informações o mais completas possível sobre a fonte, a origem e o contexto da aquisição.

O MARKK⁴ (Museu de Arte e Cultura de Hamburgo) desenvolve uma pesquisa⁵ sobre a proveniência de suas coleções antropológicas de restos mortais ancestrais de contextos coloniais, e informa que a coleção de crânios fundada por Johann Friedrich Blumenbach será incluída neste projeto de pesquisa futuramente. Essa coleção contabilizou 840 crânios, dentre eles, 31 crânios são provenientes da Austrália, trazidos entre 1793 e 1934, sendo que para os quais já existe um pedido de restituição (MARKK, 2025). Estas situações indicam mais uma vez a importância de conhecer a procedência dos crânios e entender o caminho que percorreram para se tornarem objetos museológicos que serviram para pesquisa e exposições.

³ Guidelines - Care of Human Remains in Museums and Collections

⁴ Museum am Rothenbaum Kulturen und Künste der Welt

⁵ Provenance research in the anthropological collections of the University of Göttingen and MARKK Hamburg

Os crânios foram objeto de coleta intensiva pelos naturalistas para servir aos estudos de craniometria, cujos intentos visavam classificar e hierarquizar pessoas por raça ou outras características físicas e que embasaram as teorias raciais científicas elaboradas no contexto moderno colonialista do século XIX (Schwarcz 1993). Em sua grande maioria, os produtos destas coletas eram depositados e estudados nos museus europeus, que igualmente florescem por todo o século XIX como principais centros de fomento e produção do conhecimento científico.

Schwarcz (1993) assinala que o conceito de raça recebeu uma interpretação social além de sua definição biológica, e como o seu significado foi constantemente renegociado. Chama a atenção de que o termo “raça” foi introduzido no início do século XIX por Georges Cuvier (1769-1832), naturalista e geólogo francês, que instituiu a ideia de heranças entre diferentes grupos humanos em um contexto que cada vez mais se aproximava da noção de povo e se distanciava dos pressupostos igualitários das revoluções burguesas.

A autora destaca ainda o papel dos museus etnográficos na ampla utilização de argumentos evolucionistas para classificar as espécies e localizar os pontos de atraso e explicar cientificamente as diferenças entre os seres humanos. Segundo Schwarcz, *“dialogando com o exterior, coletavam no local exemplares preciosos que atestavam as especificidades desse ‘exótico país’, mas também ajudavam a comprovar a origem do problema racial”*. (1993, p. 177). Como demonstra, segundo viajantes e intelectuais nacionais, mas principalmente internacionais, o Brasil era visto no final do século XIX como um caso “singular de extremada miscigenação racial” (p. 12). De fato, já nessa época há anotações de viajantes naturalistas discorrendo sobre a miscigenação racial brasileira. Todavia, ao contrário de exemplos aparentemente positivos como “festival de cores” (Aimard, 1888), que Schwarcz menciona, encontrei discursos muito mais depreciativos com respeito a esse processo, como se a miscigenação fosse “*perniciosa*” (Agassiz, Agassiz, 2000), como algo que feria a “*sensibilidade de um europeu*” (Spix, Martius, 2017), e que trazia consequências negativas para a administração pública e para a “*moral social*” (Saint-Hillaire, 2002).

A raça, de acordo com Schwarcz (1993) era um dado científico e comparativo para os museus, transformada em fala oficial nos institutos históricos de finais do século. Como ideologia da cultura nacional, essas teorias científicas raciais, cumpriram no Brasil papéis distintos, servindo tanto como discurso leigo para se contrapor à Igreja e à influência religiosa, quanto legitimador das falas dos grupos

urbanos ascendentes, responsáveis pelos novos projetos políticos, que viam como sinal de “modernidade” e progresso. (Schwarcz, 1993). Essa representação mestiça do país passou de negativa para exótica, de científica para espetáculo, não obstante nos cartões-postais o Brasil ainda seja apresentado como um país multicolor, persistindo certa representação racial da nação, herdeira das primeiras discussões do século passado.

A respeito da miscigenação, Karen Lisboa (2002), destaca a ampla discussão que ocupou longamente as elites brasileiras, tanto intelectuais como políticas, das últimas décadas do século XIX e início do XX. Apresenta como o Conde Arthur Gobineau (1816-1882), fundador do racismo científico, sintetiza em “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1853), as virtudes do homem branco, o ariano, como a única raça a incorporar os valores da nobreza, amor a liberdade, honra e espírito, em oposição às supostas raças inferiores, amarela e negra, cujas características sinteticamente resumidas seriam o excessivo materialismo e a sensualidade. Gobineau vislumbrava a miscigenação como um processo incontrolável que explicaria a degeneração dos povos. Sua obra teve boa recepção na Alemanha, e foi relevante para o pensamento racista, sobretudo na questão do antissemitismo.

Eric Hobsbawn (2023) esclarece que a biologia foi essencial para justificar evidentes desigualdades humanas da sociedade transferindo a causa para a “natureza”: os pobres eram pobres por terem nascido inferiores, uma forma de racismo, cujo papel foi central no século XIX. Debates acerca das raças fomentaram a expansão expressiva da antropometria, principalmente baseada na coleção, classificação e medida de crânios. Essas diferenças dos homens, de acordo com George Stocking Jr (1968), eram justificadas pelos cientistas da época como produto direto das diferenças em sua estrutura física racial, da relação entre o crânio e o cérebro humanos, daí a necessidade de coletar crânios de “raças inferiores”, como forma de justificar cientificamente essas desigualdades.

As origens do racismo “científico”, de acordo com Jahoda (2009), estavam ligadas ao uso da raça como explicação da história e ao surgimento da frenologia. O desenvolvimento da “craniologia” foi acompanhado e reforçado por escritos ideológicos sobre a superioridade racial “nórdica”, diferenciando inclusive nações europeias entre si. Em tempos de conflito, como a Guerra Franco-Prussiana, teorias raciais absurdas surgiram e antropólogos darwinistas sociais conectaram raça e classe. Tais ideias persistiram até o século XX e atingiram seu apogeu no nazismo.

Guilherme Sá e colaboradores (2008), analisando o processo de constituição do acervo de instrumentos científicos do Setor de Antropologia Biológica (antiga Divisão de Antropologia Física) do Museu Nacional, esclarecem que a craniologia, dedicava-se a medir crânios em seu volume e circunferência, focada na antropometria, e tinha a pretensão de estabelecer padrões para distinguir e comparar as diferentes ‘raças’ humanas, partindo do pressuposto que a medição da capacidade craniana, do peso do cérebro e da conformação das circunvoluções cerebrais forneceriam dados que permitiriam classificar as pessoas de acordo com aspectos morais e intelectuais e assim discriminar ‘raças primitivas’ atribuídas às populações indígenas e negras, sendo a craniometria, uma vertente da craniologia voltada a estas mensurações.

Essas centenas de crânios mensurados que serviram para justificar o racismo científico se acumularam nos museus de história natural, gabinetes de curiosidades e coleções particulares, hoje muitos esquecidos nas reservas técnicas.

3.1 OS COLETORES DE CRÂNIOS

Entre os naturalistas levantados para esta pesquisa, encontrei informações sobre dez deles, em que foi possível verificar que coletaram crânios, ainda que de formas distintas. De Spix e Martius (2017) e de Wied-Neuwied (1989) foi possível levantar a informação através dos seus diários. De Ehrenreich (1948), Hensel (1870) e Ihering (1907, 1911), a informação foi obtida a partir de seus artigos.

No caso de Freyreiss não havia a informação em seu diário, mas Wied-Neuwied (1989) descreveu uma das coletas dele e outra foi localizada pelos Catálogos de Coleções de Crânios de Alemanha (Schaaffhausen, 1880), assim como foi encontrado o possível crânio do menino de Langsdorff que consta como “botocudo” juvenil (Ecker, 1880). Eschwege somente descreveu a existência de crânios sem mencionar a coleta, mas consta seu nome na lista de doadores de Blumenbach (Spengel, 1874). E no caso de Bibra, que criou um gabinete em sua residência, a informação foi fornecida por um historiador que o visitou, Ferdinand Gregorovius (1871). O quadro 3.1 apresenta uma síntese das coletas de crânios realizadas pelos naturalistas alemães em suas viagens pelo Brasil no século XIX, elaborada a partir dos relatos dos diários e documentos de museus.

Quadro 3.1 – Coleta de crânios no Brasil pelos naturalistas alemães: século XIX

Naturalista	Circunstância	Entrega	Descrição	Referencias
BIBRA	Não descrita	Não descrita, estavam em sua residência	- Não há relato nos diários de Bibra. - Ferdinand Gregorovius em visita à casa do naturalista relatou a existência de crânios: <i>“viajou muito pela América e organizou cuidadosamente uma coleção de vasos, crânios e instrumentos pertencentes aos índios selvagens”</i> (Gregorovius, 1871, p.409)	GREGOROVIVUS, Ferdinand. Ernst von Bibra . The Roman journals of Ferdinand Gregorovius, 1852-1874, 30 set. 1871. p. 409-10.
EHRENREICH	Vilipêndio de túmulo	Não descrita, Museu Etnológico de Berlim	-O naturalista descreve duas ocasiões em que abriu túmulos: <i>“Os cemitérios ficam todos à beira do rio, em terreno elevado. Examinei detidamente dois deles, exumando alguns esqueletos”</i> (Ehrenreich, 1948, p. 66). <i>“os mortos enterram-se de cócoras, no mato, juntamente com as suas armas. sobre a sepultura constrói-se um ranchinho de folhas de palmeira. Mais tarde, recolhem-se os ossos, suspendendo-os na cabana do defunto. Por êste motivo encontrei vazia uma sepultura que abri.”</i> (Ehrenreich, 1948, p. 109).	EHRENREICH, Paul. 1948. Contribuições para a etnologia do Brasil. Revista do Museu Paulista , N. S., vol. 2. pp. 7-135.
ESCHWEGE	Não descrita, provavelmente exumada de uma caverna que realizou pesquisa geológica	Não descrita, três crânios pertencem à Coleção de Crânios Blumenbach da Universidade de Göttingen	-Não há relato de coleta, mas menção a crânios nas cavernas: <i>“menciono ainda as ossadas fósseis que, aqui e ali, se encontram no conglomerado da gruta ... numerosos ossos perfeitamente conservados ... [de] ossos e crânios humanos, provavelmente de infelizes assassinados ou de selvagens que morreram de morte natural”</i> (Eschwege, 2011, p. 586-7) -Spengel publicou em 1874 uma lista dos crânios de Blumenbach onde consta no inventário de Blumenbach que Eschwege entregou três crânios: <i>Ad 73 BL Ad 75 III 182 .e Ad 76. 1815.</i> (Spengel, 1874, p. 70-1)	ESCHWEGE, Wilhelm. L. von Pluto brasiliensis .: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. 2v. SPENGLER, Johann Wilhelm. Die von Blumenbach gegründete anthropologische Sammlung der Universität Göttingen . Göttingen, 1874.

FREYREISS	“Botocudo” assassinado	Anders Sparrman (1748-1820), curador coleções de História Natural da Academia de Ciências	“Um Botocudo foi morto em Santa Ana pouco depois de nossa partida. Era um homem idoso O Sr. Freyreiss, que de novo visitou o lugar em fevereiro, trouxe o crânio ... que está agora em poder do professor Sparrmann.” (Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 170)	WIED-NEUWIED, Maximilian von. Viagem ao Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1989.
	Três “botocudos”, sem informação	Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural	- três “Botocudos”, um homem, uma mulher e uma criança listam na Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural Senckenberg n°s 211 a 213, Catálogo XXI. 10 a 12 <i>Botuke, Botokudin e Botokude, kind</i> como recebidos de Dr. Freyreiss (Schaaffhausen, 1880, p. 34-5)	SCHAAFFHAUSEN, Hermann. Frankfurt a. M.: Naturforschenden Gesellschaft Braunschweig:Vieweg, 1880
HENSEL	Vilipêndio de túmulo de dois indígenas coroados	Não há descrição. Coleção inicialmente estava no Setor de Anatomia Comparada da Faculdade de Medicina de Berlim	- “Mencionei em um relatório anterior sobre os Coroados do Rio Grande do Sul*) que havia aberto duas de suas sepulturas e removido seus crânios. Também não tive tempo de coletar os esqueletos, pois temia ser surpreendido pelos índios.” (Hensel, 1870, p. 195)	HENSEL, Reinhold. Die Schädel der Coroados. Ethnologie , 1870, p. 195-204.
			-- “Segundo informações do Prof. R. Angermann (1981, in litt.), os exemplares foram enviados originalmente para o Setor de Anatomia Comparada da Faculdade de Medicina” (Pires, 1987, p. 119)	PIRES, Fernando D. de Avila. Introdução à Mastozoologia do Brasil Meridional. Rev. Bras. Zool. 1987, v. 4, n.2, p. 115-128
IHERING	- Não descrita	- Cabeça-troféu, comprada	- como diretor do Museu Paulista adquiriu inúmeros crânios: “A cabeça pertencente agora ao Museu Paulista e figurada na estampa IX, é a de um homem de 30 a 40 annos com fracos vestígios de bigode e com rico cabello preto luzidio” (Ihering, 1907, p. 180)	IHERING, Hermann von. As cabeças mumificadas pelos índios Mundurucús. Revista do Museu Paulista. São Paulo, vol. 7. 1907, p. 179-201
	- Exumada, Índia “botocudo” morreu afogada	- Não a aquisição	“Temos na collecção o craneo bem conservado de uma mulher de 22 annos, que é de particular interes se, visto que possuímos também a photographia da mesma pessoa, tirada pouco tempo antes de sua morte (Ihering, 1911, p. 46)	IHERING, Hermann von. Os Botocudos do Rio Doce. Revista do Museu Paulista. Vol. VIII, 1911, p. 38-51

IHERING	- Exumada de Sambaqui sem quantidade especificada	- Coletada por Ricardo Krone	Ricardo Krone, coletor do Museu Paulista, colaborou para a formação do acervo de crânios de sambaquis do Vale do Ribeira: <i>“Nestas circunstancias é relativamente grande o material anthropologico referente aos moradores dos sambaquis, e especialmente o de craneos... também as cabeças de Índios guaranis, examinadas por mim e R. Krone”</i> (Ihering, 1907, p. 241)	IHERING, Hermann von. A Antropologia do Estado de São Paulo. Revista do Museu Paulista vol. 7. 1907 p. 202-59
LANGSDORFF	- Menino comprado	Provavelmente doada para Universidade de Freiburg	o menino faleceu antes da viagem de Langsdorff à Europa em 1820, e que há relatos de que seu crânio foi doado ao Instituto Nacional em Paris, deve ter permanecido com o cônsul e, após sua morte, foi incorporado ao acervo do Museu em Freiburg i.Br., que, além de um crânio “Botocudo” não documentado, possui objetos etnográficos coletados por Langsdorff (Feest, 2025). O Catálogo Antropológico da Universidade de Freiburg elaborado por Alexander Ecker (1880) consta um crânio de “botocudo”, com um ponto de interrogação, de Minas Gerais com medições (Ecker, 1880, p. 44)	ECKER, Alexander. Catalog der anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg i.Br. Braunschweig: Vieweg, 1880. p. 44-49. FEEST, Christian. Os botocudos na Europa na década de 1820. LEETRA v. 25, n. 1, 2025, p. 1-66.
	-Cabeça-troféu mundurucu	Kunstkamera São Petersburgo	- Nas coleções de peças mundurucus trazidas pela Expedição de Langsdorff, encontra-se, além do aludido troféu (cabeça), todo um costume de baile e sua representação num desenho em cores de autoria de Florence (123)24, datado de agosto de 1828, na cidade de Santarém (p. 188-9)	MANIZER, Genrikh Genrikhovich. A Expedição do Acadêmico G.I. LANGSDORFF ao Brasil (1821-1828) . São Paulo: Cia Editora Nacional, 1967 p. 188-9
SPIX e MARTIUS	- Coroado assassinado, entregue por diretor	Museu da Real Academia de Ciências de Munique	- <i>“por gentileza do diretor, também obtivemos o esqueleto de um coroadado, morto em combate havia pouco tempo”</i> (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 315-6)	SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl F. P. von. Viagem pelo Brasil (1817-1820) . tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v. (Edições do Senado Federal v. 244-A).

SPIX e MARTIUS	- Indígena de etnia não especificada falecido por doença, entregue pelos indígenas - Cabeça-troféu	Museu da Real Academia de Ciências de Munique - Museu da Real Academia de Ciências de Munique,	<i>“Acabava a colônia de perder justamente uma parte de seus membros, em consequência dessas doenças, dando isso ocasião a obtermos o esqueleto de um homem dessa tribo. ... nossa surpresa eles próprios trouxeram o que desejávamos.”</i> (Spix, Martius, 2017, v. 2, p. 260-1) <i>“A cabeça, ... é então objeto do máximo cuidado por parte do vencedor.”</i> (Spix, Martius, 2017, v. 3, p. 402) <i>“Os espécimes de história natural e os de etnografia por nós colecionados no Brasil foram colocados no Museu da Real Academia de Ciências de Munique”</i> (Spix, Martius, 2017, v. 3, p. 473)	SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl F. P. von. Viagem pelo Brasil (1817-1820). tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v. (Edições do Senado Federal v. 244-A)
WIED-NEUWIED	“Botocudo”, exumado pelo naturalista “Quack”, indígena que foi com Wied-Neuwied a Alemanha	Entregue ao professor Blumenbach Museu de Anatomia da Universidade de Bonn	<i>“A esperança de obter um crânio de botocudo foi outro motivo que me levou a passar aí mais um dia. No quartel dos Arcos, não me tinha sido possível um cadáver para esse fim; A curta distância das casas, dentro da mata, no meio de uma vegetação bela e florida, havia sido enterrado um jovem botocudo, de vinte a trinta anos de idade”</i> (Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 262) <i>“Ofereci ao célebre gabinete antropológico do Sr. Ritter Blumenbach, de Göttingen o crânio de um jovem botocudo de vinte que é uma verdadeira singularidade osteológica”</i> Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 286-7) Sequência 380, Catálogo nº 2269, <i>“Botokude vom Prinzen Max von Wied”</i> nas observações consta que era o servo do Príncipe Max zu Wied e era chamado de Quack Schaaffhausen, 1887, p. 54)	WIED-NEUWIED, Maximilian zu. Viagem ao Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989. v. 1. SCHAAFFHAUSEN, Hermann. Die anthropologische Sammlung des Anatomischen Museums der Universität Bonn. Braunschweig: Vieweg, 1877

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

3.1.1 Bibra, o acumulador

Ernst von Bibra (1806-1878) foi um naturalista, que se especializou em coletas botânicas e zoológicas, mas desenvolveu pesquisas na área de bioquímica e farmacologia, inclusive sobre intoxicação por poluentes. Graduado em Ciências naturais com Doutorado em Medicina, viajou ao Brasil (1849-1851) de forma independente percorrendo também o Chile e o Peru.

Figura 3.1 - Ernst von Bibra em seu castelo, gravura de Lorenz Ritter



Beim Freiherrn v. Bibra.
Fonte: wikipedia, 2025

Publicou um livro diário (Viagens pela América do Sul, 1854), em que não foi possível verificar a coleta de crânios, mas os descreve como objetos etnológicos no seu campo de investigação.

O historiador Ferdinand Gregorovius (1871) descreveu em uma visita a sua casa a presença de crânios em seu gabinete repleto de objetos acumulados:

cômodos escuros e abafados estão abarrotados de mil objetos, frascos, vidros, faianças, armas, livros empilhados em pilhas. Uma atmosfera faustiana permeia o conjunto; lá fora, a chuva e as plantas penduradas, que balançavam, escureciam as janelas ... objetos supérfluos e fantásticos. O Freiherr viajou muito pela América e organizou cuidadosamente uma coleção de vasos, crânios e instrumentos pertencentes aos índios selvagens. Na sala de trabalho mofada, abarrotada de móveis domésticos arcaicos, encontram-

se inúmeros copos, retortas, instrumentos, frascos e uma fornalha, e ali ele faz experimentos analíticos pela manhã. Às quatro da tarde, ele se senta e escreve romances! Um compartimento inteiro em sua biblioteca empoeirada está repleto de livros elegantemente encadernados, mais de sessenta pequenos volumes, principalmente romances, que ele escreveu entre 1861 e 1871. Este, o mais excêntrico de todos os Freiherrn que já vi, anda por aí em seu caos de casa, um mortal feliz, vestido com um roupão cinza, o pescoço nu, a calma autoconfiança, fruto da autossatisfação, estampada em seu rosto. (Gregorovius, 1871, p.409). (tradução minha)

Bibra também foi um dos cofundadores do Museu Germânico em 1852, atual Museu Nacional Germânico, doando boa parte de sua coleção pessoal, que incluía arte, história natural e etnografia da Alemanha. Entre 1887 e 1888 havia uma sala com seu nome o "Bibra-Stube". Trata-se do maior museu de história cultural da Alemanha, com um acervo de mais de 1,3 milhão de objetos, incluindo um Departamento de Gravuras e Desenhos e uma Biblioteca.

3.1.2 Ehrenreich, o etnólogo fotógrafo

Paul Max Alexander Ehrenreich (1855-1914), foi um antropólogo, que se especializou em pesquisa comparativa de mitos e temas etnolinguísticos. Graduado em Medicina e Ciências Naturais e doutorado em Etnologia, realizou pesquisas de campo como etnólogo e antropólogo físico nas Américas do Sul (1887-1899) e do Norte (1906) e na Ásia (1898, 1902-1903). No Brasil esteve a primeira vez para pesquisar os indígenas “botocudos” em 1884 e da segunda vez acompanhou Karl von den Steinen na Expedição ao Xingú (1887-1888), ocasião em que viajou ao Araguaia (1888) e Purus (1889). Posteriormente realizou seu doutorado em Filosofia em 1895.

Na expedição pelo Rio Doce, realizada entre 1884 e 1885, Ehrenreich, percorreu a região dos estados do Espírito Santo e de Minas Gerais. Navegou e explorou a bacia hidrográfica do rio, com o objetivo principal de realizar estudos etnográficos, principalmente sobre o povo indígena “Botocudo” (também conhecido como Krenak). Buscava levantar dados para comparar com as pesquisas realizadas no início do século, preocupado com o extermínio desse povo, realizando uma pesquisa que naquele momento não interessava à academia da Alemanha, sendo uma motivação pessoal, de certa forma nostálgica.

Ehrenreich descreveu em seus artigos a coleta de crânios exumando túmulos, não sendo possível precisar a quantidade que coletou.

... em geral, o indígena não gosta de mostrar a sua habilidade ao atirar, visando deixar um inimigo despreocupado e seguro. Por exemplo, não foi possível convencer Potetú, conhecido como atirador-mestre, cujo crânio foi trazido por mim para a Europa, a mostrar em público a sua habilidade. (Ehreinreich, 2014, p.85).

Os cemitérios ficam todos à beira do rio, em terreno elevado. Examinei detidamente dois deles, exumando alguns esqueletos; (Ehreinreich, 1948, p. 66).

os mortos enterram-se de cócoras, no mato, juntamente com as suas armas. sobre a sepultura constrói-se um ranchinho de folhas de palmeira. Mais tarde, recolhem-se os ossos, suspendendo-os na cabana do defunto. Por êste motivo encontrei vazia uma sepultura que abri (Ehreinreich, 1948, p. 109).

Herbert Baldus, na introdução do artigo de Ehrenreich, “Contribuições para a etnologia do Brasil” (1948), que foi traduzido por Egon Schaden e publicado na Revista do Museu Paulista, informa que:

... chegou em novembro daquele mesmo ano ao aldeamento de Mutum, demorando-se cerca de três semanas entre os Botucudos nele domiciliados e obtendo desses índios 15 medições do corpo, 25 fotografias antropológicas, 2 esqueletos completos e 3 outros crânios, além de material linguístico. (Baldus, 1948, p. 7)

Além da análise de restos mortais, Ehrenreich também realizou medições corporais das populações indígenas que visitou em suas expedições, e fotografou detalhadamente as pessoas, sendo o primeiro cientista a obter dados antropológicos *in loco* e compará-los com os dados pretéritos.

Figura 3.2 -Fotografia frontal e lateral que acompanhava as medições de Ehrenreich



Fonte: Coleção Paul Ehrenreich, Institut für Länderkunde, Leipzig

Sandra Koutsoukos (2020) destaca que a fotografia servia para estudar e catalogar nos trabalhos de campo a diversidade racial dos povos coloniais, possibilitando registros e comparações sistemáticas. Para tanto, era necessário obter o maior número possível de imagens de povos que os naturalistas e antropólogos acreditavam que “estavam em vias de extinção”, criando uma base de dados extensa para ilustrar

as observações dos relatos escritos, dos desenhos, das várias medidas tomadas de partes dos corpos por instrumentos científicos, e complementar as informações contidas nos moldes de gesso que muitas vezes também eram feitos. Informação era conhecimento, e conhecimento era poder sobre o outro, afirmavam. (Koutsoukos, 2020, p. 171-2)

Essas comparações, de acordo com Sandra Koutsoukos (2020), serviam para evidenciar a superioridade do homem branco ocidental, o que colaborou para *“legitimar a violência, a exploração racial e o imperialismo, como se os povos classificados como ‘inferiores’ tivessem apenas a ganhar com a conquista”* (Koutsoukos, 2020, p. 189). Assim, para o imperialismo, essas fotos de indígenas, assim como de negros e mestiços se tornaram

produtos a ser adquiridos pelas sociedades científicas para estudos e comparações (e, muitas vezes, eram imagens por elas mesmas encomendadas ou produzidas), por colecionadores ou etnógrafos amadores, para a montagem dos álbuns temáticos, ou por curiosos e turistas, a título de novidade, como suvenires ou cartões-postais a ser guardados ou enviados a amigos e parentes. E vale lembrar que todas essas categorias de imagens serviram como ferramenta de suporte para o racismo científico. (Koutsoukos, 2020, p. 190).

Ricardo Machado (2020) destaca que o mais impactante da análise de Ehrenreich foi sua crítica à centralidade que a antropologia física deu às medições dos crânios, que para ele não forneciam respostas consistentes para os problemas apresentados. Para o pesquisador, um dos maiores problemas que estava no centro de seus estudos era compreender como o homem americano surgiu. Para tanto, defendia que os estudos relativos à cultura e à língua falada por esses índios poderiam fornecer as melhores respostas para essa pergunta, ao contrário dos estudos antropológicos centrados na craniometria.

De acordo com Eric Petscheli (2019), foi uma tentativa de solucionar questões teóricas, buscando sintetizar o conhecimento antropológico disponível, mas distanciando-se das publicações existentes até então sobre os “Botocudos”. Assim:

debateu antropologia física com autores desde Blumenbach, Kant, Buffon e Darwin até seus contemporâneos von Luschan, Boas e Tylor. Ele apropriou-

se criticamente do aparato conceitual de Ratzel submetendo-o a uma diretriz antropológica universal postulado por Bastian, Ratzel e Virchow (Petschelies, 2019, p. 269).

Ehrenreich financiou sua expedição, ainda que tenha solicitado auxílio financeiro a Bastian. Vendeu sua coleção Karajá por um valor módico (30% do que valeria) e doou todo o resto de sua coleção etnológica resultante de seus dois anos de pesquisa no Brasil ao Museu de Antropologia de Berlim. Não publicou seus diários de viagem, mas diversos artigos científicos, comparando seus resultados com estudiosos da área. (Petschelies, 2019).

A pesquisa de Ehrenreich se aproximava mais dos pressupostos de Rudolf Virchow⁶ do que com a de Adolf Bastian⁷, e como antropólogo físico, buscava a comprovação empírica acerca da diferença entre os crânios, também pesquisando linguística, e cultura material. Assim, comparou os dados craniométricos obtidos entre os “botocudos” com aqueles recolhidos pelos pesquisadores brasileiros Ladislau Neto, Lacerda e Peixoto. Apesar de sua expedição ao Rio Doce, ser praticamente ignorada atualmente pela história da etnologia indígena brasileira, colaborou para o desenvolvimento da epistemologia da disciplina, inclusive introduzindo a fotografia como recurso para a pesquisa de campo (Petschelies, 2019).

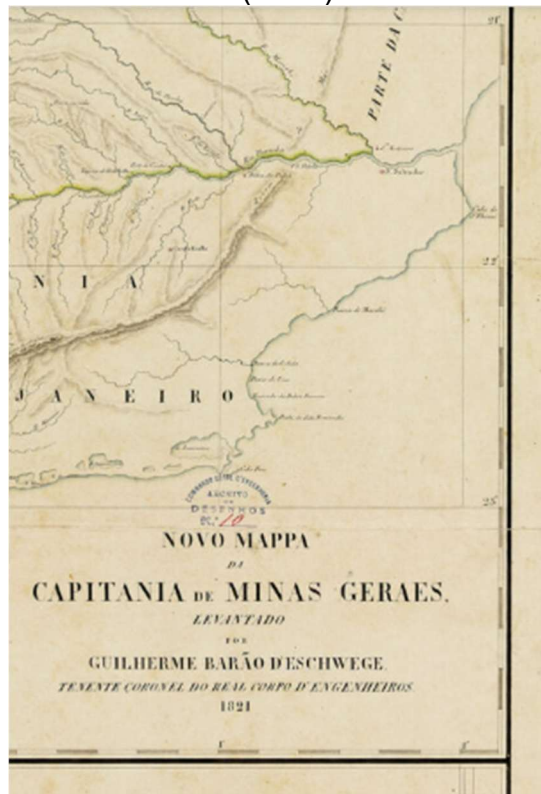
3.1.3 Eschwege, o engenheiro naturalista

Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), foi um geólogo, geógrafo, arquiteto e mineralogista. Graduado em Ciências Naturais, foi aluno de Blumenbach, e realizou doutorado em engenharia de minas. Veio ao Brasil em 1810 a convite da coroa, pois já trabalhava em Portugal desde 1802, pesquisando potencial mineralógico, e permaneceu aqui residindo até 1821.

⁶ Rudolf Carl Ludwig Virchow (1821-1902), médico, antropólogo e cientista, que publicou mais de 2000 artigos científicos e realizou intensas pesquisas craniológicas em que constatou que não era possível diferenciar as raças através dessas medidas. Analisou a maioria dos crânios “Botocudo” enviados para a Alemanha, inclusive os quatro doados por Dom Pedro II para a Sociedade de Antropologia de Berlim em 1875. Foi político opositor a Bismarck, professor da Universidade de Berlim e fundou várias sociedades científicas como a Associação Antropológica Alemã e a Sociedade de Antropologia, Etnologia e Pré-história de Berlim.

⁷ Philipp Wilhelm Adolf Bastian (1826-1905), etnólogo, formado em direito e medicina, viajou intensamente e desenvolveu a ideia da “unidade psíquica da humanidade”, como um projeto para o desenvolvimento em longo prazo de uma ciência da cultura humana. Fundou com outros colegas o Museu Real de Etnologia em Berlim (atual Museu Etnológico em Berlim-Dahlem) e foi seu primeiro diretor.

Figura 3.3 – Detalhe do "Novo Mappa da Capitania de Minas Geraes" de Eschwege (1821)



Fonte: Eschwege, 1821

No Brasil, Eschwege dirigiu o Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro e foi curador do Gabinete de Mineralogia. Como engenheiro foi nomeado Intendente das Minas de Ouro", fixando residência em Ouro Preto, onde recebeu diversos viajantes. Explorou principalmente o estado de Minas Gerais e foi à Bahia, São Paulo, Ceará e Goiás.

Em seu livro sobre geologia do Brasil "*Pluto brasiliensis*", Eschwege realiza uma análise científica, não se tratando de um diário de viagem, nem há menção à coleta de crânios. Há relatos de viagem no livro "*Brasilien, die neue Welt*" (Brasil, mundo novo de 1830), de forma sucinta e poética, relatando encontros com indígenas, acompanhada de dados históricos, geográficos e demográficos, novamente sem menção à coleta de crânios.

No entanto, Eschwege consta como o doador de três crânios Coleção de Crânios Blumenbach da Universidade de Göttingen (Spengel, 1874). Como foi lá que se graduou em Ciências Naturais, foi aluno de Blumenbach e conheceu Humboldt, então, provavelmente em suas pesquisas em cavernas, encontrou restos humanos e,

conhecendo o interesse do professor pelos remanescentes humanos, deve tê-los coletado e enviado a Göttingen.

Dante Bartholomeu (2017), em tese de história intitulada “Entre moralizados e civilizados: indígenas e portugueses no Brasil através da obra de Wilhelm Ludwig Karl Von Eschwege (1810-1821)”, analisa os escritos desse naturalista. Ele considera que o naturalista é, além de cientista, um orientador de atividades mineradoras do Reino brasileiro. Em seu texto, encontra representações do indígena como o “pobre”, o “selvagem”, o “coitado” que sofre com as “práticas maldosas” da civilização, representada pelo conquistador português. Conclui que:

a representação de Eschwege acerca da questão indígena como um ‘refúgio ético’ dos problemas daquela ‘consciência europeia’ em crise enfrentava ... norteado por uma filosofia da cultura peculiar e local, o que os alemães do século XVIII e XIX reconheceriam de moralmente positivo no homem seriam os valores contidos nas realizações humanas. A experiência colonial certamente foi desagradável para o viajante em questão, levando a idealização sobre o homem (selvagem) em contraposição aos males civilizatórios encontrados no Brasil (Bartholomeu, 2017, p. 219).

Bastante semelhante são as considerações de Freyreiss acerca dos indígenas, como veremos a seguir.

3.1.4 Freyreiss, o autodidata

Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825), filho de sapateiro com poucos recursos, não estudou formalmente ciências naturais, formando-se em ensino técnico de comércio, mas como autodidata se especializou em ornitologia. Foi a São Petersburgo em 1809, onde conheceu Langsdorff que, quando foi nomeado cônsul russo no Brasil, o acompanhou em 1812 a Suécia, onde ficaram retidos devido ao clima adverso.

Chegou ao Brasil como assistente do cônsul russo e naturalista Langsdorff em 1813, com o objetivo de pesquisar a natureza e estudar a zoologia e botânica do país. Meses após a chegada, se separou do diplomata e passou a realizar suas viagens como assistente de Eschwege, Wied-Neuwied, Olfers e Spix e Martius, sendo financiado tanto pelos naturalistas, quanto por museus e governos da Suécia e do Brasil, que se verifica pela ilustração do botânico Thurnberg referindo a uma orquídea coletada por Freyreiss (Figura 3.4).

Figura 3.4 – ilustração de Carl Peter Thunberg no livro “Plantarum Brasiliensium” de uma orquídea coletada por Freyreiss e entregue a Universidade de Uppsala



Fonte: Thunberg, [1817-1821]

Em “Viagem ao Interior do Brasil nos anos de 1814-1815”, relato publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) em (1906), Freyreiss apresenta a expedição em que acompanhou Eschwege, onde descreve as paisagens, animais e plantas que encontrou, não havendo menção de coleta de crânios. Em um capítulo, realiza um esboço de etnografia, relatando o contato com os indígenas e criticando a forma violenta como os portugueses tratam os nativos, ainda que sob uma perspectiva eurocêntrica e racista, considerando os europeus superiores aos indígenas.

Além da colaboração com diversos naturalistas, coletando nessas expedições, Freyreiss manteve vínculos com diversos museus da Europa como a Academia de Ciências da Suécia, para onde enviou o crânio de um “botocudo” aos cuidados de Anders Sparrman (1748-1820), curador das coleções de História Natural (Wied-Neuwied, 1820), atual Instituto Karolinska. Também foi contratado pelo cônsul sueco no Rio de Janeiro, Lorentz Westin, para coletar material vegetal para herbários em Estocolmo e Uppsala, coletou ainda para as coleções de zoologia e botânica do Museu Imperial e para o Museu de História Natural de Berlim.

Não há menção em seu diário da coleta de crânios, somente a informação trazida por Wied-Neuwied em seu diário, de que ele havia conseguido um botocudo entregue ao Professor Anders Sparrman (1748-1820), curador coleções de História Natural da Academia de Ciências:

Um Botocudo foi morto em Santa Ana pouco depois de nossa partida. Era um homem idoso O Sr. Freyreiss, que de novo visitou o lugar em fevereiro,

trouxe o crânio ... que está agora em poder do professor Sparrmann. (Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 170).

A partir da busca da confirmação em coleções de crânios encontrei três Botocudos, um homem, uma mulher e uma criança que constam na lista da Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural Senckenberg e Sociedade e Instituto Anatômico Senckenberg em Frankfurt, Sequência 211 a 213 Catálogo nºs XXI. 10 a 12 Botuke, Botokudin e Botokude, kind como recebidos de Dr. Freyreiss (Schaaffhausen, 1880, p. 34-5).

Figura 3.5 – Print da página 34 do Catálogo da Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural Senckenberg

		d) Boto-						
211	XXI. 10	Botokude	179	132	133	101	101	125
		von Dr. Freyreiss.						
212	XXI. 11	Botokudin	174	132	135	89	99	113
		von Denselben.						
213	XXI. 12	Botokude, Kind	165	128	121	81	83	94
		von Denselben.						

Fonte: Schaaffhausen, 1880

Em seu diário, Freyreiss realizou várias descrições da natureza, fauna, flora, geológicas e minerais e realizou descrições dos povos indígenas, como a posição de submissão da mulher indígena:

entre todos os povos incultos a mulher é sempre mais ou menos escrava ela que se ocupa com todos os trabalhos domésticos aqui ela que encarrega caça que o marido matou e o produto da colheita das raízes e das frutas muitas vezes até sobrecarregada ao passo que o homem mais forte acompanhe apenas com o arco e algumas flechas na cabana tem ela que preparar a comida ir buscar a lenha água e bem com descendente ao marido que se digna a cuidar no fogo aceso ao pé da rede onde se balança. (Freyreiss, 1906, p.198).

Criticou a forma como os portugueses tratavam os nativos, não os considerando seres humanos, mas animais:

por mais satisfatório que seja para um filantropo pensamento de civilizar o selvagem que ainda existe forçoso é convir que a sua realização está muito distante um motivo poderoso se acha no modo pelo qual os portugueses procedem para com os índios cuja desconfiança nunca cessará e será igualmente difícil para os portugueses se acostumarem enxergar no índio um semelhante seu e não uma espécie de animal (Freyreiss, 1906, p. 209).

E enalteceu a habilidade dos indígenas em curar enfermidades:

É inegável a grande perspicácia que os índios revelam no modo seguro com que curam suas moléstias ... todos os seus remédios buscam no reino vegetal e nós teríamos de aprender deles muitos segredos (Freyreiss, 1906. p. 205)

Estabelecendo-se definitivamente no Brasil em 1818, Freyreiss foi nomeado professor de zoologia na Universidade do Rio de Janeiro e recebeu permissão para estabelecer uma colônia alemã na Bahia, Leopoldina (atual helvécia), onde faleceu em 1825 (NHM, 2025).

Chamou minha atenção quando pesquisava a lista de crânios de Blumenbach (Spengel, 1874), a doação de dois crânios (Ad 80 e Ad 81) entregues por Carl August Tölsner (1805-1882), médico residente da colônia Leopoldina em 1858, por ocasião de sua estada em Göttingen para sua defesa de doutorado. Um desses crânios era de um “botocudo”, e eu questiono se não teria sido coletado por Freyreiss e guardado por anos na colônia após sua morte, até que surgisse a oportunidade para envio a Europa ou se foi o próprio médico quem coletou e levou o crânio como presente ao professor.

3.1.5 Hensel, o caçador

Reinhold Friedrich Hensel (1826-1881), foi um zoólogo e professor da Academia Florestal de Proskau e exímio caçador de mamíferos, sendo Graduado em Ciências Naturais e doutorado em zoologia. Esteve no Brasil entre 1863 e 1866, como coletor de zoologia da Academia de Ciências de Berlim, realizando suas pesquisas no Rio Grande do Sul, escolhido pela academia provavelmente por suas habilidades de caça.

Hensel descreveu as colônias alemãs do Rio Grande do Sul, sua economia, demografia e condições sociais. Redigiu um catálogo descritivo de mamíferos e coletou crânios que lhe permitiram analisar a variação individual, etária e sexual, onde descreveu 89 espécies de mamíferos, incluindo espécies domésticas, sendo que sete eram novas (Pires, 1987).

A referência à coleta de crânios humanos foi localizada em seu artigo “Die Schädel der Coroados” (Os crânios dos Coroados de 1870), uma vez que Hensel não publicou diários. Nele, Hensel relata que exumou duas sepulturas e removeu dois crânios de coroados que comparou em sua pesquisa.

Mencionei em um relatório anterior sobre os Coroados do Rio Grande do Sul*) que havia aberto duas de suas sepulturas e removido seus crânios. Também não tive tempo de coletar os esqueletos, pois temia ser surpreendido pelos índios. (Hensel, 1870, p. 195). (tradução minha)

Figura 3.6- Ilustração dos crânios coletados por Hensel em seu artigo



Fonte: Hensel, Zeitschrift für Ethnologie, 1870

Interessante destacar que o zoólogo foi bastante objetivo em sua análise concluindo que não é possível classificar raças por meio da craniometria:

É preciso admitir que isso fornece apenas uma classificação de cápsulas cerebrais, não de raças humanas. Muitas tentativas foram feitas para estabelecer um único fator como princípio de classificação, mas isso tem sido chamado de "sistema de mamíferos segundo o cérebro" ou "segundo a placenta", o que, na realidade, tem sido apenas uma divisão de cérebros ou placentas. (Hensel, 1870, p. 201). (tradução minha)

Ele também fez crítica ao uso dessas medições craniológicas pela Antropologia biológica, para fins de classificação de raça:

parece uma anomalia quando a antropologia no esforço de sistematizar as raças humanas, dando prioridade a aspectos que, em todos os outros casos, no que diz respeito às espécies, devem ser evitados de qualquer interfluência sobre a classificação. Além disso, os métodos usuais de medição craniana nem sequer nos dão uma representação exata das condições do próprio cérebro, mas apenas medições individuais e indeterminadas dele, nem mesmo diretamente, mas apenas medidas através de uma membrana espessa e altamente variável (Hensel, 1870, p. 201). (tradução minha)

O destino desses remanescentes humanos inicialmente foi o Setor de Anatomia Comparada da Faculdade de Medicina de Berlim e posteriormente foram enviados ao Museu de História Natural (Museu Zoológico) de Berlim (Pires, 1987).

3.1.6 Ihering, de coletor do Museu Nacional a diretor do Museu Paulista

Hermann von Ihering (1850-1930) foi um naturalista coletor do Museu Nacional e diretor do Museu Paulista. Graduiu-se em medicina e ciências naturais e doutorou-se em zoologia.

Ricardo Machado (2020) afirma que a formação científica de von Ihering foi influenciada por Rudolf Virchow, Karl Leuckart⁸ (1822- 1898) e Carl Claus⁹ (1835-1899). Virchow o encorajou a se dedicar ao estudo da antropologia física. Leuckart, por sua vez, o influenciou a cursar medicina. Todavia, com atuação direta, Ihering foi assistente de zoologia de Claus em Göttingen, que era um dos opositores às teorias de Ernst Haeckel¹⁰ (1834-1919), darwinista e eugenista.

Em função da falta de perspectivas acadêmicas na Alemanha, sem conseguir se efetivar como docente universitário, e, em razão da desaprovação de seu pai ao seu casamento com uma mulher viúva e com filho, decidiu vir ao Brasil em 1880.

Inicialmente, Ihering residiu no Rio Grande do Sul, onde trabalhou como médico e coletor privado, negociando espécimes com museus e ornitólogos europeus, enquanto desenvolvia seus próprios estudos em zoologia e paleozoologia. Publicou periodicamente seus resultados em revistas científicas alemãs de prestígio, assim como revistas coloniais alemãs do Brasil. Três anos depois de chegar ao Brasil passou a coletar para o Museu Nacional (1883-1891), contratado como naturalista-viajante, o que lhe permitiu a continuidade de seus estudos. Foi demitido juntamente com Fritz Müller e Emílio Goeldi, por questões políticas, quando o Museu criou um regulamento que exigia a assinatura de ponto. Mudou-se para São Paulo para trabalhar como curador da seção zoológica do Museu do estado de São Paulo (1892-1894), que originou o Museu Paulista, onde se tornou diretor (1894-1915) (Lopes, 1997).

Como diretor do Museu Paulista, Ihering comprou vários remanescentes humanos, como uma peça de uma cabeça troféu munduruku:

A cabeça pertencente agora ao Museu Paulista e figurada na estampa IX, é a de um homem de 30 a 40 annos com fracos vestigios de bigode e com rico cabello preto luzidio (Ihering, 1907, p. 180)

Também escavou remanescentes humanos em sambaquis, mas principalmente adquiriu de Ricardo Krone:

Nestas circumstancias é relativamente grande o material anthropologico referente aos moradores dos sambaquis, e especialmente o de craneos. Estes, pela maior parte, são brachycephalos, correspondendo á descripção dos craneos dos Tupis, dada por Rodrigues Peixoto. Sendo brachycephalas

⁸ Karl Georg Friedrich Rudolf Leuckart foi um zoólogo alemão que estudou parasitologia, desenvolvendo pesquisas sobre tênia e triquinose.

⁹ Carl Friedrich Claus foi um zoólogo alemão, especializado em biologia marinha e oceanografia. Professor universitário também dirigiu a estação de pesquisa oceanográfica em Trieste, onde Sigmund Freud foi seu assistente em um de seus laboratórios.

¹⁰ Ernst Haeckel foi um biólogo, naturalista que popularizou o trabalho de Darwin e cunhou termos como "ecologia" e "filo" Foi um defensor do nacionalismo alemão, do cientificismo positivista e da eugenia, que o vincula a ideologias controversas.

também as cabeças de Índios guaranis, examinadas por mim e R. Krone e dos Cayuás medidas por J. Ambrosetti, é-se levado á supposição de que os craneos dos sambaquis pertencem ás mesmas tribus de Tupis e Guaranis que habitavam a costa no tempo da descoberta (Ihering, 1907, p. 241)

Menciona em artigo a coleta de um crânio de uma mulher que faleceu afogada e foi fotografada Walter Garbe (Figura 3.7), filho do naturalista coletor alemão do Museu Paulista Ernst Garbe (1853 - 1925), que explorava a região entre Minas Gerais e Espírito Santo em 1909, para visitar os “botocudos”:

Temos na collecção o craneo bem conservado de uma mulher de 22 annos, que é de particular interes se, visto que possuímos também a photographia da mesma pessoa, tirada pouco tempo antes de sua mor O exemplar corresponde bem às descripções dadas por Lacerda e Peixoto e por Ehrenreich, de modo que me limito a poucas palavras e á apresentação das medidas. (Ihering, 1911, p. 46).

Figura 3.7- Fotografia da mulher indígena (à esquerda) que morreu afogada e posteriormente seu crânio foi examinado por Ihering



Fonte: Fotografia de Walter Garbe, para o Museu Paulista in: Ihering, 1911

Trata-se de um naturalista que atuou tanto como coletor para que os naturalistas de gabinete de museus europeus, e do Museu Nacional, pesquisassem, quanto como diretor do Museu Paulista, como pesquisador de gabinete, analisando o que naturalistas coletores lhe enviavam.

Não há evidências de que Ihering tenha coletado crânios na sua fase coletor. Os levantamentos realizados o vinculam aos crânios do seu período como diretor do Museu Paulista:

examinei e medi índios de várias tribos, e consegui reunir valiosa coleção antropológica e arqueológica no Museu Paulista. Frutificaram os meus esforços em grande número de publicações (Ihering, 1911, p.114).

De acordo com Ricardo Machado (2020), suas análises craniométricas, agora como um naturalista de gabinete, estavam baseadas nos trabalhos de Blumenbach e de Johann Meckel¹¹ (1781-1833).

Interessante destacar que Ihering escreveu uma crítica em artigo intitulado “Sobre a reforma da craniometria”¹², publicado em 1873, afirmando que não é possível classificar as raças por meio da craniometria:

A partir da estrutura do crânio, nunca se pode determinar com certeza a raça à qual pertencia o indivíduo de quem o crânio se originou. Se essa visão estiver correta, então não se pode falar em classificar as raças humanas de acordo com a estrutura do crânio”.¹³ (Ihering, 1911, p.114). (tradução minha)

Se ele já havia chegado à conclusão que a craniometria não serve para classificar raças em 1873, por que, então, ele estava realizando essas medições em 1909? Uma das hipóteses que levanto é que disputava visibilidade com o Museu Nacional, que estava realizando essas pesquisas de forma intensa nesse período.

Apesar de realizar medições craniométricas mesmo tendo afirmado, mais de trinta anos antes, que não serviam para classificar raças, Ihering acreditava que tanto os aspectos biológicos quanto os aspectos culturais comprovavam a “inferioridade” racial dos indígenas (Machado 2020). Por acreditar que os indígenas era seres racialmente “inferiores”, Ihering defendia que eles deveriam se sujeitar submissamente à cultura dos colonos, que via como a manifestação suprema da evolução humana. Com estas ideias e outras semelhantes, envolveu-se em várias polêmicas, como a que tomou grandes dimensões ao publicar expressamente o extermínio dos Kaingang, por considerá-los um “empecilho” ao avanço do processo “civilizatório”. Em texto publicado em 1907 na Revista do Museu Paulista, afirmou que:

Os actuaes Índios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como também nos outros Estados do Brazil, não se pode esperar trabalho sério e continuado dos Índios civilizados e como os Caingangs selvagens são um impecilio para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não ha outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu extermínio. (Ihering 1907, p. 215),

Ihering acabou sendo o centro polarizador da crítica, tanto nacional quanto internacionalmente, contra as políticas de extermínio que eram executadas pelo

¹¹ Johann Friedrich Meckel (1781-1833) foi um anatomista e embriologista, apelidado de "o Cuvier alemão", considerado o fundador da teratologia científica (o estudo de malformações congênitas)

¹² Zur Reform der craniometrie

¹³ Aus dem Baue des Schädels kann man niemals mit Sicher heit die Race erkennen, zu welcher das Individuum gehörte, dem der Schädel entstammt. Ist diese Ansicht richtig, so kann auch keine Rede mehr davon sein, die Classification der menschlichen Racen nach dem Schädelbaue vorzunehmen.

governo, personificando-se o problema em Ihering. Esse desgaste pode ter contribuído para sua demissão em 1915, ainda que o motivo apontado sejam irregularidades na aquisição e troca de objetos do acervo do museu (Machado, 2020, p. 146).

Sob outra perspectiva, Diego Grola (2024), ao analisar as ciências naturais e antropológicas praticadas no estado de São Paulo, do final do século XIX ao início do século XX, verifica que o estabelecimento de instituições científicas na capital paulista naquele período e a atração de cientistas para compor seus quadros, impactou nas práticas envolvidas na formação de coleções, emergindo um sistema colecionista dinâmico, cientificamente orientado e conectado a circuitos internacionais de colecionamento e produção científica, sendo central o papel de Ihering, como diretor do Museu Paulista.

3.1.7 Langsdorff, o cônsul

Langsdorff foi um naturalista alemão naturalizado russo que veio ao Brasil a primeira vez em 1803, explorando Santa Catarina, quando realizava uma viagem de circum-navegação, e voltou como cônsul da Rússia em 1813, residindo no Rio de Janeiro. Graduado e doutorado em medicina em Gottingen, foi aluno de Blumenbach, e também se inspirou em Humboldt para organizar seu trajeto.

A partir da rede de amizades que possuía, acompanhou Auguste de Saint-Hilaire (1889-1853) à província de Minas Gerais, onde visitou áreas de exploração de ouro e diamantes entre 1817 e 1818.

O relato sobre possuir um indígena foi obtido por meio do diário de Spix e Martius (2017), uma vez que em seu diário, que foi publicado muitos anos após seu falecimento, não consta nenhuma menção a coleta de crânios.

Spix e Martus (2017) relatam que seu primeiro encontro com um “botocudo” aconteceu na casa de Langsdorff, na Fazenda Mandioca, que havia recebido um menino ao invés de crânios para enviar para Blumenbach:

O primeiro indígena americano que avistamos aqui foi um menino da tribo antropófaga dos botocudos de Minas Gerais; ele se achava na casa do nosso amigo von Langsdorff. O amigo ministro de Estado português, conde da Barca, havia pedido ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio de índio para o nosso célebre compatriota o conselheiro Blumenbach; como este último não teve oportunidade de achar à mão tal material morto despachou então ao conde dois botocudos vivos, que seus soldados haviam prendido num ataque repentino. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 54)

O naturalista francês Jacques Étienne Victor Arago (1790-1854) conta uma variação desse relato, informando que Langsdorff solicitou a um chefe “botocado” um crânio em troca de armas e recebeu o próprio filho vivo do chefe indígena:

o Sr. Lansdorff, encarregado de negócios da Rússia, desejando acrescentar à sua imensa coleção de curiosidades brasileiras, o crânio de um indivíduo daquela nação, solicitou [um crânio “botocado”] ao chefe que já mencionei [anteriormente] ofereceu-lhe algumas armas em troca. O chefe, mais galante e cortês do que se esperaria de um selvagem, enviou-lhe seu próprio filho, dizendo: ‘Eis o crânio, faça como quiser’. A criança recebeu na casa do Sr. Lansdorff todos os cuidados apesar de seu infortúnio. O pobre menino, de nove ou dez anos, esperava ser decapitado todos os dias e não entendia por que estava sendo tratado com tanta humanidade.¹⁴ (Arago, 1839, p. 175-6). (tradução minha)

Em artigo intitulado “Os botocudos na Europa na década de 1820”, Christian Feest (2025) informa que o menino faleceu antes da viagem de Langsdorff à Europa em 1820, e que há relatos de que seu crânio foi doado ao Instituto Nacional em Paris, uma vez que Blumenbach já havia obtido o crânio que solicitara de Wied-Neuwied. Feest (2025) acredita que o crânio tenha permanecido com o cônsul e, após sua morte, foi incorporado ao acervo do Museu em Freiburg, que, além de um crânio Botocado não documentado, possui objetos etnográficos coletados por Langsdorff.

Consultando o Catálogo Antropológico da Universidade de Freiburg, elaborado por Alexander Ecker (1880), consta um crânio de botocado com um ponto de interrogação, o gênero com ponto de interrogação, de Minas Gerais, juvenil, com medições (p. 44), assim como de um indígena coroadado do Paraná (p. 45), que são os únicos crânios brasileiros em um total de 47 da coleção.

Figura 3.8 – Print da página 44 do Catálogo Antropológico da Universidade de Freiburg

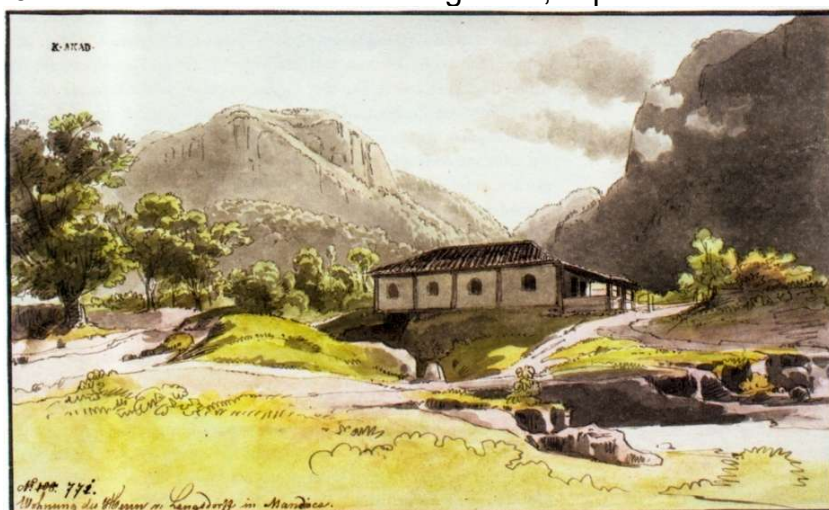
2. Aus Minas geraes (Botocende?). G ? aet. juv.
Calvarium. Cap. 1150. *L* 169. *B* 134. *H* 125. *C* 475. *Sb* 130. *Schb* 105. *Hb* 115.
Gb 345. *Bas.* 95. *O.L* 62. *J.B* 116. *P* 91,5%.
L:B 79,3. *L:H* 74. *B:H* 93,2.

Fonte: Ecker, 1880

¹⁴ « M. Lansdorff, chargé d'affaires de la Russie, désirant joindre à sa riche et immense collection de curiosités brésiliennes le crâne d'un individu de cette nation, en fit demander un au chef dont je vous ai déjà parlé, et lui offrit quelques armes en échange. Celui-ci, plus galant et plus courtois qu'on n'aurait dû le supposer d'un sauvage, lui envoya son propre fils, en lui disant : « Voilà un crâne, arrangez-le comme vous voudrez. » L'enfant reçut chez M. Lansdorff tous les soins qu'on doit au malheur. Le pauvre garçon, âgé de neuf à dix ans, s'attendait tous les jours à être décapité et ne comprenait pas pourquoi on le traitait avec tant d'humanité»

Langsdorff viajou para Europa entre 1820 e 1822. Esteve em Paris, na França, onde publicou um folheto para divulgar a emigração para o Brasil; passou pela Alemanha, onde publicou uma brochura maior sobre a emigração em Munique; e foi também para a Rússia, ocasião em que foi agraciado com o título de Conselheiro de Estado, com a Ordem de São Vladimir e efetivado membro da Academia de Ciências de São Petersburgo. (Manzier, 1967, p. 20-1), o que reforça a possibilidade de entrega do crânio após sua morte, ainda que as informações sejam vagas.

Figura 3.9 – Fazenda Mandioca de Langsdorff, Aquarela de Thomas Ender¹⁵



Fonte: Akademie der bildenden

O cônsul retornou ao Rio de Janeiro em 1822, trazendo consigo do sul da Alemanha e da Suíça 80 colonos para trabalharem em sua fazenda. Também conseguiu financiamento do governo da Rússia para realizar sua expedição pelo interior do Brasil que almejava desde que desembarcou no país em 1803.

Em sua Expedição para a Amazonia (1825-1828), Langsdorff também coletou uma cabeça munduruku:

Nas coleções de peças mundurucus trazidas pela Expedição de Langsdorff, encontra-se, além do aludido troféu (cabeça), todo um costume de baile e sua representação, num desenho em côres de autoria de Florence (123)²⁴, datado de agosto de 1828, na cidade de Santarém. Esta aquarela representa "o chefe (tuxaua) em costume de festa (Principal mundurucu en costume de fête)". (Manzier, 1967, p. 188-9).

¹⁵ *Wohnung des Herrn v. Langsdorff in Mandioca*, aquarela sobre lápis, Thomas Ender, c.1817/18. Dimensões 192 x 317 mm. Kupferstichkabinett der Akademie der bildenden Künste Wien.

Figura 3.10- Ilustração de Florence da cabeça-troféu coletada por Langsdorff



Fonte: Manzier, 1967

3.1.8 Spix, zoólogo, e Martius, botânico: uma dupla de pesquisadores

Martius, o botânico e Spix, o zoólogo, são em geral apresentados conjuntamente e em nome simplificado, pois são coautores do diário “Viagem pelo Brasil (1817-1820)”. Eles se conheceram em 1812, quando Spix já era um zoólogo reconhecido e trabalhava na Academia de Ciências de Munique, e Martius era estudante de Medicina dedicado, o que lhe garantiu a indicação de Spix como pesquisador do Jardim Botânico dessa Academia.

Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), o botânico, graduou-se em Medicina e doutorou-se em Botânica. Já Johann Baptist von Spix (1781-1826), o zoólogo, graduou-se em Medicina e Zoologia e realizou doutorado em Medicina. Meses após formado, foi trabalhar na Academia de Ciências da Baviera, de onde recebeu uma bolsa de estudos para estudar zoologia científica com Georges Cuvier¹⁶ (1769-1832) em Paris. Depois do estudo, realizou viagens pela Europa para coletas. Na volta à Alemanha foi contratado pela Academia Real de Ciências para organizar o museu de zoologia.

A viagem ao Brasil, apesar de ter ocorrido em 1817, foi pensada ainda em 1815 por recomendação do Rei da Baviera Maximiliano José I (1756-1825), que solicitou à

¹⁶ Georges Cuvier foi um naturalista e zoólogo francês que estabeleceu a anatomia comparada como um método para estudar os seres vivos.

Real Academia de Ciências de Munique uma expedição que iniciaria em Buenos Aires, atravessaria por terra até o Chile, seguiria ao Peru, Equador, Venezuela ou México e então retornaria à Europa, e foi adiada por restrições financeiras e questões políticas. No entanto, em função da vinda da comitiva da Áustria ao Brasil, Maximiliano aproveitou a oportunidade para solicitar a integração da dupla à expedição de estudo austríaca (Lisboa, 1997).

A exploração de Spix e Martius iniciou pela província do Rio de Janeiro, passando por São Paulo, Minas Gerais, Bahia, interior do Pernambuco, Piauí e até São Luís (Maranhão), de onde seguiram por mar até Belém, e então navegaram pelos rios Amazonas, Solimões, Negro e Japurá, realizada entre 1817 e 1820. A escolha desse trajeto foi elaborada considerando abarcar regiões não exploradas por outros viajantes. (Lisboa, 1997).

Em seu diário foram encontrados relatos da coleta de mais de três crânios:

- 1- Indígena coroadado morto em combate, doado pelo diretor-geral dos índios Marlière, entregue ao Museu de História Natural de Munique (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 315-6).
- 2- Indígena de etnia não foi especificada, falecido por enfermidade, doado pelos próprios indígenas (Spix, Martius, 2017, v. 2, p. 260-1).
- 3- Menção a mais de uma cabeça-troféu munduruku, que não esclareceram como foi obtida (Spix, Martius, 2017, v. 3, p. 402).

Dos crânios coletados, o único que se tem certeza da localização atual é o de uma das cabeças-troféu oriundo dos indígenas Munduruku, que se encontra no Museu dos Cinco Continentes¹⁷, fundado em 1862 com o nome de Coleção Etnográfica Real em Munique (Figura 3.8). Ainda que ao pesquisar munduruku, Spix ou Martius na caixa de pesquisa do museu não encontra resultado.

Spix e Martius confirmam nos relatos do diário o pedido de crânios do professor Blumenbach:

O amigo ministro de Estado português, conde da Barca, havia pedido ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio de índio para o nosso célebre compatriota o conselheiro Blumenbach (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 48-9)

¹⁷ O Museu dos Cinco Continentes já teve outros quatro nomes: Coleção Etnográfica Real (1862–1912); Museu Etnográfico Real (1912–1917); Museu de Etnologia (1917–1954); Museu Estadual de Etnologia (1954–2014).

E informam que as coletas foram enviadas ao Rei da Baviera:

O governador-geral, Manuel de Portugal e Castro, que já tivera a bondade de visar os nossos passaportes para o Distrito Diamantino, a isso acrescentando cartas de apresentação, também conquistou a nossa gratidão, obrigando-se a tomar a seu cargo a nossa remessa a S.M. o rei da Baviera, para ser despachada aos cuidados de S.M. o rei do Brasil. Com isso, obtivemos a vantagem de se não fazerem a incômoda abertura e exame de nossas caixas e o fácil estrago das curiosidades naturais, nos registros das fronteiras. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 331)

Além da coleta de remanescentes humanos, Spix e Martus realizaram estudos sobre os indígenas, descrevendo características físicas, como as que seguem:

Todos os índios que chegamos a conhecer aqui, das tribos de puris, coropós e coroados, surpreendentemente, pouco se diferenciavam entre si na estatura e nas feições; os traços individuais pareciam, provavelmente por falta de desenvolvimento, dominados pelos traços gerais da raça do que é o caso, nas outras raças. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 300)

... haviam despertado em nós sentimentos melancólicos sobre a degeneração do humano neles, o porte baixinho, o pardo-avermelhado da pele, o cabelo negro de carvão, solto e desgrenhado, o formato desagradável da cara larga, angulosa, e os olhos pequenos, oblíquos, inconstantes, finalmente o andar de passos curtos, esquivos, desses homens das selvas. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 299)

Para se aproximarem dos indígenas, ofereceram presentes e cachaça:

Alguns vieram e sentaram-se à porta da casa, onde lhes oferecemos cachaça. Eram todos de mau humor, taciturnos, desconfiados e provavelmente receavam que nós os quiséssemos levar para o serviço militar (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 289).

Informaram no diário que na sua equipe e se encontrava um escravizado negro:

Depois de várias tentativas infrutíferas para descobrir o indivíduo nas condições necessárias, fomos obrigados, por se aproximar o dia marcado da viagem, a confiar a tropa a um mulato que, embora sem oferecer credenciais, declarou ter prática do ofício e lhe demos como auxiliar, **além de nosso escravo negro**, outro negro liberto (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 133) (grifo meu).

Destacam ainda que consideravam os indígenas uma “raça inferior”:

A natureza inferior, bruta, desses homens importunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas da sua pátria.” (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 48-9)

... esta lenta decadência do corpo e do semblante, do que havia sido a raça primitiva, chegando até à deformidade e fealdade que em geral apresentam atualmente, em consequência dos poucos séculos de convívio com os brancos, representa fenômeno muito curioso. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 165-6)

Para comprovar sua inferioridade humana, afirmam uma suposta falta de emoção entre os indígenas:

O índio, propriamente, não pode corar, e o humano “Erubescit, salva res est” **[ele cora, o assunto está resolvido]** não tem aplicação para essa rude raça humana. Só depois de longa convivência com os brancos, notamos entre os índios a mudança de cor, como sinal de emoção. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 302)

Em relação à produção literária, Lorelai Kury (2001), enfatiza que o botânico Martius talvez seja o mais importante humboldtiano que visitou o Brasil, pois, além de produzir classificações precisas, numerosos herbários e trabalhos em antropologia e história, também descreveu com sensibilidade diversas fisionomias vegetais, presentes na obra *“Historia Naturalis Palmarum”*. Também ilustrou minuciosamente, evidenciando a importância das imagens para o desenvolvimento de seu trabalho científico.

Em suas ilustrações de indígenas, também é possível ver a qualidade de seu traço conforme mostra o desenho “As margens do Rio Itaípe na Província da Bahia”, acervo de Iconografia do Instituto Moreira Salles¹⁸ (Figura 3.11).

Figura 3.11 – Desenho de Martius “As margens do Rio Itaípe na Província da Bahia”



Fonte: Iconografia Brasileira, 2025

Klaus Schöntzer (2022), em seu livro sobre “Johann Baptist Von Spix e sua contribuição para a pesquisa da fauna brasileira”, se propôs a resgatar o zoólogo alemão do esquecimento. Nesse sentido, informa que antes mesmo de sua viagem

¹⁸ litografia a duas cores (preto e sépia) sobre papel, Dimensões do Suporte de 29,6 x 45,0 cm, Editores August Wilhelm Eichler e Carl Friedrich Philipp von Martius, Desenhista

ao Brasil, Spix publicou um livro sobre o desenvolvimento embrionário dos crânios em latim¹⁹, já demonstrando claro interesse pelo tema.

Em 1823 Spix publicou em formato fôlio (grande), o primeiro volume onde descreveu cientificamente os animais coletados no Brasil. Nele, ilustrada os animais com 38 pranchas, em sua maioria coloridas. Apresenta duas ilustrações que formam uma página no qual desenhou quinze crânios de macacos e um crânio humano (de um indígena coletado no Brasil), que foi medido com precisão, e cujas dimensões foram comparadas em tabelas com os crânios de um europeu (tirolês), de um asiático (bengalês) e de um africano (angolano) (Schönitzer, 2022).

Figura 3.12 - Pranchas XXXVII e XXXVIII do livro de Spix de 1823²⁰



Fonte: Spix, 2023

Karen Lisboa (1997), em relação à experiência de Spix e Martius, analisa que a dupla soube “*despir-se diante da natureza tropical e nela integrar-se*” (p.208)

¹⁹ SPIX, Johann Baptist von. **Cephalogenesis sive Capitis Ossei Structura, Formatio et Significatio per omnes Animalium Classes, Familias, Genera ac Aetates digesta, atque Tabulis illustrata, Legesque simul Psychologiae, Cranioscopiae ac Physiognomiae inde derivatae.** München: Typis Francisci Seraphici Hübschmanni, 1815, 11 u. 72 pp.; 9 Taf.

²⁰ SPIX, Johann Baptist von. **Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium species novae ou Histoire Naturelle des espèces nouvelles de singes et de chauves – souris observées et recueillies pendant le voyage dans l'intérieur du Brésil exécuté par ordre de S M Le Roi de Bavière dans les années 1817, 1818, 1819, 1820.** – München: Typis Francisci Seraphi Hübschmanni, 2023, I – VIII, 1-72, 38 Taf.

permitindo uma identificação entre sujeito e natureza, o que não conseguiram realizar em relação à observação do “outro”, seja ele o indígena, o negro ou o mulato.

Projetaram na natureza intacta e seu habitante original o advento de “*uma civilização dos trópicos*”, onde a natureza selvagem seria dominada, eliminando-se o selvagem, escravizando o negro, rumariam a uma sociedade cada vez mais branca, seu projeto civilizador (Lisboa, 1997).

3.1.9 Wied-Neuwied, o príncipe

Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied, de origem aristocrática, era príncipe, militar, naturalista e explorador. Graduado em Biologia pela Universidade de Göttingen, aluno de Blumenbach, foi o naturalista a quem se atribui o início da “corrida de crânios”. Incentivado por Humboldt, seu mentor, a visitar o Brasil, veio com o objetivo de realizar coletas botânicas e zoológicas e estudar os povos indígenas.

Veio da Alemanha com seu assistente taxidermista, Georg Freyer (1793-1866), e o jardineiro Cristin Simonis. No Brasil, contratou o ornitólogo Georg Freyreiss (1789-1825) e o botânico e desenhista Friedrich Sellow (1789-1831), além de guias indígenas, como Nuguäck²¹.

Wied-Neuwied teve encontros com indígenas dos povos Tupinanbás em São Lourenço, Purís e Coroados em São Fidelis, Machacalis do Rio Pardo e Camacãs em Minas Gerais, mas foram os “Botocudos” da região do Rio Mucuri, quem lhe despertou o maior interesse, e com os quais coletou o crânio que levou ao seu professor, Blumenbach:

A esperança de obter um crânio de botocudo foi outro motivo que me levou a passar aí mais um dia. No quartel dos Arcos, não me tinha sido possível um cadáver para esse fim; agora, porém, fui mais feliz. A curta distância das casas, dentro da mata, no meio de uma vegetação bela e florida, havia sido enterrado um jovem botocudo, de vinte a trinta anos de idade, um dos mais turbulentos guerreiros da sua tribo. Armados de picaretas, dirigimo-nos à sepultura e retiramos o importante crânio. Notamos, à primeira vista, uma curiosidade osteológica: o grande pedaço de pau, usado no lábio inferior, não só havia deslocado os incisivos inferiores, como também comprimira e apagara, nesse crânio novo, os alvéolos dos dentes, o que geral mente só acontece com as pessoas muito velhas (Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 262).

Ofereci ao célebre gabinete antropológico do Sr. Ritter Blumenbach, de Göttingen o crânio .de um jovem botocudo de vinte que é uma verdadeira singularidade osteológica (Wied-Neuwied, 1989, v.1, p. 286-7).

²¹ Nuguäck é o nome indígena, porém o nome mais frequentemente registrado nos diários de viagem foi Guack, também grafou Quäck, Gueck, sendo que na Alemanha, o indígena recebeu o nome cristão Joachim Kuêk.

Wied-Neuwied, ao contrário da viagem que fez aos Estados Unidos para explorar os povos nativos de lá, não contratou um artista, então ele mesmo realizou as ilustrações de sua viagem, conforme pode ser vista na Figura 3.13, em que desenhou o “botocudo” que entregou ao Professor Blumenbach.

Figura 3.13 – Ilustração do crânio do “botocudo” coletado por Wied-Neuwied



Fonte: Wied-Neuwied, 1822

O crânio de Nuguäck, o guia indígena que ele levou para a Alemanha, foi doado ao Museu de Anatomia da Universidade de Bonn:

O Dr. Bernstein, interessado em anatomia e craniologia, separou a cabeça de Quäck e a preservou em etanol como espécime científico, incluindo o cérebro e outros tecidos moles (Bernstein 1834; Willscheid 2017: 102–103) ... Em algum momento entre 1835 e 1861, o crânio de Quäck, com a parte superior separada para a extração do cérebro, foi depositado por Maximilian no Museu Anatômico da Universidade de Bonn, onde foi reunido ao crânio de um acompanhante afrobrasileiro que Maximilian havia levado anteriormente para a Alemanha. Separado do que foi descrito como a "máscara de um Botocudo em etanol" (Schaaffhausen 1877: 66) - provavelmente uma preparação do tecido facial de Quäck—, os restos tornaram-se parte de coleções anatômicas (Feest, 2025, p. 18-9).

Em 2011, quase dois séculos depois, seu crânio foi devolvido à cidade de Jequitinhonha, e repassado a uma tribo krenak, descendente do indígena (NEHER, 2017). Essa restituição é questionada por Ailton Krenak, para quem a devolução em si não faz sentido se ela não vier acompanhada de um debate amplo na sociedade,

que incluiu a contextualização sobre crimes cometidos contra indígenas e suas consequências:

Mais do que ficar imaginando o que vamos fazer com um objeto que saiu do lugar de memória, peregrinou pelo mundo e agora pode voltar para casa, a pergunta que resta é: que casa? No caso dos botocudos, a casa não existe mais, o território que nossos antepassados circulavam ou faziam suas aldeias foi totalmente desmemorializado. (Ailton Krenak em entrevista para Clarissa Neher, 2017)

Assim como Spix e Martius, Wied-Neuwied realizou estudos sobre os indígenas, descrevendo características físicas:

Os homens eram, de modo geral, entroncados, baixotes e, não raro, bastante musculosos; cabeça grande e redonda; rosto largo, maçãs quase sempre muito salientes; olhos negros, pequenos e algumas vezes oblíquos; nariz curto e largo, dentes muito brancos. Alguns, porém, eram de compleição mais delicada, pequeno nariz aquilino e olhos muito vivos, de expressão às vezes agradável, mas em geral grave, sombria e desconfiada, obscurecida pela frente abaulada. (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 108-9)

Caracterizou os indígenas como povos em estágio mais baixo de civilização:

Não se pode efetivamente esperar encontrar na natureza bruta desses homens os sentimentos de delicadeza e de afeto que a cultura e a educação desenvolveram em nós; mas, nem por isso devemos pensar que neles sejam completamente embotados todos os atributos que distinguem o homem dos irracionais (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 310).

É possível que muitas das tribos que outrora comiam sem pejo a carne dos inimigos, tenham deixado já este bárbaro costume, principalmente nos pontos em que se acham em boas relações com os europeus. A própria energia corria que os botocudos de Belmonte defendem a sua horda da acusação de praticá-lo, prova que eles acabaram por se convencer de quanto é degradante semelhante costume e justifica a esperança de que esse povo, cujo estágio de civilização é de todos o mais baixo, possa gradualmente progredir para um grau de cultura mais avançado. (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 315)

No entanto, assim como Freyreiss, enalteceu as habilidades curativas dos indígenas:

A experiência lhes ensinou muitos meios de combater não só os ferimentos externos como até várias doenças. Com ela aprenderam muitos remédios, alguns dos quais talvez pudessem achar aplicação em nossas farmácias. Grande quantidade de plantas aromáticas e ativas existe nas matas; muitas árvores fornecem bálsamos excelentes, como, por exemplo, a copaiva (*Copaifera officinalis*), o bálsamo peruviano (*Myroxylon peruiferum*) e muitos outros; outras produzem um leite, ora mais ou menos venenoso, ora com propriedades curativas. Famílias inteiras de plantas fornecem cascas benéficas à saúde, tais como as das espécies de *Cinchona*, de que na região [do rio Jequitinhonha] existem várias. (Wied-Neuwied, 1989, v.2, p.315-6).

Ana Luisa Sallas, em artigo que problematiza as narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX (2010), toma como objeto as ilustrações dos naturalistas Martius, Wied-Neuwied e do artista Rugendas, e analisa a construção

do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. Assim, verifica que as ilustrações dos naturalistas consistem em sua autorrepresentação, uma vez que se configuram em um meio de legitimação, pois complementam e instituem credibilidade ao relato escrito:

Na perspectiva da produção cultural, cabe ainda destacar que os livros de viagem, com seus atlas e álbuns pitorescos, foram consumidos avidamente pelo público leitor do início do século XIX como bens culturais. Desse modo, o que poderia ser entendido como experiência particular e privada deixa imediatamente de sê-lo ao ingressar no mercado simbólico de bens culturais. Essa relação entre autor e leitor reafirma o caráter público da cultura, que, longe de nos fornecer a verdade da representação, oferece as ideias compartilhadas por determinado grupo acerca da natureza, do homem e da civilização do Novo Mundo. Toda representação contém uma verdade em si, seja ao se destinar a determinados grupos, seja ao expressar crenças e valores de outros. Emerge como expressão da verdade de quem a produziu, como forma de experiência comunicável, inserida no horizonte da época a que está vinculada (Sallas, 2010, p. 417).

Esse primor nas ilustrações também pode ser observado nos mapas de Eschwege, e desenhos de Spix, naturalistas do início do século XIX, os “deslumbrados pela natureza”. A exceção a esse grupo é Freyreiss, que provavelmente não aprimorou habilidades artísticas em função de sua formação técnica em comércio e falta de recursos financeiros para esse tipo de estudo e atividade.

Assim, podemos dividir os coletores de crânios em três grupos: do início do século, coletando crânios para coleções de ciências naturais (Eschwege, Freyreiss, Langsdorff, Martus, Spix e Wied-Neuwied), do meio do século, os coletores individuais/isolados (Bibra e Hensel) e do final do século, os coletores de crânios para coleções etnológicas (Ehrenreich e Ihering), que utilizaram dados craniométricos, mas valorizavam os estudos sobre a cultura indígena e utilizaram a fotografia para ilustrar suas pesquisas.

3.2 COLETORES DE PESSOAS VIVAS

Foram três os naturalistas alemães que levaram indígenas para a Alemanha e os exibiam em suas casas: Martius, Spix e Wied-Neuwied. Langsdorff, por sua vez, manteve um indígena em sua casa enquanto permaneceu no Brasil.

O Quadro 3.2 apresenta os trechos dos diários em que o relato é parcialmente revelado, complementado por levantamentos em documentos de outros pesquisadores, ou mesmo dos colegas naturalistas.

Quadro 3.2 – Coleta de pessoas vivas pelos naturalistas alemães: século XIX

Naturalista	Descrição	Referência
LANGSDORFF	- O primeiro indígena americano que avistamos aqui foi um menino da tribo antropófaga dos botocudos de Minas Gerais; ele se achava na casa do nosso amigo von Langsdorff. O amigo ministro de Estado português, conde da Barca, havia pedido ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio de índio para o nosso célebre compatriota o conselheiro Blumenbach; como este último não teve oportunidade de achar à mão tal material morto despachou então ao conde dois botocudos vivos, que seus soldados haviam prendido num ataque repentino. O Sr. von Langsdorff recebeu então um deles, ao qual em breve muito se afeiçoou e este lhe serviu não somente como peça viva de museu, porém, igualmente, como coletor de curiosidades naturais. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 54)	SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl F. P. von. Viagem pelo Brasil (1817-1820) . tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. v. 1
SPIX E MARTIUS	- Houve uma primeira tentativa de levar dois jovens coroados. No relato citam somente um, de nome Custódio, que fugiu 8 meses depois: “Na véspera da partida, à tarde, trouxeram dois jovens Coroados à nossa casa, e os animaram a seguir conosco, com a promessa de cachaça e de voltarem como capitães, com vistosas fardas ... O índio acostumou-se logo conosco, acompanhou-nos em grande parte da viagem, e, por sua dedicação, lhe demos o nome de Custódio. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 317) O índio coroadado Custódio, que havia oito meses nos acompanhava, desde o presídio de São João Batista, em Minas, tinha desaparecido, quando estávamos para partir, e segundo as informações ambíguas dos índios de Almada, ele havia voltado para as matas de sua tribo (Spix, Martius, 2017, v. 2 p. 262) - Levaram 2 crianças indígenas da Amazonia até Munique À esquerda: Filho do cacique dos juris, que fizemos soltar da prisão dos miranhas, levando-o para Munique. A tatuagem é prova de que ele já está adulto. À direita: Rapariga da tribo dos miranhas antropófagos. Também essa jovem índia foi conosco para Munique. (SPIX, MARTIUS, 2017, v. 3, p. 408).	SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl F. P. von. Viagem pelo Brasil (1817-1820) . tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. v. 1 e 2.
WIED-NEUWIED	Ao longo do segundo volume do diário se refere ao indígena como sua posse: Meu botocudo (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, pp. 309, 311, 323, 325); o meu pequeno botocudo (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 459) e meu queck (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 499) Relata no diário que levou o indígena para a Europa: Pode servir para este confronto o jovem botocudo Queck, que trouxe comigo para a Europa (Wied-Neuwied, 1989, v. 2, p. 324)	WIED-NEUWIED, Maximilian zu. Viagem ao Brasil . Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989. v. 2

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

3.2.1 Lansdorff e a criança acervo

Aquele menino cujo crânio Langsdorff levou para a Europa – referido no tópico anterior como crânio doado para a Universidade de Freiburg, constando em catálogo de um “botocudo” juvenil–, servia, de acordo com Spix e Martius (2017), *“não somente como peça viva de museu, porém, igualmente, como coletor de curiosidades naturais”*. (p. 54). O menino foi comprado pelo Consul em 1816, pois o naturalista queria um crânio “botocudo”, mas recebeu uma criança viva.

Arago (1822) não confirma se o menino era exposto como objeto vivo, mas confirma suas habilidades de coletor descrevendo passeios que realizou com o menino:

Levei esse jovem selvagem comigo em muitas excursões, e as provas que ele me deu de sua coragem, habilidade e agilidade não podem ser descritas em nenhuma língua. (Arago, 1822, p. 176)

É possível que o menino demonstrasse suas habilidades com arco e flecha aos muitos convidados naturalistas que Langsdorff recebia na fazenda Mandioca, pois esse era um costume comum para a época, semelhante às apresentações de Nuguäck na casa de Wied-Neuwied.

3.2.2 Spix e Martius e as crianças antagonistas

No diário de Spix e Martius (2017) encontramos a descrição de uma primeira tentativa de levar dois jovens coroados, ainda no início da jornada em Minas Gerais:

Como os diretores mandam, às vezes, alguns índios aos lugares populosos, a fim de que, no regresso de lá, com as suas narrações produzissem impressão favorável na gente de sua tribo, foi-nos feito pelo diretor do Presídio o oferecimento de levar em nossa companhia alguns índios a Vila Rica. Na véspera da partida, à tarde, trouxe dois jovens coroados a nossa casa, e os animou a seguir conosco, com cachaça e a esperança de voltarem como capitães, com vistosas fardas. Dava vontade de rir ao ver o efeito que um uniforme reluzente produz nesses homens das selvas. Vestiram com ele um dos índios, puseram-lhe à cabeça o chapéu agalado e colocaram diante dele um espelho. Perplexo e orgulhoso mirou-se ora a si mesmo ora a sua figura no espelho, e apalpava o novo fato e o espelho de todos os lados; embora não pudesse compreender o feitiço, contudo parecia que um sentimento de vaidade satisfeita vencias todas as dúvidas. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 317)

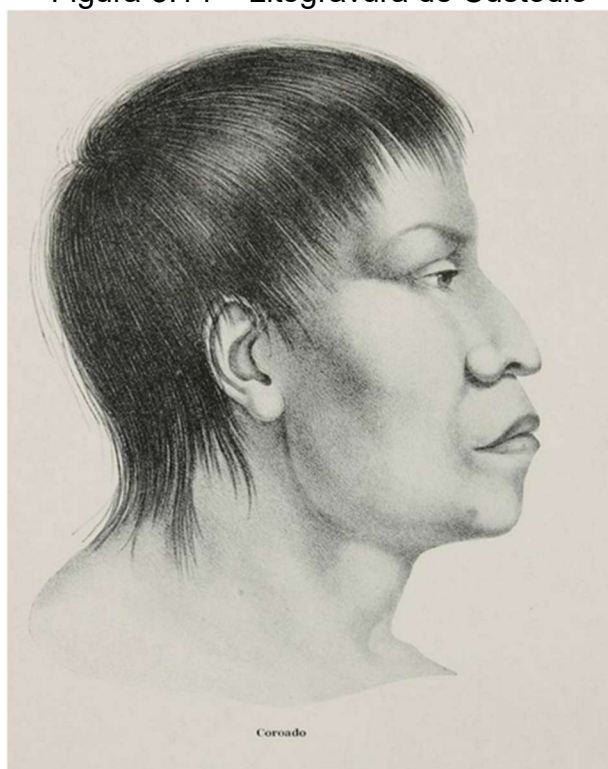
Mais adiante no diário mencionam somente um dos jovens a quem passaram a chamar Custodio, sem esclarecer o que aconteceu com o outro jovem:

Desse momento em diante, estava tomada a resolução, e ele mostrava prazer em acompanhar-nos. O índio acostumou-se logo conosco, acompanhou-nos em grande parte da viagem, e, por sua dedicação, lhe demos o nome de Custódio. (Spix, Martius, 2017, v. 1, p. 317)

Oito meses depois Custódio abandonou o grupo e voltou ao seu povo:

O índio coroadado Custódio, que havia oito meses nos acompanhava, desde o presídio de São João Batista, em Minas, tinha desaparecido, quando estávamos para partir, e segundo as informações ambíguas dos índios de Almada, ele havia voltado para as matas de sua tribo (Spix, Martius, 2017, v. 2 p. 262)

Figura 3.14 – Litogravura de Custodio



Fonte: Spix, Martius, 1940

A segunda tentativa, que foi bem-sucedida, já ocorreu no final da jornada quando estavam na Amazonia e levaram duas crianças de povos rivais, um menino Juri e uma menina Miranha até Munique:

À esquerda: Filho do cacique dos juris, que fizemos soltar da prisão dos miranhas, levando-o para Munique. A tatuagem é prova de que ele já está adulto. À direita: Rapariga da tribo dos miranhas antropófagos. Também essa jovem índia foi conosco para Munique. (Spix, Martius, 2017, v. 3, p. 408).

Figura 3.15 – Desenho de Miranha (à esquerda) e Juri (a direita)



Fonte: Spix, Martius, 1940

As informações sobre o destino dos dois indígenas no diário de Spix e Martius são bastante vagas. Todavia, outros pesquisadores que obtiveram acesso a outros documentos, como diários, artigos de jornal e cartas detalham melhor o ocorrido, como texto de Maria de Fátima Costa (2019), o intitulado “Os ‘meninos índios’ que Spix e Martius levaram a Munique”. Nele, a autora adiciona à narrativa que parte do acervo da dupla foi enviado à Baviera ainda no decorrer da viagem, porém, a coleção mais valiosa, foi levada na sua viagem de volta. Nesse conjunto estavam as coleções de peças vivas, como plantas, animais e quatro índios: três Miranha e o jovem Juri, que, no entanto, apenas dois sobreviveram à viagem.

Maria Leônia Resende e Klaus Schönitzer (2018), em artigo intitulado “Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius”, concluem que os escritos de Martius acerca da forma como as crianças foram adquiridas está repleta de contradições. Inicialmente Martius afirmou que havia comprado Miranha e Juri como “escravos”; depois, ele se retratou, informando que foi um ato humanitário para salvá-los da escravidão, e compararam três relatos diferentes de Martius entre 1831 e 1832, encontrando diversas inconsistências em seus escritos, que atribuem como um certo conflito moral. Quando idoso, Martius sugere que o que fez foi inaceitável, percebeu a sua negligência, quando se deparou com o sofrimento das crianças, porém levou muitos anos até que pudesse analisar seus atos com alguma isenção, como escreveu em seu diário em 1862:

Eu aponte para o belo rapaz Juri, o capataz o retirou da fila e o pai do menino não o acompanhou; ao invés disso, seguiu-me com um olhar fixo: era uma pergunta ou era raiva? Eu não me esqueci desse olhar. Quando o menino morreu em Munique em decorrência de uma pneumonia, um ano depois, isso pesou muito sobre mim. Não corro mais o risco de endurecer a mente e aprendi com isso com o amor e adoração que ele tinha para com toda a natureza humana. Por meio de um ato maligno, me tornei humanitário. (Martius, 1862²², apud Resende, Schönitzer, 2018, p. 2013).

Para Resende e Schönitzer (2018 p. 203), de acordo com uma carta escrita pela rainha Caroline, logo após o retorno de Spix e Martius a Munique, remetida à sua mãe sobre as duas crianças, Juri foi comprado. No entanto, Martius nunca mencionou em suas publicações essa compra.

Em carta a Dom José, Bispo do Pará (1846), Martius alegou que tinha a intenção de educá-los e enviá-los de volta a sua pátria, porém seu plano foi frustrado pela morte de ambos em Munique, e ainda cita outras duas crianças que morreram ainda na viagem de navio. Tenta justificar sua atitude como paternal, considerando ser o único meio de tirá-los do seu estado de miséria através doutrina cristã (Resende, Schönitzer, 2018, p.200).

Maria de Fátima Costa (2019, p. 6) menciona um relatório enviado por Spix e Martius de Lisboa ao rei Maximiliano José I, em que informaram que os indígenas foram “coletados” no Porto dos Miranhas (Amazônia). Na ocasião Spix não estava presente, pois realizava outro trajeto, e coube a Martius na companhia do comerciante italiano Francisco Ricardo Zany, que costumava ir àquele porto para comprar indígenas e realizar as negociações com o chefe Tuxana Miranha, que promovia guerras contra outras etnias e grupos dos próprios Miranha, para converter os indígenas vencidos em mercadoria. Em um segundo relatório, Martius informa que o Tuxana se ofereceu para capturar adultos para Zany e crianças para os naturalistas (Costa, 2019, p. 6-7). Esse relato contraria a escrita do diário em que Martius menciona causas humanitárias para “aceitar” as crianças e desconhecimento da “caçada” de Tuxana. Há ainda uma terceira versão escrita em um retrato de Isabela (Miranha), no qual está escrito “*Isabella da tribo dos Miranha. Recebida do Sr. Man[oe]l Joaq[ui]m do Paço, governador do Rio Negro. † Munique, outubro 1822 (MARTIUS, s/d. Ms. BSB Martiusiana, cod. I.A.1.7.)*”. (Costa, 2019, p. 8).

²² Martius, C. F. Ph. Von 1862: Tagebuch (diário, manuscrito), BSB, Martiusiana, II.A.3.4

Analisando os jornais de Munique da época, Maria de Fátima Costa (2019) menciona histórias fantasiosas sobre as crianças, sendo a mais absurda a de que “o menino sente a maior rejeição contra a menina, porque ela pertence a uma tribo de selvagens que **matou e comeu seu pai**” (*Münchner Politische Zeitung*, 22.12. 1820, p. 70; grifo da autora)” (Costa, 2019, p. 11).

Juri e Miranha eram inimigos étnicos, não falavam a mesma língua, e certamente havia hostilidade e mútua repulsa, mas eram “as peças mais vistosas das coleções que Spix e Martius entregaram ao rei” (Costa, 2019, p. 11). Elas atraíam visitantes, e sua morte foi sentida, pois, “afinal se perdiam as peças vivas de gabinete, a testemunha viva da viagem” (Costa, 2019, p. 14).

No diário a informação da morte de Juri e Miranha em Munique é muito sucinta:

Agregou-se ali à guarnição um jovem juri, da horda comá-tapua, que nos acompanhou até Munique; infelizmente, porém, tanto ele como a jovem miranha, sua companheira, morreram, não suportando a mudança de clima e as outras circunstâncias exteriores. (Spix, Martius, 2017v. 3, p. 362).

Toda essa violência física e psicológica, de serem tirados de seu lar, do convívio de seus pares, de não poderem se comunicar em seu idioma materno, de terem que aceitar uma educação formal e religiosa imposta, não é estranho que os tenha levado ao adoecimento físico, e, certamente, também mental. Como Maria de Fátima Costa bem coloca, “eram, em realidade, uma Miranha e um Juri em completa solidão” (2019 p. 14), pois não eram uma dupla em parceria como Spix e Martius.

3.2.3 Wied-Neuwied, e o menino guia

Nos diários de Wied-Neuwied não há menção de como conheceu Nuguäck, o jovem “botocudo” que viveu em seu castelo na Europa (1818-1834). Em carta (15 out. 1861) ao diretor do Museu Anatômico de Bonn, Franz Hermann Troschel (1810-1882), Wied-Neuwied escreve que Nuguäck era um dos vinte “botocudos” que foram levados ao Rio de Janeiro “como curiosidades” e estavam retornando às suas aldeias escoltados por Cunha que os oferecia a amigos. Um destes amigos foi Moreira de Pinha, um professor de latim em Porto Seguro, que ficou com dois meninos e os pretendia enviar a Portugal. O príncipe “trocou” o menino com Pinha em 1816, comprando um cavalo e uma arma e doando um “bom telescópio” (Feest, 2025).

De acordo com o obituário, Nuguäck, guia e coletor de Wied-Neuwied no Brasil e criado na Alemanha, faleceu por volta de 34 anos em 1834, o que indica que ainda era um adolescente quando conheceu o príncipe em 1816. Não retornou com Maximilian, mas, seis meses depois, junto com Georg Freyer, o caçador taxidermista, que organizou as coleções, e um jovem afrodescendente, que faleceu em 1820 em Neuwied.

Figura 3.16 - "Quäck, o Botocudo.", desenho anônimo, ca. 1818



Fonte: Brasilienbibliothek der Robert-Bosch- Stiftung, Stuttgart, apud Feest, 2025

Na Alemanha, os moradores de Neuwied queriam conhecer o “homem da natureza”, da “tribo mais selvagem e formidável”, o “doméstico pessoal” do príncipe, assisti-lo disparar seu arco e flechas e ouvi-lo cantar suas canções (Feest, 2025). Estas performances indicam uma certa forma de zoológico humano, ainda que o príncipe não cobrasse ingresso, as pessoas pagavam ao indígena pelas suas apresentações.

Nuguäck sentia saudades da floresta, faleceu vítima de alcoolismo ainda jovem. Contraiu pneumonia diversas vezes, por adormecer na neve em estado de embriaguez, o que indica que também sofria de solidão, como os meninos de Spix e Martius.

Langsdorff, Spix e Martius e Wied-Neuwied compraram crianças indígenas, as exibiram, não para obter vantagens financeiras, mas para conquistar visibilidade

científica, por possuir um “objeto” de exposição exótico. Freyreiss, por sua vez, tinha como guia um menino Coropó, que o acompanhava em suas explorações e, além deste, ainda comprou um menino Puri, fato relatado por Wied-Neuwied (1989, p. 112-3). Também Eschwege criava uma criança indígena, e isso não foi exclusivo dos alemães, Pohl, tcheco, foi guiado pelo indígena Vicente; Saint-Hillaire, francês foi acompanhado pelo indígena Firmiano.

Para Erik Petschelies (2023), essa violência física, psíquica e simbólica perpetrada pelos pesquisadores vinculados a museus europeus em contextos coloniais, ainda que possa ser atenuada em face do contexto político e social brasileiro, foi produzida e reproduzida, em várias situações de coleta de material etnográfico e antropológico, e os Kaingang e os Botocudo foram os principais alvos da ciência positivista e desumana que emergia no século XIX.

Numa perspectiva mais conciliatória, Maria Cavalcante Vieira (2019) reflete que as relações entre ciência e espetáculo popular revelam distintos contextos de relações de troca e “enriquecimento” mútuo entre sociedades científicas antropológicas, museus e zoológicos humanos. Acredita que se não houvesse os zoológicos humanos, a trajetória da antropologia como disciplina e dos museus etnográficos que serviram como campo de pesquisa e como fonte para a formação de coleções etnográficas, teria sido diferente. Para a autora, trata-se de um processo de mão-dupla, em que os zoológicos humanos ajudaram a formar a ciência antropológica, por meio da popularização do exotismo antropológico.

4 A FORMAÇÃO DOS MUSEUS DO SÉCULO XIX E A COLETA DE CRÂNIOS

Este capítulo realiza uma análise descritiva dos dez museus que supostamente conservam as coletas dos dez naturalistas que coletaram crânios, a partir do levantamento de informações no site oficial do museu, verificando se é possível encontrar o crânio coletado na pesquisa do acervo, se a instituição informa quem e como coletou, e se informa como trata a questão da restituição.

4.1 A EMERGÊNCIA DOS MUSEUS CIENTÍFICOS E A CATALOGAÇÃO DO MUNDO

A origem dos museus científicos no século XIX foi um acontecimento processual, associado ao fenômeno social prévio do colecionismo dos gabinetes renascentistas, fornecendo as bases para a consolidação de diferentes arranjos institucionais que se multiplicaram pelo mundo no século, como é o caso do Museu Real (Museu Nacional). Estes arranjos configuraram aspectos básicos que se mantêm nos museus da atualidade, os quais *“foram os responsáveis por essa mobilização geral do mundo, que está na base do processo intrincado que forjou as Ciências Naturais”* (Lopes, 1997, p. 14).

A partir do século XIV, com o incremento das viagens para a exploração de locais desconhecidos, permitiu um processo de acumulação de objetos exóticos dos gabinetes dos reis. Viajantes traziam amostras do “novo”, do estranho, do exótico, do “outro”, que consistiam em mostruários. Quando essas amostras passaram a ser classificadas, foram sendo diferenciadas em coleções, jardins, herbários e zoológicos, fazendo com que, por volta do século XVII, a atividade de pesquisar a história natural científica começasse a se estabelecer, se consolidando no século XIX.

Nesse processo, as invenções foram fundamentais para aumentar a mobilidade, estabilidade e categorização daquilo que era coletado. Também se tornou necessário instruir os coletores ao redor do mundo sobre como coletar, por exemplo, como caçar e alfinetar insetos, empalhar animais, herborizar plantas, etiquetar espécimes e retratar árvores e animais que não podiam ser transportados (Lopes, 1997).

Assim, a proliferação de objetos coletados, colecionados, catalogados, classificados, foi incentivando a criação dos museus de História Natural na Europa a

partir do século XVIII, que, de acordo com Maria Margaret Lopes (1997), está relacionada à constituição das ciências naturais como ciência moderna emergente. O *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris, fundado em 1780, foi o ponto focal:

“para a compreensão do desenvolvimento das ciências biológicas no século XIX na França; e que os museus de História Natural como um todo oferecem um útil meio para o estudo da essência e da política das ciências naturais do século XIX” (Lopes, 1997, p. 15).

Esses museus de ciências naturais oitocentistas, de acordo com Ulpiano de Meneses (1994) que promoviam essa articulação mais estreita entre museu e produção de conhecimento, em que as exposições dispunham os objetos hierarquicamente de acordo com os objetivos classificatórios como forma de conhecimento.

Para abastecer esses grandiosos museus eram necessárias coletas intensas, buscando amostras do mundo da natureza de todas as espécies de cada parte do planeta, sendo as colônias, os principais provedores desses “produtos”. Mesmo coletores especializados, como o zoólogo Spix e o botânico Martius, foram incumbidos de coletar além de animais e plantas, artefatos indígenas, minerais, amostras de solo e crânios.

Nos museus de História Natural do século XIX, “*responsáveis pela catalogação do mundo*” (Lopes, 1997, p. 355), cada coleta era classificada de acordo com seu formato e função, descontextualizada de sua origem, enfileirada em espécies “semelhantes” dos diferentes lugares do mundo, inclusive os objetos culturais indígenas, que foram se acumulando nesses museus.

Regina Abreu (2008) enfatiza como o movimento iluminista e universalista da ciência e as novas formas de governo instituídas partir da Revolução Francesa produziram um modelo de museu que perdura até os dias atuais. Trata-se de uma instituição em que pesquisadores além de produzir conhecimento, praticam o colecionamento. Além disso, divulgam o conhecimento que produzem e exibem suas coleções para um público amplo, adquirindo características pedagógicas e de formação científica. Assim, os museus colaboram nos processos civilizatórios em diversos contextos nacionais.

Nessa lógica, frequentar museus passou a ser entendido como um ritual relevante para o letramento cultural dos diferentes segmentos de população, onde tomam ciência novos conhecimentos que estão sendo produzidos pelos especialistas

das diferentes áreas, funcionando como difusor do conhecimento científico, que eram intensamente produzidos no século XIX.

Conforme o interesse em pesquisar as culturas exóticas aumentava, de dentro destes museus surgiu a antropologia como uma ciência inicialmente vinculada às ciências naturais, apropriando-se do conceito de evolucionismo de Darwin, para classificar as pessoas de diferentes culturas, como mais ou menos civilizadas, de acordo com a visão positivista de ciência, todavia eurocêntrica e colonialista. Desta perspectiva, os museus passaram a “coleccionar culturas”, que, como menciona James Clifford (1994), não seria a única maneira de colecionismo, mas:

realça os modos como os diversos fatos e experiências são selecionados, retirados de suas ocorrências temporais originais, e como eles recebem um valor duradouro num novo arranjo. Coletar – pelo menos no ocidente, onde geralmente se pensa o tempo como linear e irreversível – pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis. A coleção contém o que “merece” ser guardado, lembrado e entesourado. Os artefatos e costumes são protegidos do tempo. Tipicamente, os colecionadores da cultura antropológica reuniram o que parece “tradicional” – que por definição se opõe à modernidade. De uma realidade histórica complexa (que inclui os encontros etnográficos em curso) eles selecionam aquilo que dá forma, estrutura e continuidade a um mundo. O que é híbrido ou “histórico” num sentido emergente foi coletado de forma menos comum e apresentado como um sistema de autenticidade. (Clifford, 1994. p. 79).

Trata-se de um processo de seleção meritocrática de acordo com critérios ocidentais, baseados na regra do “eu” e não considerando a subjetividade do “outro”, sendo, uma provável forma de “ajuntamento”:

... em torno de eu e do grupo – a reunião de um “mundo” material, a demarcação de um domínio subjetivo que não seja o “outro” – seja universal. Todas essas coleções incluem hierarquias de valor, exclusões e territórios governados por regras do eu. Mas a noção de que essa reunião envolve a acumulação de posses, a ideia de que a identidade é uma espécie de riqueza (de objetos, conhecimento, memórias, experiência), por certo não é universal ... No ocidente, entretanto, colecionar tem sido há muito uma estratégia para a distribuição de um eu, uma cultura e uma autenticidade possessivos. (Clifford, 1994. p. 71).

Para Glenn Penny (2002), a expansão colonial acelerou o próprio ato de ir “ao campo”, proporcionando as estruturas e condições básicas para as experiências dos antropólogos. No entanto, não se trata de um “colonialismo” uniforme, uma vez que diferentes modos de antropologia se consolidaram e coexistiram em diferentes contextos coloniais. Também as atitudes dos antropólogos em relação aos povos indígenas variaram significativamente quando praticavam antropologia em uma

colônia dependente de mão de obra indígena, ou com escravizados negros, ou em territórios controlados por outros Estados.

Ulpiano de Meneses (1994) destaca que os museus históricos e antropológicos não apresentam uma exibição neutra ou literal de artefatos, mas pressupõe “*uma concepção de sociedade, de cultura, de dinâmica cultural, de tempo, de espaço, de agentes sociais*” (Meneses, 1994, p. 25). Para o autor, a taxonomia, que sistematiza os museus arqueológicos em três idades (pedra lascada, polida e metais) em um esquema evolucionista, justificaria ‘sequências e estágios’, que perdura até os dias de hoje, de forma explícita ou sub-repticiamente, organizando a maior parte das exposições arqueológicas e antropológicas.

Bruno Brulon (2016), em artigo intitulado “Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir”, afirma que além da classificação realizada pelos museus tradicionais na Europa, que estabeleciam uma padronização para quase todo o mundo, havia ainda um agrupamento de acordo com a vinculação a uma disciplina científica. Assim, um objeto, ao ingressar na cadeia museológica, estava afiliado a uma ou outra corrente disciplinar, uma “*conexão visceral do objeto à disciplina responsável por sua coleta, interpretação e documentação*” (Brulon, 2016, p. 108).

Do mesmo modo, os diretores de museus alemães, assim como seus colegas da Europa e dos Estados Unidos, recrutavam quem pudessem para comporem seus museus, competindo agressivamente entre si para serem os primeiros a contatarem “novos” povos e a adquirirem (ou, como eles defendiam “salvar”) o máximo de exemplares de cultura material não-europeu possível antes que tudo desaparecesse. Essa “corrida”, favoreceu a contratação de uma gama de coletores diferentes, impulsionando o desenvolvimento da etnologia da segunda metade do século XIX, e facilitando o estabelecimento de museus etnográficos nas décadas de 1860 e 1870 (Penny, 2002).

Os Museus antropológicos inicialmente se voltaram para pesquisar a “evolução” das populações humanas, por meio da coleta de objetos os mais diversificados possíveis de todos os continentes, que permitiriam o desenvolvimento das teorias antropológicas, com interesse voltado às culturas além Europa, buscando coletar objetos de sociedades não-conhecidas. Assim, museus como o Pitt Rivers (1884), em Oxford na Inglaterra, Museu de Arqueologia e Etnologia Peabody da Universidade de Harvard (1866), nos Estados Unidos e Museu Etnológico de Berlim (1873), na Alemanha, foram organizados a partir de classificações tipológicas dos

objetos materiais de cada cultura, dispondo objetos de sociedades "primitivas" nas exposições, da mesma forma como se expunham espécimes de história natural.

No entanto, é preciso considerar que o campo da etnologia na Alemanha tem suas peculiaridades conceituais, como bem esclarece Erik Petschelies (2025). Segundo Petschelies, os pesquisadores alemães da virada do século XIX ao XX praticavam a *Völkerkunde* quando tratavam de cultura, religião, mitologia, organização social e linguagem, que consiste em ciência dedicada ao estudo dos povos. Assim:

aquilo que o pesquisador brasileiro denomina atualmente de antropologia e o norte-americano de ethnology ou cultural anthropology o intelectual alemão do século passado designava *Völkerkunde*, e seus profissionais, *Völkerkundler*. (Petschelies (2025, p. 49-50).

Havia na Alemanha duas ciências dedicadas ao estudo dos humanos: a *Ethnologie* e a *Anthropologie*, ambos dedicados ao estudo biológico dos humanos. O principal expoente da *Ethnologie* foi Adolf Bastian (1826-1905), fundador do museu Museu Imperial de Etnologia em Berlim (*Königliches Museum für Völkerkunde*) e criador da etnologia moderna na Alemanha. Já o maior especialista da *Anthropologie* foi Rudolf Virchow (1821-1902). Cada campo possuía seus grupos de especialistas, “*com métodos, problemas teóricos e epistemológicos próprios, técnicas distintas e expertises diferentes*” (Petschelies, 2025, p. 52).

A coleta de crânios pertencia, portanto, à *Anthropologie*, que corresponde à antropologia biológica no Brasil, que no século XIX estava voltada aos estudos craniológicos. Estas coletas de crânios estavam voltadas a justificar a superioridade racial branca e os museus antropológicos também desempenharam importante papel na propagação do racismo “científico”, pela ampla utilização de argumentos evolucionistas para classificar as espécies, identificar atrasos e justificar cientificamente as diferenças entre os seres humanos. As amostras de crânios constituíam um dado científico e comparativo para os museus, que, como no Brasil, foram transformadas em fala oficial nos institutos históricos de finais do século do século XIX (Schwarcz, 1993).

Há ainda, os museus anatomopatológicos, uma outra modalidade de museu que coletava e ainda coleta somente remanescentes humanos. Esses museus também seguiram a mesma lógica de surgimento dos museus de história natural, vinculada aos exórdios dos gabinetes de curiosidades do século XV. No entanto, na virada do século XIX, esses museus começaram a se diferenciar de acordo com seus

respectivos programas de pesquisa, desde os de anatomia comparada, de patologia, forense, entre outros (Closs et al, 2023). Na lista de museus que abrigam crânios brasileiros há três que se enquadram nessa categoria.

4.2 MUSEUS COM CRÂNIOS COLETADOS PELOS NATURALISTAS ALEMÃES NO BRASIL NO SÉCULO XIX

É complexo localizar crânios coletados no século XIX na atualidade. Vários museus alteraram seus nomes, redistribuíram suas coleções transferindo para outros museus que foram sendo criados. Outra limitação é a falta de informações disponibilizadas nos sites institucionais dos museus, pois quando consultados apresentam pouca informação acerca de suas coleções e quando essa informação é detalhada, não aparece dos crânios humanos, informando um e-mail para solicitar informações.

O Quadro 4.1 apresenta os dez museus que guardam ou guardaram os crânios coletados pelos naturalistas alemães do século XIX no Brasil, a partir da pesquisa em seus sites institucionais, onde se observa que dois museus não se situam na Alemanha, mas um deles está localizado no Brasil (Museu Paulista, atual Museu do Ipiranga) e o outro está em Estocolmo na Suécia (Naturhistoriska Riksmuseet).

Quadro 4.1 - Museus que abrigam crânios coletados pelos naturalistas alemães no Brasil no século XIX: criação e localização

Museu	Tradução	Criação	Localização	Nomes anteriores
Ethnologisches Museum (EM)	Museu Etnológico	1873	Berlim, Alemanha	Não alterou
Ibero-Amerikanische Institut (IAI)	Instituto Ibero-Americano	1930	Berlim, Alemanha	Não alterou
Blumenbachsche Schädelammlung der Georg-August-Universität Göttingen	Coleção de Crânios Blumenbach da Universidade de Göttingen	1773	Göttingen, Alemanha	Universidade de Göttingen
Naturhistoriska Riksmuseet (NR)	Museu Nacional de História Natural	1819	Estocolmo, Suécia	Museu da Academia Real das Ciências da Suécia
Institute der Charité – Universitätsmedizin Berlin (Charité)	Instituto Charite - Universidade de Medicina de Berlim	1710	Berlim, Alemanha	Setor de Anatomia Comparada da Faculdade de Medicina de Berlim
Museu do Ipiranga	O mesmo	1895/1941	São Paulo, Brasil	Museu do Estado, Museu Paulista, (1895-1939)
Museum Fünf Kontinente (MFK)/ Naturalienkabinett der Bayerischen Akademie der Wissenschaften	Museu dos Cinco Continentes / Coleção de História Natural da Real Academia de Ciências da Baviera	1807/2014	Munique, Alemanha	Coleção Etnográfica Real (1862–1912); Museu Etnográfico Real (1912–1917); Museu de Etnologia (1917–1954); Museu Estadual de Etnologia (1954–2014)
Senckenberg Naturhistorische Sammlungen (SNS)	Coleções de História Natural de Senckenberg	1728	Dresden, Alemanha	Coleção de Crânios do Museu da Sociedade de História Natural Senckenberg
Anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg (UFR)	Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg	1857	Freiburg, Alemanha	Coleção Alexander Ecker
Anthropologische Sammlung des Anatomischen Museums der Universität Bonn	Coleção Antropológica do Museu Anatômico da Universidade de Bonn	1818	Bonn, Alemanha	Não alterou

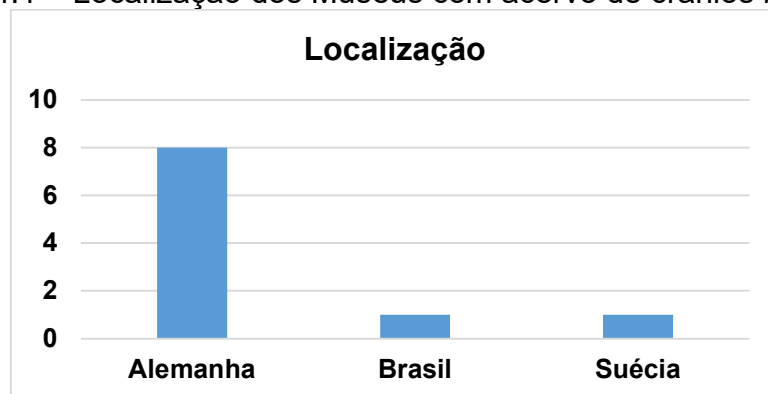
Fonte: elaborado por Mascarenhas, 2025

Dos dez museus listados (Gráfico 4.1), oito se encontram na Alemanha (Museu Etnológico, Coleção de Crânios Blumenbach da Universidade de Göttingen, Instituto Charite - Universidade de Medicina de Berlim, Museu dos Cinco Continentes, Coleções de História Natural de Senckenberg, Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg, Coleção Antropológica do Museu Anatômico da Universidade de Bonn.

Desses oito museus localizados na atual Alemanha, três estão situados em Berlim (Museu Etnológico, Instituto Ibero-Americano, Instituto Charite - Universidade de Medicina de Berlim), um em Munique (Coleção de História Natural da Real Academia de Ciências da Baviera), um em Göttingen (Coleção de Crânios

Blumenbach), um em Freiburg (Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg), um em Bonn (Museu Anatômico da Universidade de Bonn) e um em Dresden (Coleções de História Natural de Senckenberg).

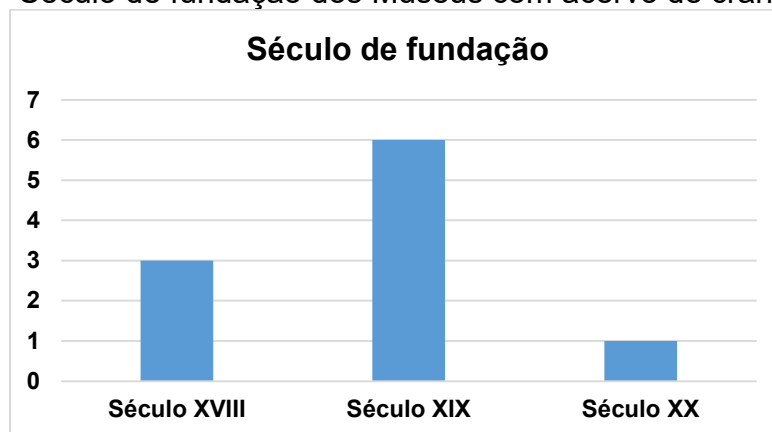
Gráfico 4.1 – Localização dos Museus com acervo de crânios brasileiros



Fonte: elaborado por Mascarenhas, 2025

Para analisar o século de fundação dos museus (Gráfico 4.2), foi utilizado o critério do nome mais antigo da instituição, sendo que há crânios que foram transferidos para outras instituições. Assim, três museus foram criados ainda no século XVIII (Coleção de Crânios Blumenbach, Instituto Charite, Museu Nacional de História Natural), seis foram fundados no século XIX (Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg, Museu Nacional de História Natural – Suécia, Museu Paulista, Coleção de História Natural da Real Academia de Ciências da Baviera, Museu Etnológico – Berlim, Museu Anatômico da Universidade de Bonn) e um no século XX (Instituto Ibero-Americano – Berlim).

Gráfico 4.2 – Século de fundação dos Museus com acervo de crânios brasileiros



Fonte: elaborado por Mascarenhas, 2025

O Quadro 4.2 detalha as informações que são possíveis coletar nos sites institucionais dos dez museus, em que se nota que as informações acerca da busca do crânio e de seu coletor não encontra resultado para nenhum crânio e somente uma instituição, Coleção de Crânios Blumenbach da Universidade de Göttingen, informa o naturalista coletor (Wied-Neuwied).

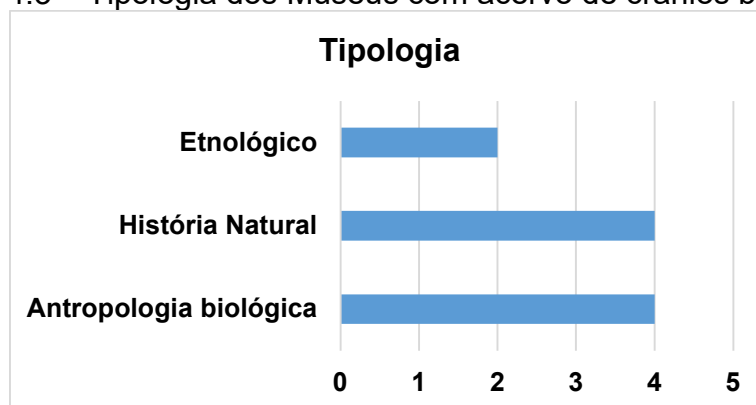
Quadro 4.2 - Museus que abrigam crânios coletados pelos naturalistas alemães no Brasil no século XIX: Tipologia e acervo

Museu	Tipologia	Acervo	Crânios	Busca crânio
Ethnologisches Museum (EM)	Etnológico	500.000	n/c	Não
Ibero-Amerikanische Institut (IAI)	Etnológico	930.000	Não	Não
Blumenbachsche Schädelammlung der Georg-August-Universität Göttingen	Antropologia biológica	18.000	840	Não
Naturhistoriska riksmuseet (NR)	História Natural	11.000.000	n/c	Não
Institute der Charité – Universitätsmedizin Berlin	Antropologia biológica	n/c	n/c	Não
Museu do Ipiranga	Antropologia biológica	11.007.207	n/c	Não
Museum Fünf Kontinente / Naturalienkabinett der Bayerischen Akademie der Wissenschaften	História Natural / Etnológico	125.000	n/c	Não
Senckenberg Naturhistorische Sammlungen	História Natural	n/c	n/c	Não
Anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg	Antropologia biológica	n/c	1350	Não
Anthropologische Sammlung des Anatomischen Museums der Universität Bonn	Antropologia biológica	n/c	n/c	Não

Fonte: elaborado por Mascarenhas, 2025

Quanto à tipologia (Gráfico 4.3), utilizando como critério o período da coleta, quatro são museus de antropologia biológica (Coleção de Crânios Blumenbach, Instituto Charite, Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg, Museu Anatômico da Universidade de Bonn), quatro são de História Natural (Coleções de História Natural de Senckenberg, Museu Nacional de História Natural – Suécia, Museu Paulista, Coleção de História Natural da Real Academia de Ciências da Baviera) e dois são de cunho Etnológico (Museu Etnológico de Berlim, Instituto Ibero-Americano).

Gráfico 4.3 – Tipologia dos Museus com acervo de crânios brasileiros



Fonte: elaborado por Mascarenhas, 2025

Em relação à quantificação do acervo, dois museus possuem mais de 11 milhões de objetos, notadamente os não alemães, o sueco Museu Nacional de História Natural e o brasileiro Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo que incorporou o acervo zoológico do Museu Paulista, conforme pode ser observado na Tabela 4.1.

Tabela 4.1- Acervo dos Museus que possuem crânios brasileiros

Museu	Acervo (aproximado)
Museu Paulista (antes da reestruturação)	11.000.000
Museu Nacional de História Natural	11.000.000
Instituto Ibero-Americano	930.000
Museu Etnológico	500.000
Museu dos Cinco Continentes	125.000
Museu da Universidade de Göttingen	18.000
Instituto Charité - Universidade de Medicina de Berlim	não informado
Coleções de História Natural de Senckenberg	não informado
Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg	não informado
Coleção Antropológica do Museu Anatômico da Universidade de Bonn	não informado

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025)

Quatro Museus não informam o total de suas coleções:

- Instituto Charité - Universidade de Medicina de Berlim, conserva dois crânios coroados coletados por Hensel (Pires, 1987);
- Coleções de História Natural de Senckenberg, três “Botocudos”, um homem, uma mulher coletador por Freyreiss (Schaaffhausen, 1880);
- Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg, o menino “botocudo” que vivia na casa de Langsdorff (Ecker, 1880);

- Coleção Antropológica do Museu Anatômico da Universidade de Bonn, conservava Nuquäck, que foi restituído ao Jequitinhonha em 2011 (Feest, 2025).

O Museu Paulista, quando dirigido por Ihering, era um museu de ciências naturais, voltado à zoologia. Com a saída do naturalista alemão, o Museu passou a ser histórico e o acervo de zoologia foi incorporado ao Museu de Zoologia, 11 milhões de objetos (MZ, 2025). Já o acervo de etnologia foi incorporado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), em 1989, que possui aproximadamente 1.500.000 de objetos²³ (MAE, 2025a). Hoje, o Museu do Ipiranga possui um acervo com aproximadamente 450 mil itens (Museu do Ipiranga, 2025).

O Museu Etnológico de Berlim (500.000 objetos) deve ser o museu que conserva os crânios coletados por Ehrreich, porém sem referências que possam comprovar sua localização. O Instituto Ibero-Americano não guarda crânios, mas os diários de Ehrenreich que nunca foram publicados.

No Caso do Museu dos Cinco Continentes (125.000 objetos) é o único que se tem certeza de que conserva dois dos remanescentes humanos coletados no Brasil (duas cabeças-troféu munduruku) coletados por Spix e Martius. Os dois crânios, um de povos coroados e outro de povos não especificados, podem estar conservados na Coleção Zoológica Estatal de Munique (22 milhões) ou no Instituto Anatômico da Universidade Maximilian Ludwig de Munique²⁴ (2.000 peças).

O Museu Nacional de História Natural (11 milhões de objetos), da Suécia, conserva o crânio de um indígena “botocudo” coletado por Freyreiss (Wied-Neuwied, 1989).

E o Museu da Universidade de Göttingen (18.000), que abriga a Coleção de Crânios Blumenbach (840), conservando sete crânios coletados no Brasil (três de Eschwege, três de Tolsner, um de Wied Neuwied) (Spengel, 1874).

Para fins de comparação, a Coleção de Blumenbach abriga 840 crânios, 237 originais do professor, todavia modesta se comparada à coleção do norte-americano

²³ O acervo do MAE inclui objetos arqueológicos e etnográficos produzidos em diferentes continentes e em épocas diversas, desde a Paleolítica até a produção recente de artefatos dos povos indígenas do Brasil. Sua origem provém das antigas coleções dos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia, do Instituto de Pré-História, do Departamento de Antropologia da USP e das pesquisas atualmente realizadas por professores e alunos (MAE, 2025a).

²⁴ Anatomische Anstalt der Ludwig-Maximilians-Universität München

Samuel George Morton (1799-1851), que coletou até sua morte 867 crânios, a qual foi ampliada em 1225 remanescentes humanos, de acordo com Ann Fabian (2010).

Em seu livro “Coletores de crânios: Raça, ciência e americanos mortos não enterrados”²⁵, Ann Fabian (2010) relata que o naturalista norte-americano Samuel Morton coletou seus 867 crânios, influenciado pelas ideias de Blumenbach. O naturalista envernizava os crânios com alto polimento, tatuava um algarismo romano e anexava a cada um uma pequena etiqueta explicativa. Após sua morte, James Meigs, amigo e membro da Academia de Ciências Naturais da Filadélfia, continuou a coletar para sua coleção que, em 1872, contava com 1.225 “objetos”, provavelmente constituindo a maior coleção de crânios do mundo. Morton classificava os crânios em grupos raciais de acordo com o volume e realizava mais de doze diferentes medições para comparar grupos geograficamente circunscritos.

O naturalista considerava a raça caucasiana superior, sendo um expoente relevante do racismo científico. Doados após sua morte para a Academia de Ciências Naturais da Filadélfia, foram incorporados ao Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pensilvânia na década de 1960.

Paul Mitchell e John Michael (2019) analisaram os documentos pessoais de Morton, e verificaram que o pesquisador deliberadamente selecionava quais evidências e como as apresentava. Morton abstinha-se de declarações políticas explícitas que poderiam comprometer a aparente objetividade de suas alegações, e ocultava a procedência de seus “espécimes”. Trata-se de um legado do racismo científico que perpetua preconceitos passados e repercute no discurso científico contemporâneo, uma vez que o racismo científico foi uma importante instância ideológica para justificar o tráfico de escravizados do atlântico, o colonialismo e o longo legado de discriminação racial nos Estados Unidos.

Recentemente, em 19 de junho de 2025, foi inaugurada uma placa memorial permanente na Universidade da Pensilvânia em homenagem aos indivíduos cujos restos mortais foram coletados de forma antiética como parte da Coleção Samuel G. Morton. Em 2020, o Museu criou um Comitê da Coleção Morton para organizar as solicitações informadas pela NAGPRA (Native American Graves Protection and

²⁵ The Skull Collectors: Race, Science, and America's Unburied Dead

Repatriation Act²⁶), para realizar a repatriação ou o novo enterro dos crânios de indivíduos escravizados pertencentes a esta Coleção. (PENNMUSEUM, 2025).

É importante destacar que o Código de Ética do ICOM (*International Council of Museums*) está em processo de revisão, e entre os pontos principais da revisão estão os que tratam do cuidado com remanescentes humanos, discutindo sua repatriação e retirada de exposições, bem como questões de procedência. Neste sentido, orienta os museus a revisarem a documentação dos objetos que conservam e ainda realizarem aquisições cuidadosas, evitando obtenções ilícitas (ICOM, 2025).

Marta Amoroso (2006) analisa a forma como as populações indígenas foram apresentadas em exposições nacionais e universais do séc. XIX no Brasil, na Europa e Estados Unidos, e conclui que a documentação é escassa, restrito à poucos arquivos. Contudo, relata que ossadas eram expostas com regularidade em mostras, aproveitando-se que havia frequentes epidemias que exterminavam aldeamentos indígenas do Império. A autora exemplifica o contexto com a Exposição Antropológica do Museu Nacional de 1882, ocasião em que foi exposto um crânio kaiowá, que continha uma nota de autoria missionário capuchinho frei Timotheo de Castelnovo, referindo a uma epidemia de varíola em 1877 que ceifou centenas de indígenas.

Sobre essa mesma exposição de 1882, Michele Agostinho (2019), foca na exposição da Sala Lund, em cujo texto analisa as práticas de colecionamento dos noventa e três indivíduos expostos nesse espaço, de diferentes tempos e lugares. Destaca, no entanto, que não encontrou registro imagético dessa sala, ao contrário das demais salas da Exposição fotografadas por Marc Ferrez e conservadas na Biblioteca Nacional.

Essa falta de informações acerca dos crânios pude constatar quando solicitei pesquisa, via formulário para o Museu Nacional através da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), quanto à proveniência de renascentes humanos que se tornaram acervo do Museu no século XIX sob a guarda do Setor de Antropologia Biológica (SAB). Eu obtive retorno pelo e-mail sab@mn.ufrj.br, informando que os Livros de Tombo das coleções do Museu foram iniciados em 1906. Registros anteriores não apresentam padronização de informações e, em muitos casos, não possuem informação de data de coleta, entrada e/ou proveniência (AB, 2025).

²⁶ Lei de Proteção e Repatriação de Túmulos de Nativos Americanos

Antes do incêndio de 2018, a equipe do setor estava trabalhando em projetos de contextualização dos remanescentes de forma a suprir da melhor forma possível essas lacunas, sendo que várias informações coletadas se encontram ainda pendentes para revisão e complementação para que pudessem ser acessíveis ao público. No entanto, parte significativa das fontes primárias do arquivo de memória institucional e do arquivo do setor foram atingidas pelo incêndio e o Livro Tombo de 1906 foi perdido (AB, 2025).

Parece haver um apagamento dos remanescentes humanos e sua ocultação nos reservas técnicos dos museus, tanto etnológicos, quanto de história natural e mesmo de antropologia biológica. A seguir realizo o detalhamento dos museus que abrigam remanescentes humanos, incluindo crânios, com dados extraídos dos sites institucionais de cada instituição.

Os dados encontrados no site institucional dos dez museus que foram listados como prováveis “receptadores” de crânios, são detalhados a seguir.

4.2.1 *Ethnologisches Museum* (EM) Berlin / Museu de Etnologia de Berlim

De acordo com seu site institucional, o Museu Etnológico (EM) foi criado a partir das coleções dos gabinetes reais de arte e, desde sua fundação em 1873 em Berlim, tornou-se uma das maiores e mais significativas coleções do gênero no mundo todo, compreendendo aproximadamente 500.000 objetos etnográficos, arqueológicos e histórico-culturais da África, Ásia, América e Oceania, complementados por cerca de 500.000 suportes (fotografias etnológicas, filmes, gravações de áudio) e cerca de 200.000 páginas de documentos. (EM, 2025).

A coleção iniciou em 1794, como "Gabinete Real de Antiguidades, Moedas e Arte", incorporando-se objetos etnológicos de forma mais intensa a partir da década de 1810. O gabinete foi dividido em 1830, com a remoção das pinturas e esculturas para um prédio construído especialmente para este acervo 1830 (hoje Altes Museum). (EM, 2025). Em 1855, o com a inauguração do *Neues Museum*, atrás do *Altes*, foi destinado seu subsolo para a coleção etnográfica e, em 1869, Adolf Bastian, fundador da etnologia como disciplina acadêmica, foi nomeado diretor assistente dessa coleção. (EM, 2025).

Com a ampliação do acervo, ocorreu uma nova divisão e, em 1873 criou-se um "*museu etnológico e antropológico independente*", sendo Bastian seu primeiro diretor,

que vislumbrava o museu como um instituto de pesquisa e um repositório para a guarda das coleções. (EM, 2025). O Museu foi inaugurado em 1886 sob o nome de *Königliches Museum für Völkerkunde* (Museu Real de Etnologia). Sua coleção compreendia cerca de 40.000 objetos, necessitando um espaço maior que só foi parcialmente inaugurado em 1926, em função da 1ª Guerra Mundial. Todavia, durante a 2ª Guerra Mundial, sua coleção foi espalhada em diversos locais da cidade. Com o fim da guerra, suas coleções foram confiscadas pelos Aliados, restituindo-se parcialmente na década de 1950. (EM, 2025).

Após a reunificação alemã, cerca de 55.000 objetos da coleção confiscados pelos soviéticos e armazenados em Leipzig foram devolvidos e, em 2000, o museu foi renomeado como *Ethnologisches Museum*. (EM, 2025). Atualmente, o Museu abriga restos mortais ancestrais, incorporados às coleções do século XIX e início do século XX, que teve objetivos de pesquisa baseados em teorias racistas, assim como artefatos ou pertences culturais que, de uma forma ou de outra, contêm restos mortais humanos. (EM, 2025).

Em 2019, o Conselho de Curadores do museu aprovou a repatriação de remanescentes humanos desde que um órgão competente fosse designado para recebê-los. Em 2020, a Nova Zelândia repatriou *toi moko*, e em 2022 o Havaí recebeu o *iwi kūpuna*. E em 2024 a Austrália repatriou restos mortais de três pessoas. (EM, 2025).

Não há informações precisas no site sobre os crânios coletados por Ehrenreich, que é somente mencionado como fotógrafo. O acervo digital lista três crânios Xokleng (SC) e quatro de Sambaqui, mas não especifica de que local.

4.2.2 Ibero-Amerikanische Institut (IAI) / Instituto Ibero-americano

O Instituto Ibero-Americano é uma organização extrauniversitária multidisciplinar voltada às ciências humanas, ciências sociais e estudos culturais, sediada em Berlim. Fundada em 1930, com a doação do acadêmico argentino Ernesto Quesada, que legou sua biblioteca particular de mais de 82.000 itens, concentra suas atividades nas áreas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal, levando em conta também entrelaçamentos transregionais. (IAI, 2025).

Incorporado Fundação do Patrimônio Cultural Prussiano (SPK), em 1962, possui 25.000 volumes da Biblioteca de Hermann Hagen (México), além de legados

do geógrafo Hans Steffen (1865-1936), do arqueólogo Max Uhle (1856-1944), do politólogo Wolfgang Hirsch-Weber (1920-2004), do fotógrafo e pesquisador maia Teobert Maler (1842-1917) e do antropólogo físico e etnólogo Robert Lehmann-Nitsche (1872-1938). (IAI, 2025)

A partir 1934, quando o major-general aposentado Wilhelm Faupel se tornou diretor, o Instituto adotou ativamente uma política de propaganda nacional-socialista. Como consequência, em 1945, depois da guerra, os aliados restringiram as tarefas do Instituto às de uma "biblioteca latino-americana" e somente em 1954 o foco regional foi retomado. (IAI, 2025).

Figura 4.1 – Capa do diário de Paul Ehrenreich: Expedição ao Xingu 1887-1888²⁷



Fonte: IAI, 2025

A vinculação a Ehrenreich não está relacionada aos crânios que coletou, mas ao fato de que seus diários de viagem (21) estão depositados nessa instituição e disponível para pesquisa online. (IAI, 2025).

4.2.3 Blumenbachsche Schädelammlung der Georg-August-Universität Göttingen (GA) / Coleção de Crânios de Blumenbach da Universidade Georg-August de Göttingen

Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) começou a pesquisar crânios na década de 1770, publicando sua tese sobre o crânio humano em 1776. A partir de 1780, como professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Göttingen, passou a coletar crânios, formando a maior coleção na época com 230 crânios.

²⁷ Tagebuch : ["Zweite Schingu-Expedition" unter Leitung von Karl von den Steinen (23. Januar 1887 - 15. Mai 1888)] / Paul Ehrenreich

Adquirida pela universidade e expandida pelos sucessores no departamento de anatomia, atualmente compreende um total de 840. (GA, 2025).

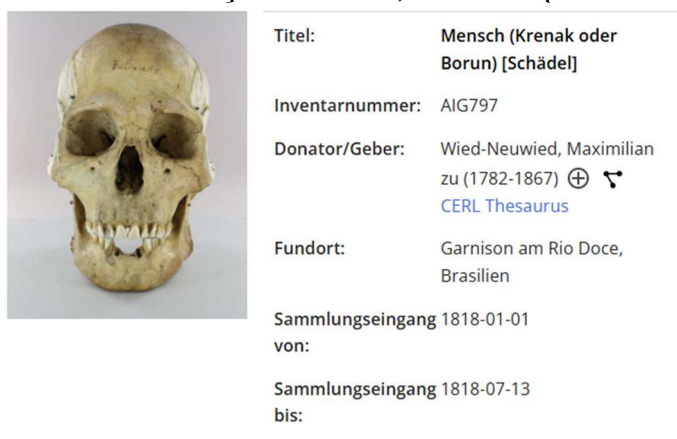
A Biblioteca Estadual e Universitária de Göttingen possui quatro inventários compilados por Blumenbach de sua coleção de crânios (od. Ms. Blumenbach I, Nr. 1 bis 4) e duas listas concisas. Seus inventários foram utilizados consecutiva ou simultaneamente de 1793 a 1836. O professor também publicou listas dos demais acervos do museu totalizando 13.002 objetos das áreas de mineralogia/geologia, botânica, zoologia, paleontologia e medicina em 1778. (GA, 2025).

Sua coleção de crânios está organizada de acordo com a origem geográfica, presumivelmente com base no esquema de variedades que estabeleceu, e agrupados por grupos étnicos: [Europa e Império Russo], judeus de Göttingen, franceses, holandeses, italianos, poloneses, "ciganos", dinamarqueses, finlandeses, russos, tártaros, quirguizes, cazaques e georgianos; [Oriente Médio] turcos, múmia egípcia; [Ásia] calmucos, iacutos, buriates e tungus; negros" dos EUA, Europa e África; [América] "esquimós", "índios" e "caribenhos" da América do Norte; [Sudeste Asiático] "holandeses da Nova Zelândia"; "taitiano oriental".(GA, 2025)

Utilizando a busca no site é possível localizar o crânio brasileiro coletado por Wied-Neuwied, que agora é denominado Krenak ou Borun, mas na inscrição do crânio consta "Botocudo" (GA, 2025).

No buscador o coletor "Eschwege" não encontra resultado, mas com a palavra "Minas Geraes" lista os três crânios (um puri, um krenak, um sem identificação de povo) doados pelo engenheiro naturalista e mostra ainda dois crânios doados por Antonio d'Azevedo Araujo (não identificados) (GA, 2025).

Figura 4.2 – Crânio com inscrição na testa, coletado por Wied-Neuwied: 1818



Fonte: Blumenbachsche Schädelammlung, 2025

4.2.4 *Naturhistoriska Riksmuseet* (NR) / Museu Riks de História Natural

O Museu Riks de História Natural (NR), criado em 1819 em Estocolmo, tem suas origens nas coleções da Real Academia Sueca de Ciências. Durante o século XIX, o Museu foi estabelecido como uma instituição de pesquisa com vários departamentos de biologia, entomologia, botânica e mineralogia. O Museu ainda desempenha um papel especial como espaço de exposições e instituição de pesquisa. A busca “Freyreiss” levanta 80 itens, 68 botânicos 12 zoológicos, nenhum crânio (NR, 2025).

Umas das possibilidades é de que o crânio esteja guardado no Instituto Karolinska (KI), que possui um departamento de anatomia comparada. De acordo com o memorando escrito em nome do grupo de trabalho sobre história médica e aspectos éticos de monumentos e coleções históricas do Instituto Karolinska (2022), a coleção anatômica do Instituto Karolinska foi iniciada por volta de 1830 por Anders Retzius (1796-1860), considerado o introdutor da anatomia comparada na Suécia, que, através da craniometria, pretendia determinar os chamados “caráteres” dos diferentes povos do mundo, sob uma perspectiva racista de supremacia branca, coletando uma vasta coleção (KI, 2022).

No entanto, dos 140 a 160 crânios, metade desapareceu no incêndio de 1892, restando apenas 80. Atualmente, cerca de 550 dos 800 crânios da coleção KI são arqueológicos e 200 são de indivíduos não europeus, sendo que metade destes pode ser definida como indígena, e vários obtidos de forma antiética em expedições de exploradores que também compõe outras coleções suecas, incluindo o Museu Etnográfico de Estocolmo.

Os processos de repatriação iniciaram em 2005 e em 2009, 17 crânios humanos foram devolvidos ao Havaí, sete para Austrália em 2018, três para Nova Zelândia em 2017, sete para Polinesia, cinco para Ilhas Marquesas e dois para o Tahiti, sendo que estes crânios originariamente estavam no Museu de História Natural. Essas informações podem indicar que o crânio de Freyreiss pode estar entre os 112 América do Sul (KI, 2022).

Não existe um buscador de acervo, é disponibilizado apenas um email para solicitar a pesquisa, não sendo possível saber se o crânio de Freyreiss está no KI.

Como o KI informou que o Museu Etnográfico de Estocolmo possui crânios, pesquisei na base de dados Carlotta “skall” e “brasilien”, que resultou duas fotos de

escavação em sambaqui e três objetos brasileiros. Com a palavra “skall” resultou crânios diversos da América do Sul, oriundos do Peru, Colômbia e Venezuela, nenhum do Brasil (CARLOTTA. 2025).

4.2.5 *Institute der Charité – Universitätsmedizin - Berlin* / Instituto Charité da Universidade de Medicina de Berlim

A Divisão de Anatomia da Universitätsmedizin Charité, criada em 1710 em Berlim, possuía uma vasta coleção antropológica de crânios e esqueletos, a maioria coletada durante o período colonial. Destas coletas resultou em demandas de restituição, a maioria já atendida. (Charité, 2025).

Figura 4.3 – Sala de pesquisa anatômica Universitätsmedizin Charité



Fonte: Charite, 2025

A Divisão de Anatomia possui uma coleção muito extensa de espécimes humanos e animais, bem como modelos anatômicos. Em 2011 vinte crânios foram devolvidos à Namíbia e, em 2013, mais 21 restos mortais. Em 2014 foram restituídos 33 restos mortais de indígenas à Austrália, e um crânio para a Tasmânia. (Charité, 2025).

A busca com a palavra “Hensel” e “schädel” não encontrou resultados referentes aos dois coroados coletados pelo naturalista, que Pires (1897, p. 119), pesquisando a localização dos exemplares pode confirmar que estavam no setor de anatomia comparada da universidade, ao perguntar ao professor Angermann em 1981, há mais de 40 anos atrás.

4.2.6 Museu Paulista (MP) / Museu do Ipiranga

O Museu Paulista foi criado em 1893, e aberto ao público no Palácio do Ipiranga em 1895. Concebido como um Museu de História Natural, foi caracterizado por objetos do reino animal, vegetal, mineral e por uma coleção de moedas antigas. (MP, 2022).

A coleção inicial de história natural pertencia a Joaquim Sertório. Doadada em 1890 foi organizada pela Comissão Geográfica e Geológica, onde Ihering inicialmente trabalhou antes de se tornar diretor do Museu. (MP, 2022)

Com a saída de Ihering em 1916, o novo diretor, Afonso Taunay, especializou o Museu em história, criando instituições para transferir acervos, como o Museu de Zoologia. Em 1963, o Museu do Ipiranga foi incorporado à Universidade de São Paulo, tornando-se, assim, um museu universitário (MP, 2022).

O acervo de crânios, provavelmente, encontra-se na reserva técnica e o Museu não oferece informações acerca do quantitativo, sendo a pesquisa por meio de solicitação por e-mail. O acervo pode ter sido transferido ao Museu de Zoologia, mas o site também não disponibiliza nenhuma informação a respeito. No acervo digital do Museu Ipiranga há alguns crânios animais e fotografias da família Ihering (Museu do Ipiranga, 2025).

Outra possibilidade é ter sido transferido para o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) em 1989.

No site institucional do MAE não há nenhuma informação sobre crânios. Para pesquisar o acervo é necessário passar por um processo burocrático complexo, que exige preenchimento de formulário, com assinatura do pesquisador e orientador. Esse formulário passa por avaliação onde é emitido um parecer que depois precisa ser aprovado pela Comissão Técnica Administrativa (CTA) e pelo Conselho Deliberativo (CD), para então poder ser realizada a pesquisa (MAE, 2025b).

4.2.7 *Naturalienkabinett der Bayerischen Akademie der Wissenschaften* (BAW) / Gabinete Natural da Academia de Ciências da Baviera

Os primórdios das tentativas de fundar uma academia de ciências datam da década de 1720, com fundação da "Academia Carola Albertina" em 1720, e dois anos

depois da sociedade "*Parnassus Boicus oder neu-eröffneter Musenberg*²⁸" em 1722, sendo a Real Academia de Ciências da Baviera fundada em 1758. (BAdW, 2025)

Sob o reinado de Maximiliano José I (1806-1825), a Academia deixou de ser uma instituição privada, passando a ser uma instituição estatal central, com uma nova constituição e servidores públicos em tempo integral e remunerados permanentemente, como foram o zoólogo Spix e o botânico Martius. Com essa nova configuração, as coleções e instituições científicas do estado da Baviera foram incorporadas à Academia, como a Biblioteca Central, o Laboratório Químico, a Coleção de Moedas e Antiquário, o Observatório de Bogenhausen, o Jardim Botânico, o Teatro Anatômico e a Coleção de História Natural, que era formada por diferentes gabinetes de zoologia. (BAdW, 2025).

Em função dessas alterações de configuração, e pelo fato de a Coleção ser formada por diversas entidades que passaram por alterações em mais de 200 anos, encontrar os crânios coletados por Spix e Martius se tornou complexo, e o único objeto com localização comprovada foi uma das cabeças-troféu munduruku que pertence ao acervo do Museu dos Cinco Continentes. Criado em 1862 como Coleção Etnográfica Real (1862–1912), deve ter sido nessa época que o objeto foi transferido da coleção de história natural.

O *Museum Fünf Kontinente* (MFK), Museu dos Cinco Continentes, anteriormente conhecido como Museu Estadual de Histórias da Vida, foi fundado em 1862 como o primeiro museu etnológico da Alemanha e apresenta sua coleção como reflexo da diversidade cultural da humanidade, expondo artefatos da vida cotidiana, objetos rituais e obras de arte, preservada e continuamente ampliada (MFK, 2025a).

O MFK tem pesquisado as origens dos seus acervos, incluindo processos de aquisição ilícitos e antiéticos, pois compreende como sua tarefa transmitir culturalmente a proveniência e os contextos coloniais de partes significativas das coleções. (MFK, 2025a).

O museu criou um acervo online (*Sammlung Online*), no qual, todavia, não está disponibilizada a cabeça-troféu munduruku (Figura 4.4) (MFK, 2025b).

²⁸ Parnaso Bávaro ou recém-aberto Monte das Musas

Figura 4.4– Cabeça-troféu coletada por Spix e Martius, acervo do Museu Cinco Continentes



Fonte: Fotografia de M. Weidner, Museum Fünf Kontinente, apud Neher (2017)

A figura acima publicada pelo jornal Deutsche Welle indica que a fotografia foi tomada no Museu Cinco Continentes, mas não foi possível encontrar esse remanescente humano no site do Museu.

4.2.8 *Senckenberg Naturhistorische Sammlungen (SNS)* – Dresden / Coleção de História Natural de Senckenberg

As raízes das Coleções de História Natural (SNS) de Dresden remontam ao século XVI, quando objetos de história natural eram colecionados para o Gabinete de Arte Eleitoral da Saxônia, sendo as mais antigas datadas de 1587, ocasião do primeiro inventário das coleções da corte. O Museu de História Natural fundado em 1728. (SNS, 2025).

Desde 2009, as antigas Coleções Estatais de História Natural de Dresden, juntamente com o Museu de Zoologia e o Museu de Mineralogia e Geologia, foram incorporados à Sociedade Senckenberg de Pesquisa Natural, com sede em Frankfurt am Main, que também incorporou outras instituições (SNS, 2025), tornando o site de difícil acesso para pesquisa de acervo.

A busca com a palavra “Freyreiss” apresenta coleções botânicas doadas pelo naturalista, porém, não encontrei nenhuma menção aos três crânios “botocudos” listados no catálogo de 1880 elaborado por Schaaffhausen (1880, p. 34-5).

4.2.9 *Anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg (UFr) / Coleção Antropológica da Universidade de Freiburg*

A Universidade de Freiburg reconhece seu envolvimento no colonialismo alemão e europeu, sendo palco de palestras científicas e políticas coloniais públicas por décadas. Entre as conexões particularmente problemáticas que menciona estão os "estudos raciais" e o "darwinismo social e da coleção antropológica 'Alexander Ecker'". (UFr, 2025a).

Figura 4.5– Vista da Coleção de Anatomia, 1900



Fonte: Universität Freiburg, 2025

O anatomista Alexander Ecker iniciou a Coleção de Anatomia da Universidade de Freiburg em 1857, a maioria composta de crânios da Alemanha, sendo posteriormente ampliada com coletas trazidas de diversas partes do mundo. Na década de 1910 o professor Eugen Fischer, um dos mais conhecidos "pesquisadores raciais" e eugenistas do século XX, realizou "pesquisas" colonial-racistas no Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia) e doou os esqueletos humanos que roubou das sepulturas da colônia para a Coleção Ecker da Universidade de Freiburg. (UFr, 2025a).

Há uma grande lacuna na documentação entre os anos de 1907 e 1985, pois a coleção sofreu perdas nas 1ª e 2ª Guerras Mundiais. Durante a reconstrução da coleção nos anos seguintes, espécimes destruídos e perdidos foram substituídos por espécimes equivalentes ou semelhantes, mas não está documentado quais espécimes foram perdidos ou substituídos. A universidade enfatiza a necessidade de identificar a proveniência, por meio de uma "verificação antropológica cruzada". (UFr, 2025a).

A Coleção de Ecker nos arquivos da universidade apresenta uma lista de 1591 itens, a maioria de crânios, e fragmentos e moldes de gesso, na maioria de pessoas alemãs. O site informa que as imagens digitalizadas estão bloqueadas até 31 de dezembro de 2100 (UFR, 2025b). Da lista foi possível encontrar quatro entradas referentes a brasileiros:

- 1- Nº 1305 – Crânio de Coroadó, escavado em 1866 no Paraná doado por Franz Keller-Leuzinger em 1870.
- 2- Nº 1308; 1309 e 1310 - três crânios “botocudos”, sem localização nem data de coleta, doados por Eduard Keller em 1842. O crânio 1310 está desaparecido.

Figura 4.6 – Detalhe do nº 1308 da lista da Coleção Ecker

Unidade de gravação Full View 1308	
Assinatura:	1308
Objeto:	Crânio e Mandíbula de Botskude
Descrição:	Crânio, defeito dentário, ramo mandibular extremamente baixo, Be.Botocuderr pouco claro (dev. Etnia ou localidade, cor marrom-escuro Aquisição: Três crânios de Botocuden foram entregues à coleção após menção de Alexander Ecker, médico que viveu no Brasil por muito tempo. Durante uma visita à Alemanha entre 1837 e 1857, trouxe consigo a Ecker o Botocude-Crania, possivelmente por ocasião de seu doutorado em 1842. Eduard Keller Keller estudou medicina e farmácia em Freiburg em 1822, 27 18261826/, 1828/29-1829 e 1837-1838, passou nos exames em 2.9.1829, foi farmacêutico em Kleinlaufenburg de 1834 a 1836 e depois emigrou para o Brasil. Em 24.11.1842 ele recebeu seu doutorado como Dr. med em Freiburg. Alexander Ecker, Untersuchungen zur Ichthyologie, Freiburg 1857, p.12; Thomas Adolf, Die Matrikel der Universität Freiburg im Breisgau von 1806-1870, Freiburg 1891, esp. pág. 188; UAF A 17/2/84.
Habitat:	Botskude (Botocuder)
(Pré-)Proveniência(s):	moderno
Assinatura do pedido:	M 0001 (Coleção Anatômica-Antropológica ("Coleção Alexander Ecker")), 1308

Fonte: UFR, 2025b

Não foi possível localizar o crânio juvenil listado por Ecker, que poderia ter sido doado por Langsdorff ou algum descendente. Ao utilizar na busca a palavra “Langsdorff”, há uma lista de 13 documentos, entre diplomas e dívidas de descendentes do naturalista, o que pode indicar a doação, mas em função das lacunas da coleção provavelmente não será possível localizar sua procedência.

Em 2014, a Universidade de Freiburg devolveu os primeiros "ancestrais" à Namíbia. Em 2023, "*iwi kupuna*" foram apresentados a uma delegação do Havaí em uma cerimônia em Stuttgart. Recentemente, em 08 de outubro de 2025, remanescentes humanos de oito pessoas foram devolvidos a República das Ilhas Marshall, em uma cerimônia ocorrida em conjunto com a Universidade de Göttingen (UFR, 2025c).

4.2.10 *Anthropologische Sammlung Der Anatomischen Museums der Universität Bonn/ Coleção Antropológica do Museu de Anatomia da Universidade de Bonn*

O Instituto Anatômico de Bonn foi criado junto com a fundação da universidade em 1818. O site da Universidade de Bonn não apresenta dados acerca de sua coleção de crânios e na busca não encontrei resultados para as palavras “schädel”, “Wied-Neuwied” e “Quack”, que constam no Catálogo da Coleção Antropológica do Museu de Anatomia da Universidade de Bonn, publicado em 1887 por Schaaffhausen, arquivo disponível online. A Universidade não menciona o Museu de Anatomia e não apresenta no catálogo de sua história. Em busca direta pelo google com as palavras foi encontrada a história da Universidade acessada em sete camadas (*uni-bonn universitat / organization / weitere einrichtungen / archiv der universität/ universitätsgeschichte*), que revela uma história complexa de disputas, que se inicia com a "Academia Máximo", criada em 1777. A Universidade sofreu com crises econômicas durante a 1ª guerra, especialmente com as sanções políticas decorrentes da ascensão do nazismo. No entanto, buscou enaltecer suas conquistas acadêmicas e de prêmios Nobel como parte de sua história. (Universität Bonn, 2025).

José Guilherme Closs e colaboradores (2023) referem que a musealização de coleções de patologia é complexa, pois não se trata somente da preservação e exibição de objetos, mas inclui a manutenção das informações e histórias representadas. Os corpos dessas coleções se tornam documentos complexos, carregam diversos significados, “*como descobertas médicas, histórias de vida e, por vezes, experiências de sofrimento*”. (Closs et al, 2023. p. 53).

Andreas Winkelmann (2020), em artigo sobre repatriação de remanescentes humanos da Alemanha entre 1911 e 2019, elenca aproximadamente 397 indivíduos repatriados em 26 entregas com referências institucionais ou acadêmicas de um total de 38. Ele não considerou informações publicadas em jornais. Winkelmann não soube aferir o número exato de indivíduos, pois, em alguns casos, fragmentos ósseos menores dificultaram a determinação precisa, mas avaliou que o montante de restituições como ínfimo, considerando que há aproximadamente vinte mil remanescentes humanos na Alemanha. O autor classifica esses processos em duas formas: pequenas restituições, quando se tratou de uma ou duas pessoas que, na maioria dos casos, passaram despercebidas, citando o crânio de Nuguäck devolvido pelo anatomista de Bonn aos Krenak no Brasil; e maiores restituições, como foi o caso

dos vinte crânios restituídos para a Namíbia em 2011, em que houve grande repercussão.

Essas restituições vieram em sua maioria de Berlim (220), Dresden/Leipzig (80) e Bremen (47), sendo 267 crânios, que foram devolvidos a onze países sendo a maioria dos processos para Austrália (12), Nova Zelândia (7), ocorrida em sua maioria (34) após 2006. O autor sugere a realização de pesquisas interdisciplinares de procedência como pré-requisito para a repatriação e que sejam publicadas, respeitando preocupações éticas das comunidades de origem, pois se trata de uma pesquisa relevante para a história do colonialismo (Winkelmann, 2020).

Destaque-se aqui a dificuldade de se obter dados da Universidade de Bonn, se comparado às Universidades de Göttingen e Freiburg, que apresentam em seus sites suas preocupações com a questão dos remanescentes humanos, restituições, pesquisas sobre proveniência. Não obstante Bonn sendo uma universidade seja uma instituição de pesquisa, até as Coleções de História Natural de Dresden apresentavam mais informações, ainda que não fossem significativas.

Foi uma tarefa difícil localizar nos museus os crânios coletados pelos dez naturalistas da lista. Houve diversas reestruturações de coleções, diversos museus alteraram seus nomes e as coleções foram transferidas para outros museus que foram sendo criados.

5 CONCLUSÕES

Os diários dos viajantes naturalistas alemães que percorreram o Brasil no século XIX descrevem parcialmente a coleta de crânios, no entanto, pouco detalham como foi a entrega desses materiais sensíveis aos museus. Empreenderam grandes expedições científicas pelo interior do Brasil, muitas delas perduraram por anos, visitando locais das diferentes regiões do país, principalmente, no Sudeste, Norte e Centro-oeste, por onde coletaram amostras de espécies de animais, plantas, solo, água e, até mesmo, de pessoas mortas que conseguiam.

Produziram obras de relatos de viagens que foram cruciais para os estudos e conhecimento sobre o país, e forneceram exemplares do mundo natural que abasteceram os laboratórios dos museus europeus. Os crânios coletados mundo afora por viajantes naturalistas e levados aos seus museus de origem, assim como os que foram coletados no Brasil, foram medidos e classificados para subsidiar também as teorias raciais que foram elaboradas no último quartel do século XIX. Estas teorias afirmavam a superioridade racial das pessoas brancas europeias sobre os demais povos.

Assim, em relação aos objetivos da pesquisa deste TCC, foi possível investigar as circunstâncias das coletas de boa parte dos crânios realizadas pelos naturalistas que viajaram pelo Brasil no século XIX, e que ajudaram a formar os acervos para as formulações das teorias raciais daquele período. Todavia, não foi possível traçar o trajeto até o museu de destino e nem foi possível encontrar a localização atual da grande maioria dos crânios coletados.

Por outro lado, conseguimos traçar perfis dos naturalistas sobre suas origens, formação e vinculações institucionais, cujas informações fornecem um amplo quadro sobre o campo de estudos que os naturalistas viajantes alemães forjaram durante o século XIX no Brasil. Como visto, entre os naturalistas levantados, identificamos que eles nasceram em oito diferentes unidades institucionais de diferentes configurações anteriores à unificação da Alemanha (1871), sendo a maioria prussianos (9) e bávaros (4). Eram de famílias com recursos sociais e financeiros, nove de classe média, cinco abastados e seis nobres, sendo dois príncipes.

A maioria dos naturalistas se graduou (10) e doutorou (11) em Medicina, sendo que oito eram formados em Ciências Naturais, e três eram autodidatas. Eram,

principalmente, pesquisadores vinculados a diferentes universidades e museus. Dezessete eram sócios da Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina.

A idade dos naturalistas alemães na chegada ao Brasil variou de 23 a 54 anos, sendo a maioria jovem, com menos de 30 anos (13), que explorou o Brasil entre dois e seis anos (15). Pode-se dividir os naturalistas em três períodos de estadia no século XIX, cada um visitado por oito naturalistas: 1) de 1801 a 1830; 2) de 1831 a 1869; e 3) de 1870 a 1900, cada um dos períodos apresentando características próprias.

Entre os naturalistas primeiro terço do século XIX havia uma rede de relações mais complexa, envolvendo a influência de Humboldt e de Blumenbach, em contraste como os naturalistas que vieram no meio do século, que realizaram expedições individuais e tinham um círculo social mais restrito. Os naturalistas que estiveram no Brasil no terço final século XIX, todavia, estabeleceram vínculos com colegas aqui residentes como Emilio Goeldi, Fritz Müller e o próprio Hermann von Ihering, que foi diretor do Museu Paulista.

Foram encontradas 27 expedições realizadas pelos 24 naturalistas, sendo que há naturalistas que participaram de mais de uma expedição. A maioria (16) se concentrou em somente uma região, sendo o Sudeste (15) e o Norte (9), as regiões mais exploradas. Doze incursões ocorreram sem equipe, um único naturalista pesquisando e desses sete naturalistas só estiveram no país de passagem.

Em relação às coletas não há muitas informações detalhadas, mas a maioria dos naturalistas realizou coletas zoológicas (14), ainda que tenha havido uma boa distribuição entre tipo de coleta sendo botânicas (10), etnológicas (11) e crânios (10).

Foi possível verificar que onze naturalistas coletaram crânios (um dos naturalistas, Wittelsbach, coletou um crânio peruano), ainda que localizados de formas distintas, no diário do naturalista, ou de um colega, em artigos, ou que foram confirmados em Catálogos de Coleções, inclusive informações fornecidas por um historiador. Assim, podemos dividir os coletores de crânios em três grupos: do início do século, os coletores de crânios para coleções de ciências naturais, do meio do século, os coletores individuais/isolados e do final do século, os coletores de crânios para coleções etnológicas, que utilizaram dados craniométricos, mas valorizavam os estudos sobre a cultura indígena e utilizaram a fotografia para ilustrar suas pesquisas.

Apesar de se considerarem pertencentes de uma raça superior, se afirmando como humanos de maior nível de civilização, vários desses naturalistas utilizaram escravizados em suas expedições, mesmo criticando a escravidão, exumaram

túmulos para obter crânios, assim como compraram pessoas, membros de povos originários, e as levaram para a Europa, onde serviram tanto para pesquisa quanto para entretenimento.

Os crânios foram obtidos como “presente” de algum administrador ou mesmo de algum indígena, de pessoas que morreram devido a doença ou que foram mortas em batalhas ou expedições de extermínio. Vários crânios foram roubados de túmulos pelos próprios naturalistas para que garantissem sua procedência indígena, sendo a coleta o aspecto mais relatado nos diários.

A descrição fica mais nebulosa quando se trata de narrar o tráfico de crianças indígenas para a Europa. Wied-Neuwied foi o que descreveu de forma mais objetiva como ocorreu o processo Nuguäck, que, aparentemente, não foi coagido, pois viajou seis meses depois do príncipe, ainda que fosse um adolescente com dezesseis ou dezessete anos. No entanto, viveu em sofrimento, tornou-se alcoólico e não há qualquer menção de que lhe foi dada a oportunidade para ele voltar ao Brasil. Após sua morte, sua cabeça foi doada ao Museu de Anatomia de Bonn. Duzentos anos depois seus restos mortais foram repatriados e enterrados em Jequitinhonha.

O mesmo não pode ser dito pelas crianças levadas por Spix e Martius. O menino Juri e a menina Miranha eram bem mais novos que Nuguäck, deveriam ter por volta de dez a doze anos. As crianças eram originárias de povos rivais, não falavam o mesmo idioma. Elas foram compradas por Martius, e morreram pouco tempo depois que chegaram a Munique. O menino menos de um ano depois; a menina viveu um pouco mais. Foram enterrados em um túmulo, inclusive com uma lápide doada pelo coroa bávara, e pelo menos não há menção de que a cabeça deles tenha sido doada para algum museu.

Centenas de crânios se acumularam nos museus de história natural, laboratórios de anatomia, gabinetes de curiosidades e coleções particulares, hoje muitos esquecidos nas reservas técnicas. Contudo, foi difícil localizar os crânios coletados pelos dez naturalistas da lista. Vários museus alteraram seus nomes, redistribuíram suas coleções transferindo para outros museus que foram sendo criados. Os sites institucionais pouco informam, a maioria não é transparentes em relação aos acervos sensíveis.

Somente o crânio “botocudo” de Wied-Neuwied foi localizado na Coleção Blumenbach da Universidade de Gottingen, nem mesmo os crânios doados por Eschwege que constavam na lista de Johann Spengel (1874) foram encontrados a

partir do nome do coletor, o que evidencia uma lacuna em relação a localização desses materiais sensíveis.

Mesmo a possibilidade de entrar em contato solicitando informações pode resultar infrutífera, conforme pude constatar quando solicitei informações ao Museu Nacional em relação a crânios estrangeiros, que informou ter perdido as informações por conta do incêndio. No caso da Alemanha, vários museus foram bombardeados durante as guerras mundiais e sofreram perdas, mas muito me intrigou a falta de transparência da Universidade de Bonn, se comparada às Universidades de Göttingen e Freiburg, que apresentam em seus sites suas preocupações com a questão dos remanescentes humanos, restituições e pesquisas sobre proveniência.

Para finalizar, há de se destacar as iniciativas de restituição de crânios que estão ocorrendo em várias instituições museológicas da Alemanha, mas, ainda se faz necessária maior transparência por parte dos museus que guardam remanescentes humanos.

Para pesquisas futuras sugere-se um traçar a trajetória desses crânios que provavelmente foram transferidos para diferentes museus da Alemanha, ou foram destruídos em bombardeios nas guerras. A Alemanha publicou catálogos detalhados dos museus de anatomia do século XIX. Neste sentido, também é possível realizar uma pesquisa reversa, verificando os crânios ali conservados, se há informações sobre o coletor e sua origem.

Nestes estudos, é importante ter presente que a musealização, particularmente de remanescentes humanos é complexa, pois envolve direitos culturais, questões éticas, repatriação, lacunas de documentação e apagamentos. Esse processo igualmente explicita uma tensão profunda entre a valorização científica, característica dos primeiros museus de história natural que buscavam expandir acervos com o objetivo de estabelecer uma classificação evolutiva da raça humana. Esta postura ajuda a compreender o tratamento secundário dado aos indivíduos e pela precariedade das informações registradas sobre suas vidas, identidades e trajetórias.

Além disso, não se pode deixar de considerar a violência colonial imposta aos crânios coletados, pois esse aspecto demanda abordagens museológicas específicas, considerando que estes museus foram legitimadores do racismo científico, não sendo meros reprodutores das narrativas colonialistas, hierárquicas e preconceituosas do período, mas construtores ativos dessa justificativa de classificação racial. E a violência é perpetuada através da lacuna documental e da carência de pesquisas

específicas sobre a proveniência como uma ferramenta ética - tanto é que muitos museus ainda se recusam a olhar para suas antigas formas de aquisição ou até mesmo para discussão de novas terminologias ou novas abordagens expográficas, como a retirada desses itens de exposição.

A continuidade da lógica colonial em relação aos remanescentes humanos necessita ser explicitada, pois, esses crânios que um dia foram pessoas ainda não são tratados como sujeitos de direitos culturais, mas são considerados objetos científicos.

Trata-se de um problema que perpassa as dimensões históricas dos museus, coleções e acervos, que compreendem construção de memórias, identidades e conhecimentos. Retrata um período obscuro da história dos museus que contribuíram para reforçar o racismo científico, através da musealização de crânios, suas medições e pesquisas, e, posterior, apagamento. Entender como a documentação e catalogação desses acervos sensíveis possui tantas lacunas em relação à procedência e analisar as condições históricas que determinaram suas políticas de aquisição e como as mudanças de paradigmas na produção de conhecimento levaram esses objetos documento que um dia foram pessoas ao seu esquecimento nas reservas técnicas dos museus é relevante como tema de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. Tal antropologia qual museu? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v S7, p.121-143, 2008. Disponível em: https://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/artigos/tal_antropologia.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.
- ACADEMIA BRASIL-EUROPA. **Estudos culturais euro-brasileiros relacionados com a Alemanha**: nomes. [online]. Disponível em: <https://brasil-europa.eu/Paises/Alemanha.html>. Acesso em: 01 out. 2025.
- AGASSIZ, Jean Louis Rodolph; AGASSIZ Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil 1865-1866**; tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1048>. Acesso em: 01 out. 2025.
- AGOSTINHO, Michele de Barcelos. A exposição antropológica brasileira de 1882: a Sala Lund e a exibição de remanescentes humanos no Museu Nacional. **Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 36-48, set 2019. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/e.-03-A-Exposi%C3%A7%C3%A3o-Antropol%C3%B3gica-Brasileira-de-1882.pdf>. Acesso em: 01 out. 2025.
- AMOROSO, Marta. Crânios e cachaça: coleções ameríndias e exposições no século XIX. **Revista de História**, São Paulo, n. 154, p. 119-150, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19024>. Acesso em: 18 set. 2024.
- ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA- AB, ab@mn.ufrj.br. **Pesquisa de restos humanos do séc XIX**- origem quantidade quando e como incorporado pelo MN. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: <mascarenhas@uol.com.br>. em: 25 abr. 2025.
- ANTUNES, Anderson Pereira; MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa Medeiros. O descanso dos naturalistas: uma análise de cenas na iconografia oitocentista. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 3, p. 1051-1066, jul. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/j54BQnKB3Jdpx5mRpLkx35z/?lang=pt> Acesso em: 03 out. 2024. Academia Brasil-Europa e
- ARAGO, Jacques. **Souvenirs d'un aveugle**, Voyage autour du monde par J. Arago, ouvrage enrichi de soixante dessins et de notes scientifiques.Paris: Hortet et Ozanne, 1839. Disponível em: digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8243. Acesso em: 03 out. 2025.
- ARAÚJO, Lucas Monteiro de; SARRAF-PACHECO, Agenor. Sob a pena dos viajantes Narrativas sobre vida e trabalho no Marajó oitocentista. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, set./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1957/1902>. Acesso em: 03 out. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Glossário de História Luso-Brasileira**: naturalistas. [Online]. Disponível em: historialuso.an.gov.br/glossario/index.php/verbetes-de-a-a-z/30-verbetes-iniciados-em-n/277-naturalista. Acesso em: 28 set. 2025.

ATLAS DOS VIAJANTES NO BRASIL. **Pesquisar**: viajantes. [online]. Disponível em: <https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=>. Acesso em: 28 set. 2025.

AUGUSTAT, Claudia. Além do Brasil. In: AUGUSTAT, Claudia (Org.). **Além do Brasil**: Johann Natterer e as coleções etnográficas da expedição austríaca de 1817 a 1835 ao Brasil. Catálogo. Museum für Völkerkunde, Viena 18 de julho de 2012 a 7 de janeiro de 2013. p. 13-17. Disponível em: [Alem Do Brazil - Johann Natterer e As Coleções Etnográficas Da Expedição Austríaca de 1817 A 1835 Ao Brasil | PDF | Science | Brasil](#). Acesso em: 28 set. 2025.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**; tradução de Teodoro Cabral. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980(Coleção Reconquista do Brasil; v.17). Disponível em: [Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858 - Robert Avé-Lallemant - Google Livros](#). Acesso em: 28 set. 2025.

AVE-LALLEMANT, Robert. **Viagem pelo norte do Brasil**: no ano de 1859. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 2v. Disponível em: https://app.docvirt.com/mi_bibliografico/pageid/120872. Acesso em: 28 set. 2025.

BALDUS, Herbert. Introdução. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2. p. 7-16, 1948. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio:ehrenreich-1948-contribuicoes/ehrenreich_1948_contribuicoes.pdf. Acesso em: 28 set. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70; 2011.

BARTHOLOMEU, Dante Hesse. **Entre moralizados e civilizados**: indígenas e portugueses no brasil através da obra de Wilhelm Ludwig Karl Von Eschwege (1810-1821). 2017. 238 f. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20125>. Acesso em: 28 set. 2025.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema marginal: a coleção. In: BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 93-114. Disponível em: <http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/130/160/O%20SISTEMA%20MARGINAL.%20O%20sistema%20dos%20objetos.%20BAUDRILLARD%20Jean.%201993.pdf>. Acesso em: 28 set. 2025.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2a ed. Petrópolis: Vozes; 2002. p.189-217.

BAYERISCHEN AKADEMIE DER WISSENSCHAFTEN - BAdW. **Chronik der Akademie**. [online]. Disponível em: <https://badw.de/geschichte/chronik.html>. Acesso em: 18 out. 2025.

BIBRA, Ernst. **Reise in Südamerika**. Mannheim: Bassermann & Mathy, 1854. 2 band. Disponível em: [45000030371_Output.o.pdf](#) Acesso em: 28 set. 2025.

BLUMENBACHSCHE SCHÄDELSAMMLUNG, Georg-August-Universität Göttingen - GA. **Suche:** Sammlungsobjecte. [online]. Disponível em: <https://blumenbach-online.de/sammlungsobjekte/blumenbachs-schaedelsammlung#c338>. Acesso em: 18 out. 2025.

BOURDIEU, Pierre. Um espaço com três dimensões. In: BOURDIEU, Pierre. **A Distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 107-121.

BRASILIANA ICONOGRÁFICA. **Autores.** [online]. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/autores>. Acesso em: 18 out. 2025.

BRULON, Bruno. Pensar o pensamento museológico brasileiro: um olhar retrospecto para a Museologia. In: COSTA, Ana Lourdes de Aguiar; LEMOS, Eneida Braga Rocha de, org. **Anais 200 anos de museus no Brasil:** desafios e perspectivas. Brasília: Ibram, 2018. p. 14-21. 2018. Disponível em: <https://cedoc.museus.gov.br/publicacoes-ibram/anais-200-anos-de-museus-no-brasil-desafios-e-perspectivas/>. Acesso em: 18 out. 2025.

BRULON, Bruno. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. **TransInformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 107-114, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/DbzMxWw5sTW384L3mcqBJKJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

BURMEISTER, Hermann Conrad. **Reise nach Brasilien durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes.** Mit besonderer Rücksicht auf die Naturgeschichte der Gold und Diamantendistricte. Berlin: Drick von Georg Reimer, 1853. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4024>. Acesso em: 18 out. 2025.

CANCELA, Francisco. A flora da antiga capitania de Porto Seguro na viagem de Wied-Neuwied, 1815-1817: prática científica, inventário naturalista e colaboração indígena. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, n. 3, p. 811-837, jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9LddmKbk8NgxFWLfrpk9N3D/?format=html&lang=pt> Acesso em: 18 out. 2025.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações:** viajante e naturalista. Brasília: CAPES, 2025. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 25 mai. 2025.

CARLOTTA. **Databassystem för museisamlingar:** Etnografiska museet. [online]. Disponível em: <https://collections.smvk.se/carlotta-em/web>. Acesso em: 18 out. 2025.

CARNEIRO da CUNHA, Manuela. Política indigenista no século XIX. In: CARNEIRO da CUNHA, Manuela, org. **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das letras / Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1992. p. 133-54. Disponível em: www.etnolinguistica.org/hist:p133-154. Acesso em: 18 out. 2025.

CECULT/IFCH/UNICAMP - Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. **“Viajantes no Brasil, séculos XVIII e XIX”** [online]. Disponível em:

https://www.ifch.unicamp.br/cecult/viajantes/banco/menu_viajantes.htm. Acesso em: 17 set. 2024.

CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, p. 69-89, 1994. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf. Acesso em: 17 set. 2024.

CLOSS, José Guilherme Veras; VERAS, Mariana Matera; LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Entre objetos e vidas: Explorando a Ética em Museus e Coleções de Patologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 66, n.22, p. 49-65, 2023. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/9156>. Acesso em: 17 set. 2024.

COSTA, Christina Rostworowski da. **O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815-1817)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15042009-150645/pt-br.php. Acesso em: 17 set. 2024.

COSTA, Maria de Fátima, Os "meninos índios" que Spix e Martius levaram a Munique. **Artelogie**. [Online], n.14, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/artelogie/3774>. Acesso em: 17 set. 2024.

DAHL, Friedrich. A Fauna do Pará. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, v. 1, n. 4, p. 357-375, 1896. Disponível em: <https://archive.org/details/BoletimdoMuseuPTomoMuse/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 01 out. 2025.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013. Disponível em: Livro Conceitos-Chave da Museologia_v6.indd. Acesso em: 01 out. 2025.

DETMER, Wilhelm. **Botanische Wanderungen in Brasilien. Reiseskizzen und Vegetationsbilder**. Leipzig: Veit & Comp., 1897. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/23180#page/7/mode/1up>. Acesso em: 01 out. 2025.

DEUTSCHE BIOGRAPHIE. **Suche**: name. [online]. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/1057808725.html?language=en>. Acesso em: 01 out. 2025.

DEUTSCHEN NATIONALBIBLIOTHEK. **Katalog**. [online]. Disponível em: <https://portal.dnb.de/opac.htm>. Acesso em: 01 out. 2025.

DEUTSCHER MUSEUMS BUND. Guidelines - Care of Human Remains in Museums and Collection. Disponível em: <https://www.museumsbund.de/wp-content/uploads/2021/07/dmb-leitfaden-umgang-menschl-ueberr-en-web-20210625.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

ECKER, Alexander. Schädel von Eingeborenen Amerikas. In: ECKER, Alexander. **Catalog der anthropologischen Sammlung der Universität Freiburg i.Br.** Die anthropologischen Sammlungen Deutschlands 3. Braunschweig: Vieweg, 1880. p. 44-49. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=deyg8uDTwmUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 01 out. 2025.

EHRENREICH, Paul. Contribuições para a etnologia do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2. p. 20-135, 1948. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio:ehrenreich-1948-contribuicoes/ehrenreich_1948_contribuicoes.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.

EHRENREICH, Paul. **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX.** tradução de Sara Baldus; organização e notas por Julio Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. Disponível em: https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/MIOLO_LivroIndiosBotocudos_Jun2014_041214.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.

ENGEL, Franz. **Studien unter den Tropen Amerika's.** Jena: Friedrich Mauke, 1879. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=7r8CAAAAYAAJ&pg=PP7&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 01 out. 2025.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Brasilien, die neue Welt**, in topographischer, geonostischer, bergamennischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht, wanrend aimit Hinweinsung auf die neuren Begebenheiten, beobachtet. Braunschweig: Friedrich Bieweg, 1830. Disponível em: 45000008061_Output.o.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Novo Mappa da Capitania de Minas Geraes, 1821.** Biblioteca Digital do Exército (Portugal). Rede Nacional de Objetos Digitais (RNOD). Disponível em: <https://arquivodigital.defesa.pt/Images/winlibimg.aspx?skey=&doc=285698&img=64055>. Acesso em: 20 out. 2025.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Pluto brasiliensis.** tradução de Domício de Figueiredo Murta. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. 2v. (Edições do Senado Federal; v. 140). Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573547/000970489_Pluto_brasilensis.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

ETHNOLOGISCHES MUSEUM. **About us:** collection, history, profile, restitution. Disponível em: <https://www.smb.museum/en/museums-institutions/ethnologisches-museum/about-us/restitutions/>. Acesso em: 20 out. 2025.

FABIAN, Ann. **The Skull collectors. Race, science and america's unburied dead.** USA: University of Chicago Press, 2010. *E-book Kindle*.

FEEST, Christian. Os botocudos na Europa na década de 1820. *LEETRA Indígena - São Carlos*, vol. 25, n. 01p. 1-66, 2025. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/393006406_Os_Botocudos_na_Europa_na

_decada_de_1820_Leetra_indigena_251_Sao_Carlos_2025_ISSN_2764-412X.
Acesso em: 20 out. 2025.

FEEST, Christian. The Ethnographic Collection of Johann Natterer and the Other Austrian Naturalists in Brazil. **Archiv Weltmuseum Wien**, 63–64, p. 60–95, 2014. Disponível em: www.researchgate.net/profile/Christian-Feest/publication/262102774_The_Ethnographic_Collection_of_Johann_Natterer/link/s/585ee4d708ae329d61f9b7b5/. Acesso em: 20 out. 2025.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Arqueologia do Sul do Brasil e política colonial em Hermann von Ihering. **Anos 90**, v. 12, n.21, p. 415-36, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6380>. Acesso em: 20 out. 2025.

FILGUEIRAS, Carlos Alberto. Prefácio. In: PECKOLT, Theodor; PECKOLT, Gustavo. História das plantas medicinais e úteis do Brasil. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 9-12. Disponível em: https://www.ufmg.br/mhnbj/ceplamt/wp-content/uploads/2017/08/MIOLO_PLANTAS-MEDICINAIS.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

FREYREISS, Georg Wilhelm. Viagem a varias tribus de selvagens na capitania de Minas-Geraes; permanencia entre elles, descrição de seus usos e costumes. **Revista do Instituto Historico e Geographico**. v. VI, p. 236-252, 1900-1901. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afreireyss-1902-viagem/freireyss_1902_viagem.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

FREYREISS, Georg Wilhelm. Viagem ao Interior do Brazil nos anos de 1814-1815 pelo naturalista G. W. Freyreiss. Tradução de Alberto Löefgren. **Revista do IGHSP**, São Paulo, v. IX, p. 158-228, 1906. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afreireyss-1906-viagem/freireyss_1906_viagem.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGOROVIVUS, Ferdinand. Ernst von Bibra. **The Roman journals of Ferdinand Gregorovivus**, 1852-1874, 30 set. 1871. p. 409-10. Disponível em: <https://ia601601.us.archive.org/34/items/romanjournalsoff00gregiala/romanjournalsoff00gregiala.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

GROLA, Diego Amorim. **Coleções científicas**: instituições, cientistas e colecionadores - São Paulo, 1886-1916. 2024. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08102024-113614/pt-br.php>. Acesso em: 20 out. 2025.

GROLA, Diego Amorim. **Coleções de história natural no Museu Paulista, 1894-1916**. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22102014-185744/pt-br.php>. Acesso em: 20 out. 2025.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina O. (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, v. 1, p. 123-126, 2010. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2023/03/cat-WALDISA-volume-1-pags-simples.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

HENSEL, Reinhold. Die Schädel der Coroados. **Ethnologie**, Berlim, p. 195-204, 1870. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Ahensel-1870-schadel/Hensel_1870_Schadel.pdf. Acesso em: 08 out. 2025.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Box As eras**. [recurso eletrônico]; tradução Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel. São Paulo: Paz e Terra, 2023. *E-book Kindle*.

IBERO-AMERIKANISCHE INSTITUT. **Quem somos**. [online]. Disponível em: <https://www.iai.spk-berlin.de/pt/quem-somos.html>. Acesso em: 20 out. 2025.

IHERING, Hermann von. A Antropologia do Estado de São Paulo. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 7, p. 202-59, 1907. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1907-anthropologia/ihering_1907_anthropologia_archive.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

IHERING, Hermann von. As cabeças mumificadas pelos índios Mundurucús. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, v. 7, p. 179-201, 1907. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1907-anthropologia/ihering_1907_anthropologia_archive.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

IHERING, Hermann von. Os Botocudos do Rio Doce. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. VIII, p. 38-51, 1911. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aihering-1911-botocudos/ihering_1911_botocudos_archive.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

IHERING, Hermann von. Zur Reform der craniometrie. **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, 5. Bd., p. 121-169, 1873. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/23029186.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

INSTITUTO KAROLINSKA. **FAQ on the human remains in KI's collections**. [online]. Estocolmo: IK, 2025. Disponível em: <https://ki.se/en/about-ki/history-and-cultural-heritage/faq-on-the-human-remains-in-kis-collections>. Acesso em: 20 out. 2025.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS – ICOM. ICOM Standing Committee (ETHCOM) Revision of ICOM Code of Ethics for Museums. **Third draft of the revised code of ethics for museums**. August - October 2025. Disponível em: <https://icom-czech.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/34/2025/11/Third-draft-of-ICOM-Code-of-Ethics-for-Museums.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

JAHODA, Gustav. Intra-European Racism in the Nineteenth-Century Anthropology. **History and Anthropology**, 2009, v. 20, n. 1, p. 37-57. Disponível em: <http://reparti.free.fr/jahoda2009.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

JUNGHANS, Miriam Elvira. **Ordenar o mundo e sondar a natureza: o projeto humboldtiano de friedrich sellow (1789-1831)**. 2017. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://arca.fiocruz.br/items/5db001e0-49c9-42bb-90c9-c16851fa0480>. Acesso em: 30 out. 2025.

KITTTLITZ, Friedrich Heinrich von. **Denkwürdigkeiten einer Reise nach dem russischen Amerika, nach Mikronesien und durch Kamtschatka**. Gotha: Perthes, 1858. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/de/view/bsb10467154?page=223>. Acesso em: 30 out. 2025.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. *E-book Kindle*.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 863–880, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/grhQqtzkqm3FRhdYhZWY94k/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2025.

LANGSDORFF, Georg Heinrich von. **Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807** Frankfurt am Main: Friedrich Wilmans, 1812. v. 1. Disponível em: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807 (Volume 01)*. Acesso em: 30 out. 2025.

LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 7–19, fev. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/B9zhVQTcwBy8NWRQ5SxZwXf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2025.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Natureza e naturalistas. **Imaginário**, n. 3, p. 31-57, 1996. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1hnzJ2FG61QzfU4_4ZtLfxIPTa8i8qdGS/view. Acesso em: 30 out. 2025.

LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: A natureza e a civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. Mediadores na viagem de Spix e Martius pelo Brasil: uma experiência de travessia de culturas e transferência de saberes. In: BIRLE, Peter; CARRERAS, Sandra; PAAP, Iken; SCHMIDT-WELLE, Friedhelm (eds.). **Producción de saberes y transferencias culturales: América Latina en contexto transregional**. Madri: Ilberoamericana Vervuanet, 2023. p. 213-38.

LISBOA, Karen Macknow. **Viajantes de língua alemã no Brasil: olhares sobre a sociedade e a cultura (1893-1942)**. 2002. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MACHADO, Ricardo Ferreira. **Visões naturalistas sobre os indígenas brasileiros entre 1880 e 1910**. 2020. 239 f. Tese (Doutorado em Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32767/1/Tese.Ricardo.Machado...pdf>. Acesso em: 30 out. 2025.

MANIZER, Genrikh Genrikhovich. Vida e viagens do acadêmico Grigóry Ivanovitch Langsdorff (1774-1852). In: MANIZER, Genrikh Genrikhovich. **A Expedição do Acadêmico G. I. LANGSDORFF ao Brasil (1821-1828)**. Edição póstuma organizada por B. G. Xprintsin. Tradução de Osvaldo Peralva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. p. 31-58. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or375746/or375746.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2002. p. 62-137.

MARKK - Museum am Rothenbaum Kulturen und Künste der Welt. **Provenance research in the anthropological collections of the University of Göttingen and MARKK Hamburg**. Disponível em: <https://markk-hamburg.de/en/human-remains-from-colonial-contexts/>. Acesso em: 03 set. 2025.

MARTENS, Ernst von. Obituário: Reinhold Friedrich Hensel. **Revista de da Academia Alemã de Cientistas Naturais Leopoldina**, Ed. 18, n. 3-4, p. 19, 1882. Disponível em: https://archive.org/stream/jahresberichtef03berluoft/jahresberichtef03berluoft_djvu.txt. Acesso em: 30 out. 2025.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MITCHELL, Paul Wolf; MICHAEL, S. Bias, Brains, and Skulls Tracing the Legacy of Scientific Racism in the Nineteenth-Century Works of Samuel George Morton and Friedrich Tiedemann. In: JACKSON, Christina e THOMAS, Jamie (eds.). **Embodied Difference: Divergent Bodies in Public Discourse**. Lanham, MD: Rowman e Littlefield, 2019, p. 77-98. Disponível em: <https://works.swarthmore.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1253&context=fac-linguistics>. Acesso em: 30 out. 2025.

MÖLLER, Alfred. Vorwort. In: MÖLLER, Alfred. **Brasilische Pilzblumen**. Jena: Gustav Fischer. 1895. p. v-vii. Disponível em: https://www.zobodat.at/pdf/MON-B-PHAN_0293_0001-0319.pdf. Acesso em: 03 set. 2025.

MONTECHIARE, Renata. Pessoas mortas vivendo em museus: os 'objetos-humanos' do Museo Nacional de Antropología, de Madrid. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, 2020, v. 15, n. 1, e20190056. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/WCZLKbXCdRytWVYwfFQTHYD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2025.

MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Brasília: Senado Federal, 1998. 2v. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1023>. Acesso em: 30 out. 2025.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO MAE-USP. **Acervo**. [online]. São Paulo: MAE, 2025a. Disponível em: <https://mae.usp.br/acervo/>. Acesso em: 17 out. 2025.

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO MAE-USP. **Pesquisa em acervos** [online]. São Paulo: MAE, 2025b. Disponível em: <https://mae.usp.br/aceso-ao-acervo/>. Acesso em: 17 out. 2025.

MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – MZ-USP. **Coleções Zoológicas**. [online]. Disponível em: <https://mz.usp.br/pt/pos-graduacao/pos-graduacao-em-sistemica-taxonomia-animal-e-biodiversidade/infraestrutura/colecoes-zoologicas/>. Acesso em: 17 out. 2025.

MUSEU DO IPIRANGA. **Atendimento a pesquisadores**. [online]. Disponível em: <https://museudoipiranga.org.br/atendimento-a-pesquisadores/>. Acesso em: 17 out. 2025.

MUSEU PAULISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Material para Professores** / Isabela Ribeiro de Arruda, Denise Cristina Carminatti Peixoto e Vanessa Costa Ribeiro (org.). São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: https://museudoipiranga.org.br/wp-content/uploads/2024/09/uma_historia_do_brasil.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

MUSEUM FÜNF KONTINENTE -MFK. **Geschichte des Museums**. [online]. Disponível em: <https://www.museum-fuenf-kontinente.de/museum/geschichte-des-museums.html/> Acesso em: 17 out. 2025a.

MUSEUM FÜNF KONTINENTE - MFK. **Sammlung Online**. [online]. Disponível em: <https://onlinedatenbank-museum-fuenf-kontinente.de/> Acesso em: 17 out. 2025b.

NATURAL HISTORY MUSEUM - NHM. Plant collectors; **Freyreiss, Georg Wilhelm (1789-1825)**. [online]. Ithaka: Jstor, 2025. Disponível em: <https://plants.jstor.org/stable/10.5555/al.ap.person.bm000002728>. Acesso em: 18 out. 2025.

NHMW - NATURHISTORISCHES MUSEUM WIEN. **Brazil and the NHM Vienna**. Invitation to the press conference: "BRAZIL. 200 years of relations". Press release. [online]. Vienna, 7 jun. 2022. https://www.nhm-wien.ac.at/jart/prj3/nhm-resp/data/uploads/20220607_PRESSEMAPPE_Brasilien_EN_Verlaengerung_2023-03-15_1503778.pdf. Acesso em: 03 out. 2024. Acesso em: 03 out. 2024.

NATURHISTORISKA RIKSMUSEET - NR. **Söka**: Freyreiss. [online]. Disponível em: <https://www.nrm.se/> Acesso em: 18 out. 2025.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora UnB, 2004.

NEHER, Clarissa. **Museus europeus guardam, ao menos, 28 crânios de indígenas brasileiros**. [online]. Berlin, 19 mar. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2017/03/19/cranios-de-indigenas-brasileiros-controverso-legado-colonial-alemao.htm?cmpid>. Acesso em: 17 set. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História; **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, 1993, n. 10, p. 7-28. Disponível em: 12101-Texto do artigo-29004-1-10-20121015.PDF. Acesso em: 18 out. 2025.

OBERMEIER, Franz. **Publicações sobre o Brasil em Língua Alemã (1500-1900)**. Resenha bibliográfica. Coedição: Fundação Visconde de Porto Seguro / Instituto Martius-Staden, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/122332987/Deutschsprachige_BrasilienliteraturPublica%C3%A7%C3%B5es_sobre_o_Brasil_em_L%C3%ADngua_Alem%C3%A3_1500_1900_Bibliografisches_Verzeichnis_Resenha_bibliogr%C3%A1fica_Band_1_Vol_1. Acesso em: 18 out. 2024.

PACHEDO DE OLIVEIRA, João. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). **Sociedades indígenas & indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero / UFRJ, 1987. p. 84-149. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aoliveira-1987-elementos/Oliveira_1987_ElementosSociologiaViajantes.pdf. Acesso em: 18 out. 2024.

PACHEDO DE OLIVEIRA, João. O retrato de um menino Bororo: narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus, séculos XIX e XXI. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 73-99, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/W49HmJhNTMDPYrGgBL3zd4x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2024.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos; v. 2.). Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190653/17105304-documentacao-museologica-gestao-acervo.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. Os botocudos do leste na ótica dos viajantes do século XIX (1815-1820). In: Almeida, Luiz Sávio de; Galindo, Marcos. **Índios do Nordeste**: temas e problemas 3. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 97-128. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/index:almeida-2002-indios>. Acesso em: 18 out. 2024.

PENNMUSEUM. **Morton Cranial Collection**. Statements & Policies [online]. Pensilvania, 20 jun. 2025. Pensilvania: PennMuseum, 2025. Disponível em: <https://www.penn.museum/about/statements-and-policies/morton-cranial-collection>. Acesso em: 18 out. 2025.

PENNY, H. Glenn. **Objects of Culture: Ethnology and Ethnographic Museums in Imperial Germany**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002. *E-book Kindle*.

PETSCHELIES, Erik. **As redes da etnografia alemã no Brasil (1884-1929)**. 2019. 607 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Apetschelies-2019/Petschelies_2019_As_redes_da_etnografia_alema_no_Brasil.pdf Acesso em: 18 out. 2025.

PETSCHELIES, Erik. **Ascensão e declínio da etnologia alemã (1884-1950)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2025. *E-book Kindle*.

PETSCHELIES, Erik, 2021. **O Decano da etnografia sul-americana: vida e obra de Karl von den Steinen**. [online] Paris, Berosé, 2021. Encyclopédie Béroser des histoires de l'anthropologie. Disponível em: <https://www.berose.fr/article2527.html?lang=fr> Acesso em: 18 out. 2025.

PETSCHELIES, Erik. O Museu Paulista, Hermann von Ihering (1850 1930) e os ameríndios. **Revista de antropologia**, São Paulo, v. 66, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/xwBm3SQtfQP9xHJCnqSjHsC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira. **A ornitologia do Brasil através das idades (século XVI a século XIX)**. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1979. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Apinto-1979-ornitologia/Pinto_1979_AOrnitologiaDoBrasilAtravesDasIdades.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.

PIRES, Fernando Dias de Avila. Introdução à Mastozoologia do Brasil Meridional. **Revista Brasileira de Zoologia**, São Paulo, v. 4, n.2, p. 115-128, 1987. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbzool/a/PqxHjpBwZKxbJQDcyGDTH4j/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

PLATZMANN. **Aus der Bai von Paranaguá**. Leipzig: B. G. Teubner, 1872. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4472>. Acesso em: 18 out. 2025.

POEPPIG, Eduard. **Reise in Chile, Peru und auf dem Amazonenstrome während der Jahre 1827-1832: nebst einem Atlas von 16 Blättern in Royalfolio und einer Reisekarte**. Leipzig: Fleischer, 1837. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/de/view/bsb10366733?page=,1>. Acesso em: 18 out. 2025.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de; Schönitzer, Klaus. Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius. **Anais de História de Além-Mar**, Lisboa, XIX, p. 189-220, 2018. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/aham/issue/view/1788>. Acesso em: 18 out. 2025.

RIEDL, Titus. De índios, crânios e seus 'coleccionadores': dados sobre o exotismo e a trajetória da antropologia, no Brasil do século XIX. **Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n. 1/2, 115-13, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/10299>. Acesso em: 18 out. 2025.

SÁ, Guilherme José da Silva e; SANTOS, Ricardo Ventura; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SILVA, Elizabeth Christina da. Crânios, corpos e medidas: a constituição do acervo de instrumentos antropométricos do Museu Nacional na passagem do século XIX para o XX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.197-208, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qHzj7XNHG9qSrP5RYDhXw4v/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo**; tradução e introdução de Afonso de E. Taunay. Brasília: Sena do Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1059>. Acesso em: 18 out. 2025.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun., p.415-435, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VqfBKFgFsKfJHxrBYM9CcwP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

SANTOS Rita de Cássia Melo Sobre crânios, idiomas e artefatos indígenas: o colecionismo e a História Natural na viagem de Johann Natterer ao Brasil (1817-1835) **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 21, n. 1, p. 10-26, jan./jun. 2018. Disponível em: revistas.ufg.br/fcs/article/view/54909/26192. Acesso em: 18 out. 2025.

SCHAAFFHAUSEN, Hermann. **Frankfurt a. M.**: Naturforschenden Gesellschaft Braunschweig:Vieweg, 1880. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11176319?page=,1>. Acesso em: 18 out. 2025.

SCHAAFFHAUSEN, Hermann. **Die anthropologische Sammlung des Anatomischen Museums der Universität Bonn**. Braunschweig: Vieweg, 1877. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Die_Anthropologische_Sammlung_des_Anatom.html?id=GPI9B4KH9t4C&redir_esc=y. Acesso em: 18 out. 2025.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: <https://fabioperiandro.adv.br/wp-content/uploads/2021/03/O-Espetaculo-das-Racas-Cienti-Lilia-Moritz-Schwarcz.pdf>. Acesso em: 18 out. 2025.

SCHÖNITZER, Klaus. **Johann Baptist von Spix e sua contribuição para a pesquisa da fauna brasileira**. Tradução de Dr. Hermann Kux. São Leopoldo: Oikos, 2022. Disponível em: [Johann%20Baptist%20Spix%20e%20a%20pesquisa%20da%20fauna%20brasileira%20-%20e-book.pdf](https://www.oikos.org.br/wp-content/uploads/2022/08/Johann%20Baptist%20Spix%20e%20a%20pesquisa%20da%20fauna%20brasileira%20-%20e-book.pdf). Acesso em: 18 out. 2025.

SciELO - Scientific Electronic Library Online. **Buscar:** viajante, naturalista, crânios. [online]. Brasília: SciELO. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 03 mai. 2025.

SENCKENBERG NATURHISTORISCHE SAMMLUNGEN - SNS – Dresden. **Search:** Freyreiss. [online]. Disponível em: <https://www.senckenberg.de/de/?s=freyreiss&serachoption>. Acesso em: 01 out. 2025.

SPENGEL, Johann Wilhelm. **Die von Blumenbach gegründete anthropologische Sammlung der Universität Göttingen.** Göttingen, 1874. Disponível em: <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11176318?page=,1>. Acesso em: 01 out. 2025.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. **Viagem pelo Brasil (1817-1820).** tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer- Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. 3v.

STAFFORD, Barbara Maria. **Voyage into substance:** art, science, nature, and the illustrated travel account, 1760-1840. Cambridge: MIT Press, 1984. Disponível em: <https://archive.org/details/voyageintosubsta0000staf>. Acesso em: 01 out. 2025.

STEINEN, Karl von den. **O Brasil central:** expedição em 1884, para a exploração do Rio Xingu. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1942. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/439>. Acesso em: 01 out. 2025.

STOCKING, George Ward. **Race, culture and evolution.** New York: Free Press, 1968.

THE ENCYCLOPEDIA AMERICANA. **Bibliographies.** [online]. Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopediaamer01unse>. Acesso em: 01 out. 2025.

THUNBERG, Carl Peter. **Plantarum Brasiliensium.** Upsala: Zeipel et Palmblad, [1817-21]. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/21860#page/11/mode/1up>. Acesso em: 18 out. 2025.

THOMPSON, Analucia. **A coleção Natterer:** objetos indígenas brasileiros. 2012. 305f. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://museologia.ulusofona.pt/images/teses%20sociomuseologia/Analucia%20Thompson.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

UCHÔA, Raphael Bezerra da Silva. **A ruína dos povos:** raça americana e saber selvagem na ciência de Carl F. Ph. von Martius (1794-1868). 2011. 321 f. Tese (Doutorado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21835/2/Raphael%20B.%20S.%20Uch%C3%B4a.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.

UNIVERSITÄT BONN. **Das Universitätsarchiv Bonn.** [online]. Disponível em: <https://www.uni-bonn.de/de/universitaet/organisation/weitere-einrichtungen/archiv-der-universitaet/universitaetsgeschichte-1/geschichte-der-rheinischen-friedrich-wilhelms-universitaet>. Acesso em: 18 out. 2025.

UNIVERSITÄT FREIBURG - UFr. **Die Alexander Ecker Sammlung**. [online]. Freiburg: UFr, 2025a. Disponível em: https://www.act.uni-freiburg.de/de/reziproke-provenienzforschung/sammlung?set_language=de. Acesso em: 18 out. 2025a.

UNIVERSITÄT FREIBURG - UFr. **Universitätsarchiv Freiburg**. [online]. Freiburg: UFr, 2025. Disponível em: <https://archiv.uni-freiburg.de:8443/actaproweb/archive.xhtml> Acesso em: 18 out. 2025b.

UNIVERSITÄT FREIBURG - UFr. **Human Remains kehren nach Hause zurück**. [online]. Freiburg, 08 out. 2025. Freiburg: UFr, 2025. Disponível em: <https://uni-freiburg.de/human-remains-kehren-nach-hause-zurueck/>. Acesso em: 18 out. 2025c.

VAN VELTHEM, Lucia Hussak. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, jan. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/xYrSMkw9N7hnkyhxDkMY3gt/?format=pdf&lang=pt/>. Acesso em: 18 out. 2025.

VIEIRA, Marina Cavalcante. **Figurações Primitivistas**: trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos. 2019. 263 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/17708>. Acesso em: 18 out. 2025.

VAN MESNCH, Peter.

VON WIED-NEUWIED, Maximilian. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 2v. (Coleção reconquista do Brasil. 2. série v. 156). Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:maximiliano-1989-viagem>. Acesso em: 18 out. 2025.

VON WIED-NEUWIED, Maximilian. **Voyage au Brésil, dans les années 1815, 1816 et 1817**. Atlas. Paris: Arthus Bertrand, 1822. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:wied-1822-voyage>. Acesso em: 18 out. 2025.

WINKELMANN, Andreas. Repatriations of human remains from Germany – 1911 to 2019. **Museum & Society**, v. 18, n. 1, p. 40–51, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29311/mas.v18i1.3232>. Acesso em: 18 out. 2025.

APÊNDICE A – LISTA DO CECULT/UNICAMP

O Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) em seu arquivo “Viajantes no Brasil, séculos XVIII e XIX” apresenta 588 verbetes que totalizam 545 autores, pois há 27 verbetes sem autoria, uma autoria institucional, sete repetições e seis verbetes em que não foi possível levantar a autoria. Ainda que a Cecult informe que se trata de autores dos séculos XVIII e XIX, predominam do século XIX (92,3%) conforme pode ser visto na Tabela A1.

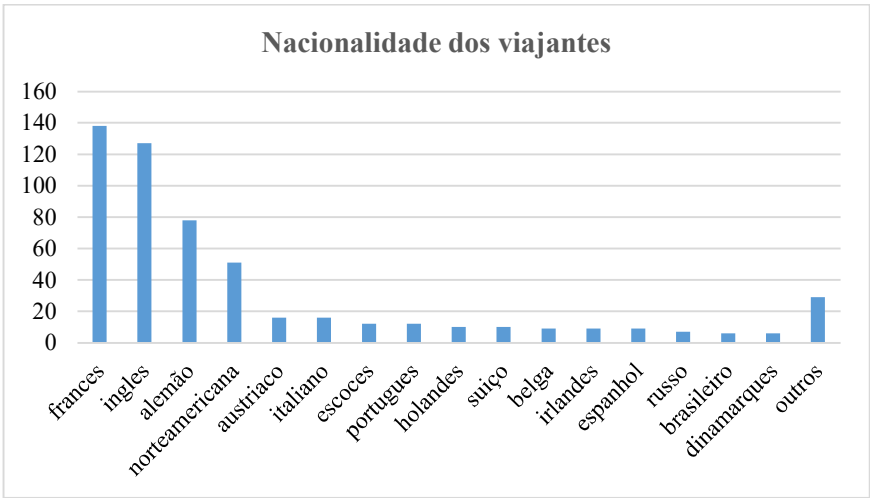
Tabela A1- Autores da lista Cecult por século

Século	Autores
XX	12
XIX	503
XVIII	30
XVII	1
XVI	1
Total	545

Fonte: Mascarenhas, 2024

Quanto à nacionalidade dos autores, o Gráfico A1 mostra que predominam os autores europeus (478) sobre os americanos (67), em sua maioria norte-americanos (51), seguidos de brasileiros (6), argentinos (4). Canadenses (3), dois chilenos e um venezuelano.

Gráfico A1- Nacionalidade dos autores da lista do Cecult

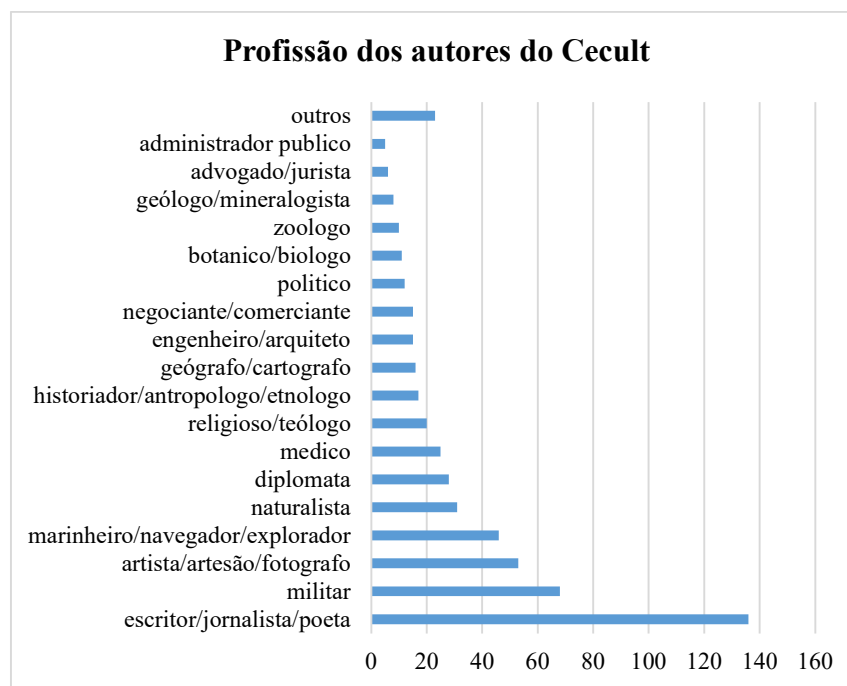


Fonte: Mascarenhas, 2024

A maioria dos autores é francês (138), seguido dos ingleses (127), alemães (78), norte-americanos (51), austríacos e italianos (16), escoceses e portugueses (12). Holandeses e suíços (10). Belgas, espanhóis e irlandeses (9), russos (7) e brasileiros e dinamarqueses (6), havendo ainda 29 outros autores²⁹.

Quanto à profissão dos autores, a maioria é de escritores (136), seguido dos militares (68) e dos artistas (53) conforme mostra o Gráfico A2.

Gráfico A2- Profissão dos autores da lista do Cecult



Fonte: Mascarenhas, 2024

Há profissões muito variadas como luthier, designer de medalhas, relojoeiro, boticário e alpinista e atribuições como dois criminosos, fazendeiro escravocrata, traficante de escravizados e até três abolicionistas. Há ainda a menção de um militar aposentado por cegueira em combate que se tornou o primeiro viajante cego. Há somente onze viajantes mulheres na lista.

Dos 545 são 14 autores alemães do século XIX, sendo nove naturalistas, dois botânicos, um zoólogo um médico e um antropólogo, conforme pode ser observado no Quadro A1.

²⁹ Argentino (4), polonês (4), canadense (3), sueco(3), Chileno (2), Estoniano (2), Tcheco (2), ucraniano (2), Grego (1), Húngaro (1), letão(1), Norueguês (1), Otomano (1), Sanmartiniano (1), Venezuelano (1).

Quadro A1- Naturalistas alemães do século XIX da lista Cecult

Autor	Profissão	Vida	Quando no Brasil	Estado	Conti-nente
AVÉ-LALLEMANT, Robert	médico	1812-1884	1836-1855 1858-1859	AM, S, NE	Am, Af
BIBRA, Ernst von	naturalista	1806-1878	1825-1834		Am
BURMEISTER, Hermann	naturalista	1807-1892	1850-1852	S	Am
DETMER, Wilhelm	botânico	1850-1930	189?	PE, BA, MG, SP, RJ, ES	Am, As
ESCHWEGE, Wilhelm C. L.	naturalista	1777-1855	1810-1821	MG	Am
FREYREISS, Georg Wilhelm	naturalista	1789-1825	1813-1818	BA, MG	Am
HUMBOLDT, Alexander von	naturalista	1769-1859	Não visitou	Não consta	Am, Af, As
LANGSDORFF, Georg H. von	naturalista	1774-1852	1803-1804 1813-1830	SC MG MT	Am, As, Af, Oc
PLATZMANN, Julius	botânico	1832-1902	1858-1864	RJ PR	Am
SPIX, Johann Baptist von	naturalista	1781-1826	1817-1820	RJ SP MG MA PI GO BA	Am
STEINEN, Karl von den	antropólogo	1855-1929	1884-1888	AM PA	Am, As, Af, Oc, At
MAXIMILIAN, Prinz du Wied-Neuwied	naturalista	1782-1867	1815-1817	RJ BA ES	Am, As
THERESE, Prinzeessin von Bayern	naturalista	1850-1925	1888	AM RJ MG ES	Am, Af, As
ZIMMERMANN, Eberhard	zoólogo	1743-1815	Não visitou	Não consta	Eu

Fonte: Mascarenhas, 2024

Legenda: Am= América, As= Ásia, Af= África, Oc= Oceania, Eu= Europa, At= Antártica

A lista do Cecult apresenta um naturalista, Alexander von Humboldt, e um zoólogo, Eberhard vom Zimmermann que nunca estiveram no Brasil. A lista não separa Sipx e Martius mantendo-os como coautores. De Detmer não foi possível determinar o ano exato, mas veio nos primeiros anos de 1800.

Esses viajantes visitaram todas as regiões do Brasil, alguns somente uma região como Burmeister (Sul), outros exploraram várias regiões como Langsdorff (S, SE, CO) e Avé-Lalemant (S, N, NE).

A maioria dos naturalistas só viajou pela América (6), e dois realizaram circum-navegação, com destaque para Karl von Steinen que explorou a Antártica.

APÊNDICE B - LISTA DE OBERHEIMER

A lista de títulos de livros em língua alemã que se referem ao Brasil de 1500 a 1900 de Oberheimer (2011) contêm 913 verbetes. Destes livros, 68 não apresentam autoria, duas são autorias institucionais e há 318 repetições de autoria ou de livros resultando em uma lista de 525 autores. Os autores com maior número de livros listados são Avé-Lallemant (15), Vespucci (14) e Martius (13).

A maioria dos autores publicou no século XIX (394), seguido dos séculos XVIII (83), XVII (26), XVI (21), e somente um no século XV (Tabela B1). São somente catorze mulheres autoras, sendo oito alemãs.

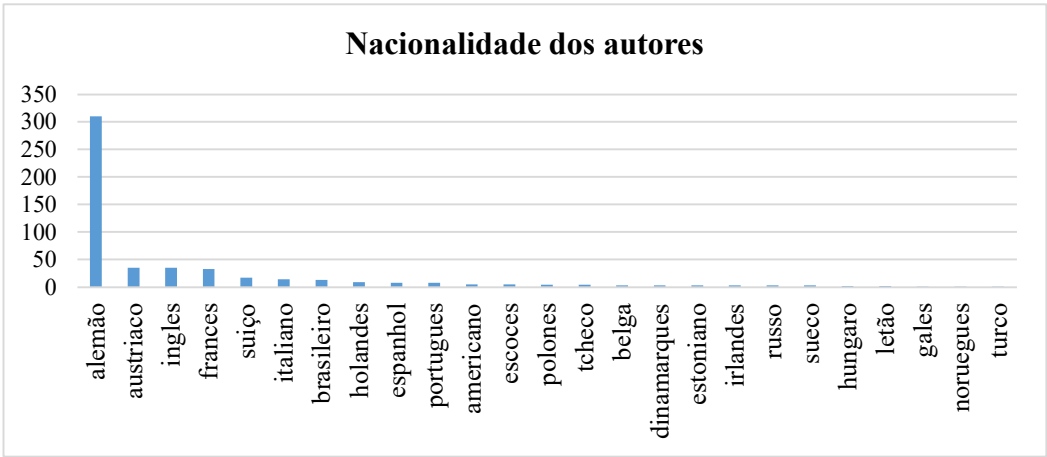
Tabela B1- Autores da lista Oberheimer por século

Século	Autores
XIX	394
XVIII	83
XVII	26
XVI	21
XV	1
Total	525

Fonte: Mascarenhas, 2024

Das 25 nacionalidades dos autores dos livros, a maioria é naturalmente de língua alemã, sendo 309 alemães, 35 austríacos e 17 suíços. Dos demais, a maioria é europeia notadamente ingleses (36), franceses (33) e italianos (14). Há alguns americanos, desses treze brasileiros e cinco norte-americanos, conforme pode ser observado no Gráfico B1.

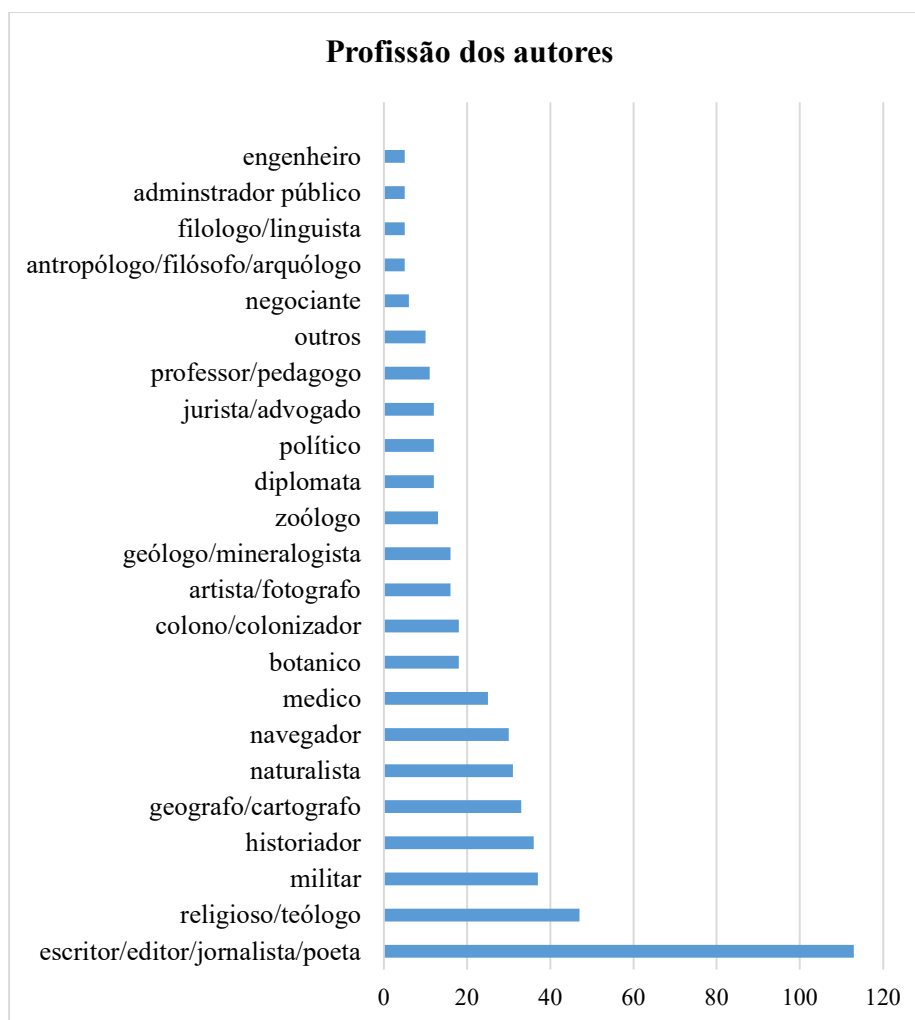
Gráfico B1- Nacionalidade dos autores



Fonte: Mascarenhas, 2024

O gráfico B2 apresenta a profissão dos autores, sendo a maioria escritores, editores, jornalistas ou poetas (113), seguido dos religiosos ou teólogos (47), militares (37), historiadores (36), cartógrafos e geógrafos (33), sendo 31 naturalistas.

Gráfico B2- Profissão dos autores



Fonte: Mascarenhas, 2024

Dos 268 autores alemães do século XIX que cabe um aprofundamento da pesquisa foram encontrados 25, entre doze naturalistas (Bibra, Burmeister, Engel, Ehrenreich, Eschwege, Freyreiss, Kittlitz, Langsdorff, Martius, Peckolt, Spix, Wied-Neuwied), cinco zoólogos (Breitenbach, Dahl, Hensel, Ihering, Poeppig,), quatro botânicos (Detmer, Möller, Platzmann, Wittelsbach), Um Médico (Ave-Lallemant), um antropólogo, um biólogo (Hensen) e um arqueólogo (Steinen), listados na Quadro B1.

Quadro B1- Autores alemães do século XIX: sua profissão e sua vinda ao Brasil

Autor	Profissão	Vida	Quando no Brasil	Estado/Região	Conti-nente
AVE-LALLEMANT, Robert	médico	1812-1884	1836-1855 1858-1859	AM, S, NE	Am, Af
BIBRA, Ernst von	naturalista	1806-1878	1825-1834	AM	Am
BREITENBACH, Wilhelm	zoólogo	1856– 1937	1881-1883	S	Br
BURMEISTER, Hermann	naturalista	1807-1892	1850-1852	S	Am
DAHL, Friedrich	Zoólogo	1856-1929	189?	PA	Am, Oc
DETMER, Wilhelm	botânico	1850-1930	189?	PE, BA, MG, SP, RJ, ES	Am, As
ENGEL, Franz	naturalista	1834-1920	1857-1963	AM	Am
EHRENREICH, Paul	naturalista	1855-1914	1884-1888	MG ES MT GO TO AM	Am, As
ESCHWEGE, Wilhelm C. L.	naturalista	1777-1855	1810-1821	MG	Br
FREYREISS, Georg Wilhelm	naturalista	1789-1825	1813-1818	BA, MG	Br
HENSEL, Reinhold	zoólogo	1826-1881	186?	Sul	Br
HENSEN, Victor	biólogo	1835-1924	186?	AM	Am, Af, As
IHERING, Hermann von	zoólogo	1850-1930	1880-1916	SP	Br
KITTLITZ, F. H. von	naturalista	1799-1874	182?	RJ	Am, As, Af, Oc
LANGSDORFF, Georg H. von	naturalista	1774-1852	1803-1804 1813-1830	SC MG MT	Am, As, Af, Oc
MARTIUS, Carl F. P. von	naturalista	1794-1868	1817-1820	RJ SP MG MA PI GO BA	Br
MÖLLER, Alfred	botânico	1860-1921	1880-1893	SC	Br
OLFERS, Ignaz Franz Maria	naturalista	1793-1871	1816-1821	SP MG	Br
PECKOLT, Theodor	naturalista	1822-1912	1847-1912	MG ES RJ	Br
PLATZMANN, Julius	botânico	1832-1902	1858-1864	RJ PR	Br
POEPPIG, Eduard	zoólogo	1798-1868	1831-1832	AM	Am
SPIX, Johann Baptist von	naturalista	1781-1826	1817-1820	RJ SP MG MA PI GO BA	Br
STEINEN, Karl von den	antropólogo	1855-1929	1884-1888	AM PA	Am, As, Af, Oc, At
WIED-NEUWIED, Maximilian	naturalista	1782-1867	1815-1817	RJ BA ES	Am, As
WITTELSBACH, Therese C. M. A.	botânico	1850-1925	1888	AM RJ MG ES	Am, Af, As

Fonte: Mascarenhas, 2024

Legenda: Br= Brasil, Am= América, As= Ásia, Af= África, Oc= Oceania, Eu= Europa, At= Antártica

Quanto ao tempo de permanência no Brasil, não foi possível determinar de cinco cientistas, sendo que dois viajantes permaneceram mais de trinta anos se estabelecendo do país, sendo, portanto, imigrantes, quatro permaneceram entre onze e vinte anos, e a maioria (14) explorou o país por até dez anos.

As regiões mais exploradas no país foram por ordem decrescente Sudeste (14), Norte (9), Sul (7), Nordeste (6) e Centro-oeste (3).

A metade dos naturalistas viajantes (12) visitou exclusivamente o Brasil, 14 visitaram a América, oito a Ásia, seis a África, quatro a Oceania e um a Antártica.

APÊNDICE C- LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO CAPES

O levantamento na base de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as palavras-chave “naturalista” e “viajante” em maio de 2025 resultou em 139 produções datadas de 1990 a 2024, a maioria (54) entre 2000 e 2019 (Tabela C1), sendo que nenhuma se referia a coleta de crânios.

Tabela C1- Produções acadêmicas por década

Década	Autores
2020-2025	30
2010-2019	39
2000-2009	54
1990-1999	16
Total	139

Fonte: Mascarenhas, 2025

São 44 teses de doutorado e 95 dissertações de mestrado (sete de mestrado profissional), a maioria da área de História (42), seguida de Letras, Literatura e Linguística (22), Geografia (10), Educação (9), interdisciplinar (7) e Antropologia (5)³⁰ e somente uma de Museologia (Lima, 2019), que analisa uma coleção de armas do Museu Nacional.

Dessas 139 produções 38 se referem a outros assuntos como Letras e Literatura (10), Engenharia e Computação (7), Turismo e Lazer (6), Ecologia, Meio Ambiente e Biologia (5), Educação (5), Urbanismo e Imigração (3) e dois outros assuntos (Filosofia e Economia).

Das 101 pesquisas que se referem a viajantes naturalistas, uma não se refere ao Brasil e onze não se referem ao século XIX. Das 89 produções sobre viajantes naturalistas do século XIX que estiveram no Brasil, 42 não analisam alemães, sendo que de oito produções não foi possível verificar, pois não estão digitalizadas.

Das 42 produções não se referem a naturalistas alemães, considerando que há trabalhos que citam mais de um autor, a maioria (19) analisa franceses, mencionando

³⁰ Turismo (4), Saúde (4), Arte (4), Engenharia (4), Arquitetura e Urbanismo (4), Ciências do Ambiente (4), Computação (3), Biologia, Botânica, Zoologia (3), Administração (2), Sociologia (1), Religião (1), Museologia (1), Agronomia (1), Filosofia (1) e Geociências (1).

sete³¹ diferentes naturalistas, seguido de dez analisam quatro diferentes britânicos³², cinco que mencionam o suíço Jean Louis Rodolphe Agassiz, três que analisam o tcheco Johann Baptist Emanuel Pohl, dois que mencionam norte-americanos³³ e um se refere ao austríaco Johann Natterer, sendo que Saint-Hilaire (6) e Agassiz (4), os mais mencionados entre os não alemães, também são estudados por autores que analisam alemães.

Das 39 produções que estudam naturalistas alemães foram encontrados dezoito viajantes naturalistas em 89 citações, sendo Martius (20) o mais mencionado, seguido de Spix (14), Rugendas (11), Wied-Neuwied (10) e Eschwege (9), conforme pode ser observado no Quadro C1. Para facilitar a identificação de autores com mesmo sobrenome acrescentou-se as iniciais dos prenomes³⁴.

Quadro 1- Naturalistas viajantes alemães do século XIX em produções acadêmicas

Autor	Nº	Autores de teses e dissertações
MARTIUS	20	ALMEIDA AQX, 2021; ALMEIDA MF, 2012; ARAUJO KF, 2019; ARAUJO LM, 2021; AUGUSTIN, 2003; BAILAO, 2022; BARBOSA, 2019; BRANCO, 1995; CALDEIRA, 2006; CARVALHO, 2012; COELHO, 2021; CORRÊA, 1997; COSTA, 2008; MARCIAL, 2008; MATTOS, 2025; MOSCATO, 2017; NAXARA, 1999; OLIVEIRA, 2021; RIBEIRO, 2004; SILVA APN, 2022; TAVARES, 2014
SPIX	15	ARAUJO KF, 2019; ARAUJO LM, 2021; AUGUSTIN, 2003; BAILAO, 2022; BARBOSA, 2019; CARVALHO, 2012; COELHO, 2021; CORRÊA, 1997; COSTA, 2008; MARCIAL, 2008; MATTOS, 2025; MOSCATO, 2017; RIBEIRO, 2004; SILVA APN, 2022; TAVARES, 2014
RUGENDAS	11	ALMEIDA AQX, 2021; ARAUJO KF, 2019; BAILAO, 2022; BARBOSA, 2019; CARVALHO, 2012; CORRÊA, 1997; LIMA, 2000; MACHADO, 2009; MATTOS, 2025; NAXARA, 1999; SANTOS, 1993
WIED-NEUWIED	10	ALMEIDA MF, 2012; ARAUJO KF, 2019; CAMILO, 2006; MARCIAL, 2008; MATTOS, 2025; MOSCATO, 2017; PEREIRA, 2004; SILVA DGB, 2002; SILVA IL, 2011; SONEGHETI, 2020
ESCHWEGE	9	ALMEIDA AQX, 2021; ALMEIDA MF, 2012; ARAUJO KF, 2019; AUGUSTIN, 2003; CASTRO, 2012; CARVALHO, 2012; DEMETRIO, 2020; MACHADO, 2009; MOSCATO, 2017
AVÉ-LALLEMANT	4	COELHO, 2021; COSTA, 2023; MACIEL, 2003; PERES, 2009
BURMEISTER	3	CARVALHO, 2012; ALMEIDA AQX, 2021; ARAUJO KF, 2019
FREIREYSS	3	ALMEIDA AQX, 2021; ARAUJO KF, 2019; NAXARA, 1999
STEINEN	3	ALMEIDA MF, 2012; BAILAO, 2022; SILVA EP, 2002
LANGSDORFF	2	ARAUJO KF, 2019; MASON, 1996
TERESA DA BAVIERA	2	ARAUJO KF, 2019; SONEGHETI, 2020
SELLOW	1	JUNGHANS, 2017
IHERING	1	CORRÊA, 1997
EHRENREICH	1	BEZERRA, 2021
CANSTATT	1	ARAUJO KF, 2019
FELDNER	1	ARAUJO KF, 2019
GERBER	1	ARAUJO KF, 2019
HALFELD	1	ARAUJO KF, 2019

Fonte: elaborado por Mascarenhas (2025), a partir de dados da CAPES

³¹ Albert Mocquerys ; Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (9); François-Louis Nomparr de Caumont Laporte, Conde de Castelnau; Jean-Baptiste Debret

³² Alfred Russel Wallace; Henry Walter Bates; Maria Graham; Richard Francis Burton

³³ Elizabeth Cary Agassiz; Richard Lynch Garner

³⁴ A maioria (20) das produções analisa um naturalista, seis analisam dois viajantes, cinco analisam três, quatro analisam quatro, um analisa cinco, um analisa seis e um analisa treze naturalistas.

Quanto ao tema das 39 produções sobre naturalistas alemães a principal é a análise da natureza e da paisagem (14), sendo Amazônia (4), Minas Gerais (4) Rio de Janeiro (2), Espírito Santo (1), Goiás(1), Mato Grosso (1) e Pernambuco (1) as unidades da federação citadas, em seguida aparecem indígenas (8), formação da nação (3), meio ambiente (3), Linguística (2), desenvolvimento científico (2), 1 botânica (1), etnocentrismo (1), geologia (1), modo de vida (1), e quilombo (1) e somente uma produção se refere a coleta, especificamente de plantas para museu (Araujo LM, 2021).

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Anaeli Queren Xavier. **Chegar e partir do Capão do Lana: Arqueologia de um pouso de viajantes**. 2021. 269 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

ALMEIDA, Marcelo Fetz de. **Entre razão e fruição: formação e presença da Segunda Revolução Científica no Brasil (XVIII e XIX)**. 2012 540 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ALMEIDA, Marli Auxiliadora de. **Cibaé Modojebádo - a Rosa Bororo e a "Pacificação" dos Bororo Coroado**. 2002. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

ARAUJO, Karita de Fatima. **Da inconfidência à luz da ciência: o pensamento geográfico nos viajantes do século XIX por Minas Gerais**. 2019. 442 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ARAUJO, Lucas Monteiro de. **O que os viajantes levaram? a cultura material marajoara em invenção nos museus brasileiros e norte-americanos**. 2021. 320 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

AUGUSTIN, Günther Herwig. **Viagens pelo novo mundo - olhar europeu e interculturalidade na literatura de viagem de Eschwege, Spix e Martius**. 2003. 303 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BAILAO, Andre Sicchieri. **Tropicalidades múltiplas: as matas, os campos e as viagens naturalistas no século XIX**. 2022. 305 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BARBOSA, Helton Santos Lopes. **As transformações históricas e a dinâmica atual da paisagem da Serra do Lenheiro, São João Del-Rei, Minas Gerais**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del Rei, 2019.

BEZERRA, Diego Michel Nascimento. **A gramatização do Apurinã no século XIX: língua, sujeito e espaço.** 2021. 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

BRANCO, Luciana Villas Boas Castelo. **A contribuicao linguistica de Von Martius.** 1995. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

CALDEIRA, Claudia Passos. **Revisitando o ethos indígena e a nação no caminho da construção das identidades.** 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CAMILLO, Tiago de Araujo. **Entre febres e feras, o imigrante vai à floresta: a saúde e o meio ambiente na formação da Colônia de Santa Leopoldina-ES - 1856-1900.** 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

CARVALHO, Francisco de Assis. **Entre a palavra e o chão: memória toponímica da Estrada Real.** 2012. 535 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CASTRO, Conceição Aparecida de. **Sertão do Alto São Francisco, Minas Gerais: uma representação da paisagem a partir dos relatos de viagem e da Cartografia do Barão de Eschwege.** 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Tratamento da Informação Espacial) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

COELHO, Andre De Barros. **A cidade escrita na Amazônia: Belém-PA, urbanismo e literatura na virada do século (1880-1920).** 2021. 168 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CORRÊA, Margarida Maria Da Silva. **Da construção do olhar europeu sobre o Novo Mundo ao (Re) Descobrimento do Reino Tropical.** 1997. 318 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

COSTA, Carla Silvane da Silva. **Quilombos do andirá: do processo de construção da região do baixo Amazonas na perspectiva dos viajantes naturalistas à interpretação científica sob a ótica de professores/pesquisadores na contemporaneidade.** 2023. 155 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023.

COSTA, Willas Dias da. **Escola do Laranjal: processos educativos em terra indígena no Lago Ayapuí e a construção da identidade mura na região do Purus.** 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

DEMETRIO, Gilson Junio de Andrade. **Do Ouro Ao Diamante - A paisagem da mineração no Alto Vale do Jequitinhonha: estudo do Complexo Arqueológico Borbas, século XIX, Diamantina/MG.** 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em

Ciências Humanas) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020.

JUNGHANS, Miriam Elvira. **Ordenar o mundo e sondar a natureza: o projeto humboldtiano de Friedrich Sellow (1789-1831)**. 2017. 199 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

LIMA, Madalena Quaresma. **Aspectos da vida cotidiana na cidade do Rio de Janeiro na visão de três viajantes estrangeiros: Debret, Rugendas e Maria Graham**. 2000. 234 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

LIMA, Rachel Correa. **Coleção Mocquerys de armas africanas do Museu Nacional: a biografia como estratégia de preservação**. 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) - Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2019.

MACHADO, Maria Márcia Magela. **Construindo a imagem geológica do Quadrilátero Ferrífero: conceitos e representações**. 2009. 256 f. Tese (Doutorado em Geologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MACIEL, Benedito do Espírito Santo Pena. **Identidade como novas possibilidades: etno-história e afirmação étnica dos Cambeva na Amazônia Brasileira**. 2003. 195 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2003.

MARCIAL, Naíme Mansur. **Colonizador, puris e botocudos: guerra justa, aculturação na Bacia do Rio Doce (1808-1831)**. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Vassouras, Vassouras, 2008.

MASON, Adelheid. **Os discursos de Langsdorff na Redescoberta do Brasil**. 1996. 151 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar de Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MATTOS, Victoria Couto Alvim de. **Vozes que ecoam da floresta: a história ambiental indígena da Mata Atlântica Friburguense (RJ)**. 2025. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

MOSCATO, Daniela Casoni. **O viajante não está só; a cultura científica em memórias sobre o Brasil e as ligações entre os naturalistas luso-brasileiros do século XVIII e os viajantes cientistas do século XIX**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Sobre o campo e cidade olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. 1999. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

OLIVEIRA, Thainy Miranda. **História das plantas medicinais no Brasil – contribuições da etnobotânica**. 2021. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Naturais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2021.

PEREIRA, Albina Luciani Albuquerque. **Imagens e Palavras: Os Indígenas na Expedição Científica de Wied-Neuwied ao Brasil (1815-1817)**. 2004. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

PERES, Jackson Alexsandro. **Entre as matas de araucárias: cultura e história Xocling em Santa Catarina (1850-1914)**. 2009 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RIBEIRO, José Eustáquio. **Viagens, Viajantes e Livros de Viagem: Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1950)**. 2004. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2004.

SANTOS, Amandio Miguel dos. **Solo es mãe gentil a questão da pintura de paisagem caráter e natureza do Brasil**. 1993. 235 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SILVA, Ana Paula Nunes da. **E através das palavras se desvelaram os mais recônditos confins de dentro: quatro relatos sobre os sertões da capitania de Pernambuco (1774-1820)**. 2022. 159 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino da. **O espelho de clio: olhares em choque sobre o novo mundo**. 2002 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SILVA, Edil Pedroso da. **O cotidiano dos viajantes nos caminhos fluviais de Mato Grosso 1870-1930**. 2002. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

SILVA, Igor de Lima e. **Maximiliano de Wied-Neu-wied e os indígenas do Brasil**. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2011.

SONEGHETI, Sabrina. **Pesquisando a história ambiental e aprendendo biologia com a produção de um teatro científico: uma proposta com abordagem investigativa**. 2020. 169 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Profbio Ensino de Biologia em Rede Nacional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

TAVARES, Hugo Moura. **Sobre o céu, a terra, a água e o ar: representações de viajantes ilustrados sobre a Amazônia entre 1735 e 1815**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.